

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO**

ISADORA HELENA MARTINS

**JORNALISMO COMO DISPOSITIVO DE AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA
AMBIENTAL: ANÁLISE DO PROGRAMA CIDADES E SOLUÇÕES**

**CAXIAS DO SUL
2021**

ISADORA HELENA MARTINS

**JORNALISMO COMO DISPOSITIVO DE AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA
AMBIENTAL: ANÁLISE DO PROGRAMA CIDADES E SOLUÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, na Universidade de Caxias do
Sul.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maria Luiza
Cardinale Baptista

CAXIAS DO SUL

2021

ISADORA HELENA MARTINS

**JORNALISMO COMO DISPOSITIVO DE AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA
AMBIENTAL: ANÁLISE DO PROGRAMA CIDADES E SOLUÇÕES**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito obrigatório
para obtenção do grau de Bacharel em
Jornalismo, na Universidade de Caxias do
Sul.

Aprovado em: ____/____/2021.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Dra. Alessandra Paula Rech
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Profa. Ma. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul – UCS

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus, pelo dom da vida e por Ele ter me conservado com saúde durante o período de realização desta monografia, que coincidiu com um dos momentos mais complexos da história da humanidade, devido à pandemia de Covid-19.

Aos meus pais, José Henrique Martins e Izaura Maria Tomé Martins, que sempre me apoiam nas minhas escolhas e me incentivam a seguir meus sonhos, muito obrigada! Mesmo sem terem as mesmas oportunidades de estudo, nunca mediram esforços para garantir essa possibilidade para mim e meus irmãos. Sou grata também pela presença deles ao meu lado durante o desenvolvimento deste estudo. O carinho, amor e cuidado que eles dirigiram a mim neste período foram cruciais para que eu conseguisse concluir este trabalho. Amo vocês.

Aos meus irmãos, Tiago e Leandro, que são minha inspiração e que sempre me incentivam a abraçar os desafios e ir além. A parceria de vocês é essencial na minha vida. Também os amo! Aqui, estendo o agradecimento a toda a minha família - cunhadas, primos, primas, tios, tias, madrinhas, padrinho e avós— a qual agradeço a Deus todos os dias por fazer parte.

Aos meus amigos e amigas, que sempre estiveram ao meu lado, antes e durante o período da monografia. Muito obrigada pelas mensagens de carinho e de incentivo, por terem ouvido minhas angústias e terem compartilhado comigo as alegrias. Essa rede de apoio me sustentou, me deu coragem e foi fundamental para que eu chegasse até aqui. Espero, um dia, conseguir retribuir tudo o que fizeram por mim.

À minha orientadora, profa. Maria Luiza Cardinale Baptista, por ter me conduzido de forma amorosa pelas trilhas da pesquisa, gratidão imensa. Não tenho palavras para expressar quão valorosas foram as trocas que tivemos, o conhecimento compartilhado e, principalmente, a compreensão que você teve comigo nessa trajetória. Serei eternamente grata. Também quero agradecer a todos os mestres e funcionários da Universidade que contribuíram com a minha formação durante a graduação, compartilhando conhecimentos técnicos, mas, sobretudo, experiências de vida. Aproveito este espaço para recordar de todos os professores que passaram pela minha vida, desde o Ensino Fundamental e Médio, até o presente momento. Devo

muito do que sou a vocês e espero honrar todos os ensinamentos que compartilharam comigo!

Quero exprimir também gratidão às pessoas que encontrei nos locais de trabalho que frequentei até o momento: Ballet Margô, Cia. Matheus Brusa e Tua Rádio São Francisco. Esses espaços também são constituintes da minha essência e sou grata por todas as experiências vividas junto às pessoas que conheci durante a trajetória profissional.

Agradeço aos voluntários que concordaram em participar dessa pesquisa, contribuindo com suas percepções e visões de mundo. Ao jornalista André Trigueiro, que também disponibilizou seu tempo para contribuir com as reflexões acerca do Jornalismo Ambiental e da urgência de preservamos a vida no nosso planeta, gratidão!

Por fim - mesmo não sendo este o espaço destinado para isso - quero dedicar este trabalho a todos os brasileiros e brasileiras que, gostariam, mas não tiveram a oportunidade de frequentar o Ensino Superior por conta da falta de políticas públicas que promovam o livre e amplo acesso à Educação. Em um País, aonde os investimentos nesta área não são prioridade dos governos e se tornam cada vez mais escassos, fazer pesquisa é um privilégio de poucos e um ato de resistência.

“Todos os seres são iguais, pela sua origem, seus direitos naturais e divinos e seu objetivo final”.

São Francisco de Assis.

RESUMO

Esta monografia tem como tema o Jornalismo como dispositivo de ampliação de consciência ambiental. A pesquisa busca compreender quais são os elementos da narrativa jornalística do programa *Cidades e Soluções*, da GloboNews, que contribuem com o processo de entendimento sobre a urgência das mudanças necessárias do estilo de vida nas cidades, diante de uma crise ambiental sem precedentes. O referencial teórico contempla assuntos como Ciência Contemporânea, Jornalismo Ambiental; Jornalismo de Soluções; a função ecossocial do jornalismo; narrativa jornalística; a TV na interface com a educação ambiental; ecologia profunda; vida nas cidades; e o histórico do programa *Cidades e Soluções*. Para viabilizar o estudo, foi analisado um episódio do programa, intitulado “Lixo Zero – a reciclagem que reduz o lixo em até 90%”. A metodologia utilizada tem como base a Cartografia de Saberes, cunhada por Baptista (2014), juntamente com a Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2016), sob o viés da Pesquisa Qualitativa. Para alcançar os objetivos propostos, foram utilizadas as técnicas de revisão bibliográfica, de entrevista e de análise. Ao término do estudo, foi possível verificar, a partir dos resultados obtidos, que o programa *Cidades e Soluções* contribui com a ampliação de consciência ambiental dos telespectadores, por meio de uma narrativa “amigável”, que aponta soluções fáceis de serem assimiladas e implementadas pelas pessoas.

Palavras-chave: Jornalismo. Meio Ambiente. Televisão. Consciência. Cidades e Soluções.

ABSTRACT

This is a study on the importance of Journalism in raising environmental awareness. This research aims to understand which Narrative Journalism elements from the program Cidades e Soluções, produced by GloboNews, contribute to the process of understanding the urgency of changing lifestyles in cities, considering an unprecedented environmental crisis. The theoretical reference is based on subjects such as Contemporary Science; Environmental Journalism; Narrative Journalism; television as an educational resource; Deep Ecology; life in cities; and historical records of the program Cidades e Soluções. To make this study possible, it was analyzed an episode of the program named “Zero Garbage – the recycling process that reduces garbage by 90%”. The methodology used is based on the Knowledge Cartography, created by Batista (2014), as well as Content Analysis, proposed by Bardin (2016), under the bias of qualitative research. To reach the determined goals were used literature review techniques throughout the interview and the analysis. At the end of this study, it was possible to observe, considering the obtained results, that the program Cidades e Soluções contributes to the broadening of the ecological consciousness of the audience through a friendly narrative that indicates easy solutions that can be understood and implemented by people.

Keywords: Journalism. Environment. Television. Consciousness. Cidades e Soluções.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Demonstração da integração dos 17 ODS.....	43
Figura 2 – Pensamentos e valores relacionados à Ecologia Profunda.....	66
Figura 3 – André Trigueiro apresentando o início do episódio “Lixo Zero” em um depósito de resíduos no Rio de Janeiro.....	103

LISTA DE SIGLAS

ABJC	Associação Brasileira de Jornalismo Científico
Fenaj	Federação Nacional dos Jornalistas
GC	Gerador de caractere
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
SBPC	Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
1.1 UM OLHAR VOLTADO PARA O CHÃO.....	19
2 METODOLOGIA	22
2.1 FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA	22
2.2 PESQUISA QUALITATIVA.....	26
2.3 CARTOGRAFIA DE SABERES.....	28
2.3.1 Saberes Pessoais	29
2.3.2 Saberes Teóricos	30
2.3.3 Usina de Produção	32
2.3.4 Dimensão Intuitiva	34
3 JORNALISMO NA INTERFACE COM O MEIO AMBIENTE	36
3.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE JORNALISMO.....	37
3.1.1 Breve Histórico	38
3.1.2 Função Ecosocial do Jornalismo	41
3.2 SEGMENTAÇÃO DO JORNALISMO	46
3.2.1 Jornalismo Ambiental	47
3.2.2 Jornalismo de Soluções	50
3.3 TELEVISÃO E A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NO JORNALISMO AMBIENTAL.....	52
3.3.1 TV: Um breve histórico da criação e popularização do veículo no Brasil.	53
3.3.2 Aprofundar para educar: o desafio da TV na Idade Mídia	58
3.4 NARRATIVA JORNALÍSTICA	61
4 ECOLOGIA PROFUNDA	64
4.1 A ECOLOGIA PROFUNDA COMO O NOVO PARADIGMA	64
4.1.1 Ampliação de Consciência	67
4.2 O OLHAR SISTÊMICO NO JORNALISMO	70
5 VIDA NAS CIDADES	74
5.1 FORMAÇÃO DOS CENTROS URBANOS.....	74
5.1.1 Modo de vida nas cidades	77
5.2 CIDADES E SOLUÇÕES	79

5.2.1 O idealizador do Cidades e Soluções.....	80
6 ANÁLISE DE CONTEÚDO	84
6.1 PRÉ-ANÁLISE.....	84
6.1.1 Leitura Flutuante	85
6.1.2 A Escolha dos Documentos	86
6.1.3 A Formulação das Hipóteses e dos Objetivos.....	87
6.1.4 A Referenciação dos Índices e a Elaboração de Indicadores	88
6.1.5 A Preparação do Material	90
6.2 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL	91
6.2.1 Resumo das Entrevistas com os Voluntários.....	92
6.2.1.1 Entrevistado A – Masculino – 37 anos	92
6.2.1.2 Entrevistado B – Feminino – 24 anos.....	94
6.2.1.3 Entrevistado C – Masculino – 32 anos	96
6.2.1.4 Entrevistado D – Feminino – 23 anos.....	98
6.2.1.5 Entrevistado E – Feminino – 22 anos.....	100
6.2.2 Decupagem e análise interpretativa do episódio	103
6.2.2.1 Trecho 1 – 0’00” até 0’53”	104
6.2.2.1.1 <i>Contexto das cenas.....</i>	104
6.2.2.1.2 <i>Análise.....</i>	105
6.2.2.2 Trecho 2 – 2’59” até 3’33”	106
6.2.2.2.1 <i>Contexto das cenas.....</i>	106
6.2.2.2.2 <i>Análise.....</i>	107
6.2.2.3 Trecho 3 – 3’43” até 5’13”	108
6.2.2.3.1 <i>Contexto das cenas.....</i>	108
6.2.2.3.2 <i>Contexto das Cenas.....</i>	109
6.2.2.3.3 <i>Análise.....</i>	110
6.2.2.4 Trecho 4 – 6’19” até 7’16”	110
6.2.2.4.1 <i>Contexto das cenas.....</i>	111
6.2.2.4.2 <i>Análise.....</i>	111
6.2.2.5 Trecho 5 – 5’14” até 5’59”	112
6.2.2.5.1 <i>Contexto das cenas.....</i>	112
6.2.2.5.2 <i>Análise.....</i>	113
6.2.2.6 Trecho 6 – 7’18” até 8’36”	114

6.2.2.6.1 Contexto das cenas.....	114
6.2.2.6.2 Análise.....	115
6.2.2.7 Trecho 7 – 9’55” até 11’26”	116
6.2.2.7.1 Contexto das cenas.....	116
6.2.2.7.2 Análise.....	118
6.2.2.8 Trecho 8 – 11’42” até 12’46”	119
6.2.2.8.1 Contexto das cenas.....	120
6.2.2.8.2 Análise.....	121
6.2.2.9 Trecho 9 – 13’41” até 14’13”	122
6.2.2.9.1 Contexto das cenas.....	122
6.2.2.9.2 Análise.....	123
6.2.2.10 Trecho 10 – 14’37” até 15’15”	124
6.2.2.10.1 Contexto das cenas.....	124
6.2.2.10.2 Análise.....	125
6.2.2.11 Trecho 11 – 15’58” até 16’29”	126
6.2.2.11.1 Contexto das cenas.....	126
6.2.2.11.2 Análise.....	127
6.2.2.12 Trecho 12 – 17’16” até 18’02”	128
6.2.2.12.1 Contexto das cenas.....	128
6.2.2.12.2 Análise.....	128
6.2.2.13 Trecho 13 – 18’09” até 20’59”	129
6.2.2.13.1 Contexto das cenas.....	129
6.2.2.13.2 Análise.....	131
6.2.2.14 Trecho 14 – 21’00” até 21’28”	132
6.2.2.14.1 Contexto das cenas.....	132
6.2.2.14.2 Análise.....	133
6.2.3 Análise Comparativa	136
6.2.3.1 Entrevistado A – Masculino – 37 anos	137
6.2.3.2 Entrevistado B – Feminino – 24 anos.....	138
6.2.3.3 Entrevistado C – Masculino – 32 anos	138
6.2.3.4 Entrevistado D – Feminino – 23 anos.....	139
6.2.3.5 Entrevistado E – Feminino – 22 anos.....	141
6.3 ENTREVISTA COM ADRÉ TRIGUEIRO.....	143
6.3.1 Decupagem da entrevista com André Trigueiro	144

6.3.2 Análise da entrevista com André Trigueiro	149
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	154
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	158
APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA COM OS VOLUNTÁRIOS	163
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	165
ANEXO A – PROJETO DE PESQUISA	166

1 INTRODUÇÃO

“[...] uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano”.

Papa Francisco

Pensar a vida como um sistema único e integrado, como seres atravessados por tramas objetivas e subjetivas que se conectam, talvez seja o caminho para construir uma sociedade de acordo com o sentido estrito da palavra: seres que convivem e prezam pelo bem comum. Como traz Papa Francisco na *Carta Encíclica Laudato Si*¹, entender a ecologia integral, ou seja, a interdependência entre seres humanos e natureza, é um ponto crucial para promover a ampliação de consciência a respeito do meio ambiente e utilização dos seus recursos. O papa cita, ainda, que é preciso desenvolver uma compreensão, para além do que a ciência conhece sobre a vida e buscar a essência que permeia todos os seres que habitam a casa comum. (FRANCISCO, 2015).

As discussões mundiais a respeito de questões ambientais, contudo, não começaram em 2015 com a Encíclica, que voltou a chamar atenção para as consequências da ação humana no planeta. Os debates sobre ecologia e sustentabilidade atravessam gerações. Nesse sentido, o Jornalismo assume um papel fundamental, quando passa a veicular informações e dados sobre o meio ambiente, reportar as mudanças climáticas, divulgar estudos científicos sobre o tema e cobrir grandes conferências do clima marcadas por encontros de líderes mundiais. Assim, por meio do jornalismo, as pesquisas, as discussões e decisões sobre o meio ambiente podem chegar aos cidadãos, que também são agentes dessas mudanças.

No escopo do Jornalismo Ambiental, existem reflexões importantes a serem feitas, pois as formas de narrativas podem fazer com que a comunicação ocorra ou não. É preciso refletir qual é o papel do jornalismo e a função que este deve desempenhar na sociedade contemporânea, que é caracterizada por um caos informacional, a fim de contribuir para uma ampliação de consciência coletiva a respeito das emergências ambientais. Um dos caminhos é promover o conhecimento

¹ Significa “Louvado Seja”. A encíclica foi publicada em 2015. Foi a primeira carta do papado de Francisco e a primeira Encíclica da história da Igreja Católica, voltada para questões ambientais.

e a educação ambiental, por meio das pautas jornalísticas. Esta é uma trilha desafiadora, que exige profissionais qualificados, bem como uma reflexão ética e responsável dos veículos de comunicação frente à sociedade econômica e socialmente globalizada. Nesse sentido, o fazer jornalístico possibilita diversos caminhos e ângulos de abordagem como esta pesquisa procura exemplificar, por meio da análise do programa de televisão *Cidades e Soluções*.

Criar um conteúdo jornalístico para televisão com o mote meio ambiente é um projeto bastante ousado, por não se encaixar na curva de produtos comunicacionais que estão no circuito comercial. Do ponto de vista do mercado da Comunicação, um programa com essas características pode não ser tão rentável para a emissora. Mas aí entra a responsabilidade social e a ética da profissão: garantir o direito à informação². É por meio dessa relação entre o fazer jornalístico e o contato com o grande público que se espera gerar uma ampliação de consciência que reflita em mudanças reais no modo de vida e inter-relação entre todos os seres.

A presente pesquisa, portanto, busca uma possível resposta para a pergunta: “Quais são os aspectos da narrativa jornalística presentes no programa *Cidades e Soluções* que contribuem para ampliação da consciência ambiental?”. Essa busca também vem ao encontro do movimento que se observa no jornalismo, em que as pautas relacionadas à ecologia, aos efeitos da ação humana na natureza e em como essas consequências impactam na qualidade de vida estão cada vez mais presentes nas redações. Ressalta-se, contudo, que é necessário ir além do que apenas reportar os desastres ambientais. Cientistas alertam que a humanidade precisa agir com rapidez e prevenir o desgaste ambiental da Terra, antes que as consequências sejam irreversíveis.

Diante dessa realidade, o jornalismo também precisa atuar de forma mais propositiva, divulgando informações e abordando pautas que possam contribuir para o entendimento de que é preciso preservar a natureza e prevenir a destruição das matas nativas, dos oceanos, da fauna e dos ares. A conscientização passa pela educação. Por sua vez, a educação pressupõe o diálogo, o debate o confronto de ideias. Segundo um dos maiores pensadores da Educação no Brasil, o pedagogo Paulo Freire, o ser humano é, por essência, dialético e precisa do diálogo para construir relações, tanto com os semelhantes quanto com o mundo ao seu redor. Em

² Direito à informação está previsto no artigo 5º, incisos, XIV e XXXIII da Constituição Federal e sua garantia está determinada no artigo 1º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

sua obra *Extensão ou comunicação?*, Freire (2020, p. 51) afirma: “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o ‘pronunciam’, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam para a humanização de todos”.

Dessa forma, a presente pesquisa traz como o objetivo principal analisar quais são os elementos da narrativa jornalística do programa *Cidades e Soluções* que se configuram como dispositivos de ampliação de consciência em relação ao meio ambiente. Para este fim, foram estabelecidos como objetivos específicos deste trabalho monográfico: a) conceituar Jornalismo Ambiental; b) analisar a narrativa do programa *Cidades e Soluções*; c) identificar como as abordagens do Jornalismo Ambiental no programa *Cidades e Soluções* podem contribuir para ampliação da consciência sobre o meio ambiente; d) discutir a importância do Jornalismo Ambiental para a sociedade contemporânea.

Para alcançar tais objetivos a pesquisa foi organizada em sete capítulos. A seguir, ainda nesta introdução, o leitor é convidado a conhecer o processo que levou a pesquisadora a escolher este enfoque para a incursão investigativa. Intitulado *Um olhar voltado para o chão*, o subcapítulo visa apresentar o pesquisador sujeito, cujo dado se torna relevante para compreender a linha de abordagem do presente trabalho. No segundo capítulo, é apresentada a metodologia base sobre a qual esta pesquisa foi desenvolvida. A estrutura principal do processo de investigação é a Cartografia de Saberes, de Maria Luiza Cardinale Baptista (2014). Para a discussão sobre Ciência Contemporânea e Pesquisa Qualitativa, cujas abordagens foram incorporadas a esta pesquisa, buscou-se os estudos de Boaventura de Sousa Santos (2003), de Antônio Joaquim Severino (2007), de Mirian Goldenberg (1999) e de Maria Cecília de Souza Minayo (2010). Por fim, para dar conta do embasamento do procedimento de análise de conteúdo, também estão presentes neste trabalho os conceitos documentados por Laurence Bardin (2016).

O terceiro capítulo traz como foco principal a reflexão sobre o jornalismo e a sua função ecossocial. Como embasamento teórico desta parte da investigação são citados Nelson Traquina (2001; 2005), Michael Kunczik (1997), Fritjof Capra (2004; 2012), André Lemes da Silva (2007) e Margarida M. Krohling Kunsch (1996). Com foco no tema da pesquisa, também será abordado o Jornalismo Ambiental e de soluções, com as contribuições de Eloisa Beling Loose e Ilza Maria Tourinho Girardi (2009), Sergio Vilas Boas (2004), Belmonte (2015) e Mariana Göelzer de Souza (2017). Por fim, para possibilitar posterior análise de conteúdo, neste capítulo será

contemplado o jornalismo na televisão, bem como a reflexão sobre as narrativas com estudos de Rosa Maria Bueno Fischer (2001), Vera Íris Paternostro (2006), Luciana Bistane e Luciane Bacellar (2008), Edvaldo Pereira Lima (2004) e Edson Fernando Dalmonte (2011).

A pesquisa também buscou trazer uma breve referência sobre Ecologia Profunda e pensamento sistêmico, para poder realizar a conexão com o jornalismo e com o programa analisado. Essa abordagem está presente no quarto capítulo elaborado a partir das referências: Fritjof Capra (2004; 2010), André Trigueiro (2012) e Eduardo Geraque (2004; 2018). Já o capítulo seguinte – o capítulo cinco – traz como núcleo de informação a vida nas cidades, o modo como as pessoas se relacionam com os centros urbanos. Essa abordagem é relevante para a pesquisa, uma vez que o material analisado também tem como foco o meio ambiente urbano, além de trazer exemplos e soluções que tornam o modo de vida nas cidades mais sustentável. A arquiteta Raquel Rolnik (1994) é a principal fonte de referência sobre o histórico de como surgiram os centros urbanos e sobre como se constituiu o modo de vida nas cidades. Para apresentar o *Cidades e Soluções*, buscou-se referências no livro homônimo, de autoria de André Trigueiro (2017), que também é o idealizador e Editor-chefe do programa.

O sexto capítulo consiste na parte prática da análise de um dos episódios do programa *Cidades e Soluções*, chamado “Lixo Zero - a reciclagem que reduz o lixo em até 90%”. Nesta etapa, a pesquisa buscou compreender se o conteúdo jornalístico analisado contém elementos que se configuram como dispositivos de ampliação de consciência ambiental dos espectadores e quais são esses elementos. Como base teórica deste percurso, buscou-se os métodos de Análise de Conteúdo de Laurence Bardin (2016) e o cruzamento de informações com os autores já citados.

Por fim, no sétimo e último capítulo, constam as considerações finais de toda a pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo realizadas neste percurso investigativo. É importante destacar que a presente pesquisa não tem como pretensão confirmar uma hipótese, elucidar um fenômeno ou chegar a uma conclusão final sobre o tema, mas, sim, provocar uma reflexão acadêmica sobre a importância da abordagem ambiental no jornalismo e como essas narrativas podem impactar na ampliação de consciência da sociedade.

1.1 UM OLHAR VOLTADO PARA O CHÃO

A definição de um objeto de pesquisa, para além do cumprimento do processo burocrático de um trabalho científico, dialoga com as subjetividades do autor. Não poderia ser diferente, pois sem o fator paixão, não há o sentido de existir. Sendo assim, o presente trabalho vem ao encontro do conceito “Paixão-Pesquisa”³, cunhado pela Prof^a. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista, também orientadora desta pesquisadora.

Quando fui instigada pelo próprio transcorrer do percurso acadêmico a refletir sobre a temática e objeto de pesquisa da Monografia, pensei em diversos assuntos ligados ao Jornalismo, que é um universo imenso, com tantas possibilidades que enchem um jovem pesquisador de deslumbramento. A realidade, no entanto, me puxou para o chão e percebi que era ali que morava o meu objeto de pesquisa. No chão que precisa ser olhado e cuidado; na terra, que sofre com o descaso e insensibilidade da sociedade; no planeta, que agoniza com a inação dos governos; nos povos e seres, que estão desaparecendo sob uma economia desleal e injusta com a vida.

Sim, é duro este pensamento e esta sensação de que o nosso tempo está se esgotando, por isso, as ações capazes de mudar o rumo da sociedade precisam ser tomadas com urgência por todos e em prol da vida de todos. Diante dessas inquietações, percebi que o jornalismo é um caminho que pode contribuir com a ampliação de consciência coletiva pela qual o mundo clama. Quando parei para analisar o que já está sendo feito nesse sentido, notei que as pautas ambientais têm ganhado mais espaço nos noticiários e veículos de comunicação, tanto tradicionais quanto alternativos, nos últimos anos. Também notei a presença efetiva do jornalismo de dados, para enriquecer a informação e dar clareza para os fatos, principalmente os ligados a desmatamentos, queimadas, poluição, mudanças climáticas entre outros. Ao vasculhar as abordagens ambientais realizadas pela imprensa, no entanto, foi difícil encontrar esperança. Não a esperança no sentido de esperar, mas a esperança que nos move para participar da mudança e acreditar em dias melhores.

³ Mais informações sobre o conceito e a metodologia estão disponíveis no artigo *Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação: desafios e perspectivas metodológicas*. (BAPTISTA, 2001).

Os assuntos delicados relacionados à “vida como ela é” precisam ser relatados. Apesar disso, há o questionamento: como lidar com uma narrativa que atinja os afetos das pessoas, sem lhes roubar a alegria e a esperança, e instigá-las para a construção de um mundo melhor? A partir deste questionamento, surgiram ideias, trilhas possíveis para iniciar a jornada da pesquisa.

Uma das trilhas apontou para a educação ambiental. Saber como utilizar os recursos oriundos da natureza com responsabilidade e saber como descartar corretamente os rejeitos produzidos pelas nossas atividades são aspectos fundamentais para a manutenção de um meio ambiente saudável. Aonde, contudo, obtemos essas informações? Na escola? Na universidade? Em campanhas educativas? E quem não tem acesso a esses meios? Aí entra o papel do jornalismo: dar conta dessas informações de forma didática e criativa, no sentido de que as “instruções” possam ajudar a promover uma ampliação de consciência, para, só então, se traduzir em ações.

Outra trilha que se materializou foi a do próprio Jornalismo Ambiental. Decidi, então, pesquisar qual é a história deste segmento da profissão, o que já se construiu até o momento e o que será necessário dos novos profissionais que irão enveredar por esta área. Entendo que é preciso promover esta discussão no âmbito acadêmico, instigar a formação de jornalistas que queiram atuar com o foco no meio ambiente, pois, será cada vez mais necessário abordar pautas referentes ao tema, que está interconectado com as demais áreas do conhecimento e da vida cotidiana.

Por fim, quando passei a refletir mais sobre o tema, principalmente sobre os aspectos propositivos e educativos que podem estar imbuídos nas produções jornalísticas, me ocorreu o exemplo do programa veiculado na GloboNews, *Cidades e Soluções*⁴. A ideia também foi reforçada a partir da leitura do livro homônimo. Assim, o elegi como objeto empírico de análise, para exemplificar como as abordagens jornalísticas referentes ao meio ambiente podem ser contributivas, no sentido de contar histórias e mostrar ações que dão certo, para que possam servir de modelo para a sociedade. O conteúdo também foi escolhido, por utilizar uma linguagem didática e uma narrativa de fácil compreensão, mesmo quando trata de termos técnicos.

⁴ O programa *Cidades e Soluções* foi criado em 2006 pelo jornalista André Trigueiro, juntamente com a equipe da Globo News.

Assim, nasceu o objeto de pesquisa e sua problematização, juntamente com o sonho de uma graduanda em Jornalismo: contribuir com a sociedade, seja exercendo o caminho de pesquisadora ou/e exercendo a profissão em prol de um mundo mais humano e solidário com todas as formas de vida que o habitam.

2 METODOLOGIA

“Não há ensino sem pesquisa
e pesquisa sem ensino”.

Paulo Freire

A análise de áreas ligadas à vida - como, neste caso, a Comunicação e o Meio Ambiente - requer uma metodologia diversa e transdisciplinar, capaz de permitir tal estudo. Considerando que a presente pesquisa aborda o surgimento, a estruturação e a aplicação do jornalismo como dispositivo de ampliação de consciência ambiental, o campo metodológico se expande e permeia por trilhas objetivas e subjetivas dos saberes, pautados, principalmente, na Ciência Contemporânea.

Neste capítulo, serão apresentadas as trilhas metodológicas, utilizadas para a construção da presente pesquisa. Como base, encontra-se o método criado por Maria Luiza Cardinale Baptista (2014), chamado *Cartografia de Saberes*. A partir dos estudos de Boaventura de Sousa Santos (2003) e Antônio Joaquim Severino (2007), será detalhada a orientação epistemológica para a presente pesquisa, alinhada à Ciência Contemporânea. Para abordar a dimensão da Pesquisa Qualitativa, este capítulo traz as contribuições de Mirian Goldenberg (1999) e de Maria Cecília de Souza Minayo (2010). Por fim, para dar conta do embasamento do procedimento de Análise de Conteúdo, também presente neste trabalho, serão utilizados os conceitos documentados por Laurence Bardin (2016).

2.1 FUNDAMENTOS DA CIÊNCIA CONTEMPORÂNEA

Conforme Severino (2007), a ciência surgiu com o intuito de ser um saber único constituído por somente uma estratégia metodológica, como ocorreu com as Ciências Naturais. Apesar disso, quando estudiosos passaram a se ocupar das Ciências Humanas, permeadas de tramas que se interconectam entre as peculiaridades de cada ser, rompeu-se o caráter de unicidade metodológica, em função da necessidade de buscar referências em diversas trilhas epistemológico-teóricas, para dar conta da sua complexidade. O autor também destaca a variedade dos procedimentos que podem ser adotados, em um trabalho científico, na sua própria definição de metodologia: “Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas

operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos” (SEVERINO, 2007, p. 102).

Para explicar a orientação epistemológica da presente pesquisa, também cabe trazer as contribuições de Boaventura de Sousa Santos (2003). No livro *Um Discurso Sobre as Ciências*, o autor contextualiza o surgimento da Ciência Moderna (século XVI ao XIX), aponta os aspectos da crise deste paradigma e faz a fundamentação do paradigma emergente, que constitui as bases da Ciência Contemporânea (séculos XX a XXI).

A Ciência Moderna privilegia o modo como os fenômenos funcionam, e não os agentes que são relacionados a esse funcionamento. Também prioriza a finalidade de existência desses fenômenos, ou seja, estabelece uma relação maniqueísta, no momento da pesquisa. Esta ciência se apoia na causa formal dos acontecimentos, excluindo as intenções. Neste contexto, fixou-se a ideia da mecânica newtoniana, em que o mundo é uma máquina em que se pode determinar as operações, baseadas nas leis da Física, que são determinantes e estáticas. (SANTOS, 2003)

Dessa forma, segundo Santos (2003, p. 31-32), constituía-se uma ideia de dominância das classes privilegiadas, com base nestas leis, que, supostamente, permitiam certa previsibilidade de fenômenos naturais e sociais:

O determinismo mecanicista é o horizonte certo de uma forma de conhecimento que se pretende utilitário e funcional, reconhecido menos pela capacidade de compreender profundamente o real do que pela capacidade de o dominar e transformar. No plano social, é esse também o horizonte cognitivo mais adequado aos interesses da burguesia ascendente que via na sociedade em que começava a dominar o estágio final da evolução da humanidade (o estado positivo de Comte; a sociedade industrial de Spencer; a solidariedade orgânica de Durkheim). Daí que o prestígio de Newton e das leis simples a que reduzia toda a complexidade da ordem cósmica tenham convertido a ciência moderna no modelo de racionalidade hegemônica que a pouco e pouco transbordou do estudo da natureza para o estudo da sociedade.

A partir do século XIX, no entanto, as estruturas da Ciência Moderna começaram a ser questionadas, por não atenderem à complexidade inerente à explicação de alguns fenômenos. Santos (2003) argumenta que umas das crises do paradigma dominante era a separação entre Ciências Naturais e Ciências Sociais. Na Ciência Contemporânea, essa divisão não cabe à produção dos conhecimentos, pois os estudos humanísticos e da natureza estão interligados, assim como todos os outros, sendo necessário um caminho holístico, para a compreensão dos fenômenos.

A distinção dicotômica entre ciências naturais e ciências sociais deixou de ter sentido e utilidade. Esta distinção assenta numa concepção mecanicista da matéria e da natureza a que contrapõe, com pressuposta evidência, os conceitos de ser humano, cultura e sociedade. Os avanços recentes da física e da biologia põem em causa a distinção entre o orgânico e o inorgânico, entre seres vivos e matéria inerte e mesmo entre o humano e o não humano. (SANTOS, 2003, p. 61)

Nesse sentido, Santos (2003) ainda pontua teorias da ciência que determinam que a natureza possui uma consciência ampla e abrangente, que rege todo o sistema, sendo que esta condição não cabe apenas aos seres humanos. A vida inteligente está nas mais diversas instâncias, que transcendem os conhecimentos referentes às humanidades. Assim, reconhece-se “[...] uma dimensão psíquica da natureza, ‘a mente mais ampla’ de que fala Bateson, da qual a mente humana é apenas uma parte, uma mente imanente ao sistema social global e à ecologia planetária que alguns chamam de Deus”. (BATESON, 1985 apud SANTOS, 2003, p. 63)

Outra característica do chamado paradigma emergente, apresentado por Santos (2003), é o conhecimento total e local. Segundo o autor, a Ciência Moderna trabalhava com uma parcelização do conhecimento, isto é, uma especialização reducionista, a fim de enquadrar os estudos em uma disciplina metodológica, isolando o fenômeno do contexto. O paradigma emergente surge para romper com esse enquadramento reducionista e promover o conhecimento total e local, ou seja, uma produção científica mais abrangente, cuja fragmentação ocorre de forma temática e não disciplinar, como explica Santos (2003, p. 76):

Os temas são galerias por onde os conhecimentos progridem ao encontro uns dos outros. Ao contrário do que sucede no paradigma actual, o conhecimento avança à medida que o seu objecto se amplia, ampliação que, como a da árvore, procede pela diferenciação e pelo alastramento das raízes em busca de novas e mais variadas interfaces.

A Ciência Contemporânea também não é um conhecimento determinístico e descritivista. Assim, ela permite maior permeabilidade pelos estudos das condições e possibilidades das ações humanas, projetadas no mundo, a partir de um tempo-espaço. Isto é, as múltiplas trilhas metodológicas permitem formas de investigação, para além das determinadas e aceitas pela Ciência Moderna. (SANTOS, 2003)

Outro aspecto fundante do paradigma emergente é a aproximação/fusão do sujeito e objeto. Conforme Santos (2003), a Ciência Moderna nega o ‘lugar’ do pesquisador como sujeito, excluindo-o do processo de produção do conhecimento

científico. Na Ciência Pós-Moderna, contudo, já se compreende que essa separação integral entre o pesquisador e o objeto de pesquisa não existe. Diante desta premissa, o novo paradigma prega que todo o conhecimento é, ao mesmo tempo, autoconhecimento. O objeto é continuação do sujeito, logo, “a ciência não descobre, cria”, e esse ato criativo envolve os pesquisadores e a comunidade científica, que precisam, primeiramente, se conhecer, para só então produzir conhecimento. (SANTOS, 2003) Dessa forma, admite-se, durante o processo de pesquisa, que o sujeito não se abstenha de suas crenças, princípios e valores, bem como utilize recursos de investigação, oriundos de instâncias subjetivas, como poesia, arte, sentimentos e experiências sensoriais.

Os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação. A ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. (SANTOS, 2003, p. 83)

A ciência pós-moderna, documentada por Santos (2003), também tem como característica a permeabilidade do conhecimento científico para o senso comum. O autor argumenta que, diferentemente da Ciência Moderna, em que o conhecimento tecnológico permanece na instância da racionalidade científica, o paradigma emergente defende que “[...] nenhuma forma de conhecimento é, em si mesma, racional; só a configuração de todas elas é racional.” (SANTOS, 2003, p. 88). Essa premissa não nega a esfera do conhecimento popular, os saberes da vida, assim como não simplifica ou desqualifica os métodos científicos. A ideia, neste caso, é que as instâncias do saber possam se fundir, para que a ciência tenha condições de, cada vez mais, produzir sentido para toda a sociedade, de tal forma que este saber seja internalizado pelas pessoas. Nessa relação, objetos relacionados a situações cotidianas podem ser interessantes para a ciência, no sentido de valorizar as investigações e análises, a fim de “[...] reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo.” (SANTOS, 2003, p. 89).

Essa concepção do paradigma da Ciência Contemporânea permite estratégias metodológicas mais flexíveis e diversas, do que é frequente no modelo técnico-matemático, verificado na Ciência Moderna. Desse modo, em coerência com essa

nova visão, são constituídas as várias trilhas investigativas da presente pesquisa. Sendo assim, o objetivo não é quantificar dados e analisá-los, de forma restrita à sua expressão em números, mas, sim, analisar aspectos do jornalismo e suas narrativas, e seu potencial de ampliação da consciência coletiva, com foco na proteção do meio ambiente. Neste caso, aplica-se a pesquisa qualitativa e os princípios da Ciência Contemporânea, também contemplados na estratégia metodológica *Cartografia de Saberes*.

2.2 PESQUISA QUALITATIVA

A pesquisa é um processo de descobertas e criação, que requer disciplina, organização e vivências. Assim, conforme Goldenberg (1999), a construção do conhecimento científico não se limita a procedimentos metodológicos. A autora admite os acasos e imprevisibilidades ao afirmar que é impossível prever exatamente todas as etapas do processo de investigação, já que o pesquisador é um ser de conhecimentos limitados.

Desse modo, são diversas as possibilidades e os procedimentos que podem ser adotados pelo pesquisador, para coleta, análise, comparação e processamento de dados. Como citado anteriormente, principalmente no período de hegemonia da Ciência Moderna, a qualidade das pesquisas era medida pela quantidade de dados ou entrevistados. O que importavam eram os números ligados ao procedimento metodológico. Com o tempo, iniciaram os questionamentos sobre a isenção deste método e a discussão sobre as subjetividades do pesquisador, que permeiam o estudo, como afirma Goldenberg (1999, p. 14):

É preciso encarar o fato de que, mesmo nas pesquisas quantitativas, a subjetividade do pesquisador está presente. Na escolha do tema, dos entrevistados, no roteiro de perguntas, na bibliografia consultada e na análise do material coletado, existe um autor, um sujeito que decide os passos a serem dados. Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.

Nesse sentido, esta pesquisa se baseia na orientação qualitativa, uma vez que o objeto de estudo é permeado por subjetividades, que constituem a trama de relações, que caracteriza a interface jornalismo, meio ambiente e sociedade, no

contexto da ecologia integral. O fato de ser concebida aqui como uma Ciência Social também requer procedimentos metodológicos, que atendam à complexidade deste campo do saber. É fácil perceber que a complexidade social não pode ser quantificada, tal qual os fenômenos observados pelas Ciências Naturais. Essa distinção foi defendida e caracterizada pelo filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911), que contestou a ampla influência que as doutrinas positivistas possuíam sobre as Ciências Humanas, especialmente as Sociais.

Para Dilthey, os fatos sociais não são suscetíveis de quantificação, já que cada um deles tem um sentido próprio, diferente dos demais, e isso torna necessário que cada caso concreto seja compreendido em sua singularidade. Portanto, as ciências sociais devem se preocupar com a compreensão de casos particulares e não com a formulação de leis generalizantes, como fazem as ciências naturais. (GOLDENBERG, 1999, p. 18-19)

Outro filósofo que defendeu o método qualitativo para os estudos das Ciências Sociais foi Max Weber (1864-1920). Por meio do conceito da *sociologia compreensiva*⁵, Weber salientou que, para os pesquisadores da área, o principal interesse é o comportamento dos indivíduos engajados com a ação social. Logo, os cientistas buscam compreender as “[...] crenças, motivações e sentimentos humanos, compreensão que só pode ocorrer se a ação é colocada dentro de um contexto de significado”. (GOLDENBERG, 1999, p. 19).

Dessa forma, esta pesquisa busca suporte no método qualitativo, uma vez que o objetivo é analisar um conteúdo jornalístico, produzido por seres humanos, sobre um tema que se interconecta com os diversos aspectos da vida: o meio ambiente. Mais que analisar esse conteúdo, busca-se perceber a mensagem direcionada à sociedade, assim como de que forma ela pode ser assimilada e quais efeitos podem ser desencadeados. A discussão envolve refletir, no sentido de uma ampliação de consciência e de entendimento da ecologia universal, a compreensão de que somos seres interligados, em diferentes dimensões, com o planeta e com as formas de vida que o constituem.

A partir desta premissa, cabe destacar a contribuição de Minayo (2010), cujos estudos defendem que:

⁵ “Como o próprio nome indica, ela considera como tarefa das Ciências Sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente e de forma diferente do universo das ciências naturais” (MINAYO, 2010, p. 24).

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. (MINAYO, 2010, p. 57)

A autora também faz a defesa da cientificidade das pesquisas, embasadas na investigação qualitativa:

Esse tipo de método que tem fundamento teórico, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação. Caracteriza-se pela empiria e pela sistematização progressiva de conhecimento até a compreensão da lógica interna do grupo ou do processo em estudo. Por isso, é também utilizado para a elaboração de novas hipóteses, construção de indicadores qualitativos, variáveis e tipologias. (MINAYO, 2010, p. 57)

Assim, com base no exposto, esta monografia tem como orientação metodológica a pesquisa qualitativa, uma vez que o jornalismo não se trata de uma ciência exata e que leva em consideração os aspectos subjetivos da construção narrativa, bem como suas relações com o mundo. Ao considerar que o objeto de estudo também tem ligação com algo que transcende o mundo físico, que é a consciência, cabe adotar procedimentos e caminhos para a produção de conhecimento científico, que atendam à dimensão complexa da vida.

2.3 CARTOGRAFIA DE SABERES

A estratégia metodológica deste trabalho científico está embasada na Cartografia de Saberes, desenvolvida por Baptista (2014). A proposta traz uma orientação de procedimentos para produção de pesquisa, de acordo com os pressupostos da Ciência Contemporânea. O método considera que o processo de investigação, na produção científica, se dá no próprio campo, onde ocorrem as descobertas (BAPTISTA, 2014). Para conduzir o pesquisador no processo de investigação, composto de diversas trilhas-trama distintas, a Cartografia de Saberes atua como um guia, produzido por Baptista, com inspiração em Suely Rolnik (1989) e outros autores. Nesse sentido, conforme Suely Rolnik (1989, apud BAPTISTA, 2014, p. 344): “[...] o cartógrafo não tem ‘um método’, mas critérios que o orientam. A palavra

cartografia, então, está sendo utilizada como uma espécie de mapa complexo e mutante, que se faz acompanhando a ‘mudança da paisagem’”.

Diante dessa diversidade de caminhos investigativos, Baptista (2014) aponta quatro grandes trilhas de pesquisa, no sentido de orientar a trajetória do pesquisador: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e a Dimensão Intuitiva. Segundo Baptista (2014), ter as definições de procedimentos teóricos, técnicos e investigativos é fundamental para desenvolver o trabalho científico, em um cenário informacional caosmótico – conforme explica, de caos, osmose, no cosmo.

O cenário da ciência transdisciplinar caosmótica exige outro tipo de pesquisa, em termos de operacionalização. Nesse sentido, proponho que o trabalho da pesquisa deve ser iniciado em várias frentes, em várias trilhas investigativas, como venho chamando. O processo de investigação é o de investimento desejante, na busca de conhecimento. Trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se reinventa, se ‘re-nova’, se ‘re-faz’. (BAPTISTA, 2014, p. 350)

A presente viagem investigativa leva em consideração as etapas mencionadas, sendo que as mesmas não se apresentam, necessariamente, de forma hierarquizada. Desse modo, é possível afirmar que as trilhas se atravessam e se complementam durante o processo de pesquisa, contemplando a teia-trama da vida na construção do saber científico.

2.3.1 Saberes Pessoais

Como passo inicial da viagem investigativa, Baptista (2014) propõe a cartografia dos Saberes Pessoais, ou seja, um olhar do pesquisador para si mesmo, suas motivações, desejos e experiências que irão compor o trabalho científico, mesmo que de forma subjetiva. Assim, é proposta a elaboração de textos pessoais sobre o assunto que se pretende pesquisar, mesmo sem ter ainda trilhas claras de teorias e bibliografias referentes ao tema. Conforme Baptista (2014, p. 350), o pesquisador “[...] se buscar com atenção dentro de si mesmo, vai conseguir encontrar os seus próprios saberes, seus pensamentos e seu sentimento a respeito das temáticas envolvidas na proposição do problema de pesquisa”. Dessa forma, também se humaniza o trabalho de pesquisa, uma vez que o pesquisador se torna sujeito ativo do processo, imprimindo seus conhecimentos prévios na produção.

Ao partir dos conceitos e saberes internalizados pelo pesquisador, por meio de suas experiências, pesquisas prévias, investigações informais e outras aproximações já realizadas com o objeto de pesquisa, o método concretiza um dos preceitos da Ciência Contemporânea, que é a legitimação do saber popular. Vale aqui a indagação de Rousseau: “Há alguma razão de peso para substituímos o conhecimento vulgar que temos da natureza e da vida e que partilhamos com homens e mulheres da nossa sociedade pelo conhecimento científico produzido por poucos e inaccessível à maioria?” (1971 apud SANTOS, 2003, p. 16) Diante da frase do filósofo, vemos que não há sentido na relação excludente entre saber científico e saber popular, mas, sim, que ambos se fortalecem na complementação.

É neste sentido que a trilha dos Saberes Pessoais vem agregar à pesquisa, trazendo o conhecimento prévio para o processo de investigação, como uma trilha de partida e de legitimação do pesquisador enquanto sujeito. Para esta pesquisa, é relevante citar a aproximação com o objeto de estudo, do ponto de vista do leitor/expectador de matérias e reportagens ligadas ao meio ambiente; também, da posição de ouvinte dos comentários e impressões das pessoas, ao receberem esses conteúdos no cotidiano. As experiências prévias da pesquisadora também estão relacionadas à leitura do livro *Cidades e Soluções*, de André Trigueiro (2017), baseado no programa de televisão de mesmo nome, que, por sua vez, é o conteúdo analisado no presente trabalho.

Cabe ressaltar que a pesquisa também envolve sentimentos, emoções e vivências de conexão com a natureza, bem como princípios pessoais referentes à ecologia, no seu sentido mais amplo. Tais preceitos foram constituídos por meio de leituras, conversas, diálogos e escutas experienciados, não somente durante o período acadêmico, mas durante toda a vida. Os conhecimentos prévios são cruzados com informações científicas e estudos bibliográficos no decorrer da pesquisa. Assim, os saberes pessoais fundem-se com a trilha a seguir, a dos Saberes Teóricos.

2.3.2 Saberes Teóricos

Para estruturar o processo inicial de descobertas do próprio pesquisador, a Cartografia de Saberes aponta os Saberes Teóricos. Imprescindíveis para a trilha investigativa, o conhecimento já sintetizado e documentado por outros estudiosos precisa ser explorado, em uma pesquisa. Dessa forma, agregam-se pensamentos,

conceitos e definições, capazes de cancelar uma nova pesquisa e dar vida a um novo núcleo de saberes. Nesse sentido, Baptista (2014, p. 321) afirma que o pesquisador:

Vai buscar os saberes dos outros, em textos que tragam informações a serem trabalhadas para acrescentar aos seus saberes pessoais. Então, uma vez definidas as temáticas inerentes ao objeto (quer dizer, uma vez reconhecidos os 'conceitões', núcleos conceituais que eu chamo de trilhas investigativas), proponho que o pesquisador monte um quadro com os assuntos e as referências teóricas encontradas sobre cada um deles.

A importância da pesquisa bibliográfica, como procedimento elementar de uma pesquisa, é também abordada por Severino (2007). Segundo ele, por meio deste método, busca-se abstrair conhecimento, através de leitura e análise de saberes já produzidos:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122)

Para compor a presente pesquisa, elucidar e validar conceitos, pensamentos e reflexões, foram buscadas obras e produções científicas de autores das áreas da Comunicação, Meio Ambiente, Educação e Metodologia Científica. A escolha das referências bibliográficas deu-se a partir de leituras prévias e de indicações da orientadora da presente pesquisa.

O processo de busca às referências bibliográficas e eleição das obras de maior relevância para a pesquisa, por si só, já constitui a trilha investigativa. Na sequência, a trilha requer a leitura e fichamento dos textos. Esse procedimento é fundamental para o bom andamento e desenvolvimento da pesquisa, pois "[...] o fichamento dos livros lidos, a partir das questões da pesquisa, é uma forma prática de juntar a teoria e o material empírico." (GOLDENBERG, 1999, p. 81)

A partir dessa premissa, a presente pesquisa busca no referencial teórico abordagens do fazer jornalístico, suas narrativas e como essas se configuram, ou não, como dispositivos de ampliação de consciência coletiva. Como centralidade da pesquisa, encontra-se a ecologia profunda, que, para além das questões ambientais,

reflete sobre a conexão entre todas as formas de vida e como estas se inter-relacionam no aspecto físico e subjetivo. Para contemplar essa discussão também foram buscados autores relacionados com a discussão do modo de vida nas cidades e a necessidade de preservar o meio ambiente. Por fim, também ocorre referência a autores e obras que tratam especificamente das abordagens do Jornalismo Ambiental.

2.3.3 Usina de Produção

A partir da esquematização de assuntos e bibliografias que podem contribuir com o desenvolvimento do trabalho científico, Baptista (2014) apresenta a outra trilha metodológica, a qual pode ser aplicada de forma anterior às demais: a Usina de Produção. Nesse percurso, o pesquisador vivencia a pesquisa, seja por experiências planejadas a partir de um procedimento metodológico definido, seja por experiências vividas e documentadas anteriormente. Só é possível saber se um objeto de estudo é válido ou não, por meio da aproximação com o mesmo, da vivência compartilhada. (BAPTISTA, 2014). A depender do assunto, pode-se “[...] pensar algumas situações concretas que permitam entrar em contato direto com o que está estudando, com o que pretende abordar” (BAPTISTA, 2014, p. 351). Segundo a autora, essa aproximação pode se dar por meio de análise de materiais/documentos, conversas informais, observação sistemática, entre outros procedimentos, desde que sejam devidamente documentados.

Neste caso, será utilizado, como um dos procedimentos de pesquisa empírica, a análise do programa *Cidades e Soluções*, da GloboNews⁶. O conteúdo consiste em uma série de reportagens referentes a ações e exemplos de desenvolvimento sustentável nos centros urbanos, utilização correta dos recursos naturais e gestão eficaz de resíduos. Para verificar se o conteúdo é permeado por elementos que contribuam para a ampliação de consciência, referente ao meio ambiente, será feita a análise. De acordo com Severino (2007, p. 121-122), esse procedimento busca observar, atentamente, todas as formas discursivas, para além das palavras:

⁶ Canal de notícias, essencialmente jornalístico, da TV paga (TV fechada), pertencente ao Grupo Globo.

É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos. Um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações.

Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus componentes psicossociais.

Em consonância com Severino, Bardin (2016) refere “dois olhares”, em seu livro *Análise de Conteúdo*: o olhar de leigo, que lê o conteúdo “normalmente” e o olhar analítico, crítico, investigativo, adotado pelo pesquisador. Dessa forma, a autora define o procedimento da análise como: “Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados”. (BARDIN, 2016, p. 15)

Nesta pesquisa, foi adotado o procedimento citado com foco na análise da narrativa e abordagem, levando em consideração a comunicação como processo e não como um dado estático. (BARDIN, 2016). Assim, foram analisados elementos textuais e imagéticos de um episódio do programa *Cidades e Soluções*, a fim de identificar aspectos intrínsecos à mensagem presente no conteúdo, que podem colaborar para a ampliação de consciência sobre o meio ambiente.

O episódio escolhido para a análise é intitulado: “Lixo Zero – a reciclagem que reduz o lixo em até 90%”. A seleção do material baseou-se na relevância do conteúdo para a vida individual e também coletiva. O episódio foi veiculado em 25 de junho de 2018. Para verificar a possibilidade de que o conteúdo contribua para a ampliação de consciência, optou-se pela realização de entrevistas. Foi feita a apresentação do episódio do programa em análise e foram entrevistadas cinco pessoas, na faixa etária de 22 a 37 anos, moradores de Caxias do Sul. Como se trata de pesquisa qualitativa, não houve preocupação com a quantidade de entrevistados, mas apenas a discussão sobre critérios de seleção dos voluntários.

A escolha dos participantes do estudo pautou-se em dois elementos: idade e gênero. A pesquisa focou em voluntários entre 22 e 37 anos, pois as pessoas desta faixa etária integram a chamada População Economicamente Ativa⁷. Outro aspecto

⁷ Termo utilizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para se referir a pessoas que estão inseridas no mercado de trabalho ou que, de certa forma, estão procurando se inserir nele para exercer algum tipo de atividade remunerada.

levado em consideração para a limitação de idade é o impacto que esta geração ainda pode gerar no meio ambiente, com os seus hábitos de vida. Quanto ao gênero, buscou-se um equilíbrio entre homens, mulheres e abriu-se a oportunidade para quem se identifica com outros gêneros.

As entrevistas foram realizadas em formato síncrono, ou seja, com a presença simultânea do pesquisador e do voluntário, por meio de plataforma virtual de reuniões. O processo consistiu em dois momentos de questionamentos, referentes à relação do voluntário com assuntos ambientais: antes e depois da apresentação do episódio do conteúdo analisado. Essa sistemática de trabalho buscou verificar se, após assistir ao conteúdo, o voluntário demonstrou inclinação para possíveis mudanças de percepção sobre o meio ambiente. O roteiro de perguntas utilizado neste processo está disponível nos Apêndice A desta pesquisa.

Todos os voluntários foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que buscou elucidar os critérios, objetivos e condições da pesquisa. Por meio da assinatura do documento, eles concordaram, por livre iniciativa, em participar da entrevista. O documento está disponível no Apêndice B deste trabalho.

Para auxiliar na compreensão sobre a estrutura do *Cidades e Soluções* e na reflexão sobre Jornalismo Ambiental, foi realizada, também, uma entrevista com o jornalista, Editor-chefe e apresentador do programa, André Trigueiro. O diálogo ocorreu por meio da plataforma *Google Meet*, porém, somente com o recurso de áudio, a pedido do entrevistado.

2.3.4 Dimensão Intuitiva

A Cartografia de Saberes elenca como trilha metodológica, a Dimensão Intuitiva, ou como é chamada por Baptista (2014), nos primeiros textos de abordagem da estratégia: “pensamentos picados”. Conforme a autora, ideias, soluções e trilhas pertinentes para o processo de pesquisa podem surgir, de forma espontânea, a partir de eventos corriqueiros.

Atento aos processos caosmóticos também internos, o pesquisador deve estar sempre pronto a registrar essas brotações autônomas, para, com elas, em grande parte das vezes, puxar fios que ajudam a desenvolver as trilhas de saberes necessários para amarrar a proposição da monografia, dissertação ou tese. (BAPTISTA, 2014, p. 352)

A autora ainda destaca que, ao estar envolvido com o objeto paixão-pesquisa, o pesquisador tende a acionar outras instâncias como sensibilidade, observação e afetos. Assim, núcleos de ideias também podem vir de fontes de produção de conhecimento mais abstratas, como poetas, pensadores, artistas, que estimulam a percepção para além das linhas mais rígidas da Ciência Moderna. “Na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista”. (BAPTISTA, 2014, p. 350).

Ao legitimar o acesso das outras instâncias, para além do pragmatismo científico, Baptista convida o pesquisador a ampliar o campo de coleta de informações e produção de saberes. Assim, para esta pesquisa, são acionados conhecimentos prévios, oriundos de vivências ligadas ao objeto de pesquisa, memórias, diálogos e trocas que se relacionam com o tema; leituras, tanto de autores relacionados diretamente com a pesquisa, quanto de reportagens, notícias e conteúdos relevantes para esta produção, por exemplo, a *Encíclica Laudato Si*, do Papa Francisco. Houve também o registro, em diário de pesquisa, de acontecimentos espontâneos, que foram surgindo ao longo do percurso e considerados na dimensão intuitiva.

Levando em consideração o escopo da presente pesquisa - jornalismo como dispositivo de ampliação de consciência ambiental -, é preciso recorrer a aspectos metodológicos mais flexíveis e que se abram para o subjetivo. Tratar de temas ligados à vida, que interconectam as diversas áreas e saberes, em uma teia-trama global, é uma tarefa que exige muito além de métodos rígidos de observação, quantificação e registro. É preciso pensar na dimensão humana e, até mesmo, transcendente da questão. Assim, os fundamentos metodológicos apresentados são responsáveis pela condução da presente pesquisa que transita pelo campo objetivo e subjetivo simultaneamente.

3 JORNALISMO NA INTERFACE COM O MEIO AMBIENTE

“Um homem que abandona a natureza
começou a abandonar a si mesmo”.

Pierre Van Paassen

O jornalismo tem um papel muito importante a cumprir. Conforme Eloisa Beling Loose e Ilza Maria Tourinho Girardi (2009, p. 1), o jornalismo “[...] é um exercício profissional que propõe levar as informações de caráter relevante e de interesse público às pessoas que buscam conhecer mais a realidade do mundo onde vivem”. Logo, recai sobre todos os profissionais da área a responsabilidade de se comprometer com a verdade, com a análise crítica e com uma abordagem clara e humana dos acontecimentos.

A partir dessa reflexão inicial e tendo como base estudos relacionados ao tema, neste capítulo será abordado o debate sobre a responsabilidade ecossistêmica e educativa do jornalismo, principalmente no que diz respeito ao meio ambiente e ao cuidado com a ‘casa comum’. Para tanto, será apresentado o conceito de jornalismo e uma breve contextualização histórica, a partir de Traquina (2001; 2005) e Kunczik (1997). O capítulo também propõe a reflexão sobre a função ecossocial do jornalismo, por meio de Capra (2004; 2012), Silva (2007) e Kunsch (1996). Com foco no tema da pesquisa, também será abordado o Jornalismo Ambiental e de Soluções, com as contribuições de Girardi e Loose (2009), Boas (2004), Belmonte (2015) e Souza (2017). Por fim, para possibilitar posterior análise de conteúdo, neste capítulo será contemplado o jornalismo na televisão e seu caráter educativo, a partir dos estudos de Paternostro (2006), Bistane e Bacellar (2008) e Fischer (2001). Ainda, será proposta a reflexão sobre as narrativas jornalísticas com Lima (2004) e Dalmonte (2011).

A partir deste cruzamento de informações, pretende-se mapear a transformação do jornalismo, sua relação com a cobertura de pautas ambientais e os efeitos da narrativa no dia a dia das pessoas. Aqui também se pretende abordar os caminhos que podem ser utilizados pelos jornalistas, a fim de comunicar, com amorosidade e responsabilidade, todos os fatores que colocam em risco a vida. Para tanto, este capítulo tem por objetivo salientar a importância da busca pelo fio narrativo que contribua para a ampliação de consciência coletiva relacionada ao meio ambiente.

3.1 REFLEXÕES SOBRE O CONCEITO DE JORNALISMO

Responder à pergunta “o que é jornalismo?” não é uma tarefa fácil. A ideia é defendida pelo pesquisador Nelson Traquina (2005), em seu livro *Teorias do Jornalismo*. Muitos atribuem à profissão a tarefa de contar histórias, de narrar fatos, de noticiar a realidade e de cobrir os acontecimentos do dia a dia. Sim, todas essas atribuições cabem ao jornalismo; contudo, é preciso levar em conta que as mesmas não são tarefas mecânicas e simplistas, mas permeadas de complexidades de ordem interna e externa.

Essa visão aprofundada sobre a profissão é abordada por Traquina (2005) que, nas primeiras frases do livro, faz a associação do jornalismo com a vida.

Poeticamente podia-se dizer que o jornalismo é a vida, tal como é contada e nas notícias de nascimentos e de mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. Uma breve passagem pelos jornais diários vê a vida dividida em seções que vão da sociedade, a economia, a ciência e o ambiente, à educação, à cultura, à arte, aos livros, aos media, à televisão, e cobre o planeta com a divisão do mundo em local, regional, nacional (onde está essencialmente a política do país) e internacional. Um exame da maioria dos livros e manuais sobre jornalismo define as notícias em última análise como tudo o que é importante e/ou interessante. Isto inclui praticamente a vida, o mundo e o *outer limits*. (TRAQUINA, 2005, p. 19)

Existe, também, o entendimento de que o jornalismo atua como fiscalizador dos poderes constituídos e como garantidor da democracia. Nesse sentido, Traquina (2005) destaca a importância de uma imprensa e jornalistas livres, para que estes possam cumprir o papel de garantir à sociedade o direito à informação. A prática jornalística, entretanto, se depara, no dia a dia, com as diversas limitações externas para o livre exercício da profissão, como ressalta o autor:

Muitas vezes o trabalho jornalístico realiza-se em situações difíceis, marcadas por múltiplas incertezas. O trabalho jornalístico é condicionado pela pressão das horas de fechamento, pelas práticas levadas a cabo para responder às exigências da tirania do fator tempo, pelas hierarquias superiores da própria empresa, e, às vezes o(s) próprio(s) dono(s), pelos imperativos do jornalismo como um negócio, pela brutal competitividade, pelas ações de diversos agentes sociais que fazem a “promoção” dos seus acontecimentos para figurar nas primeiras páginas dos jornais ou na notícia de abertura dos telejornais da noite. (TRAQUINA, 2005, p. 25)

É este jornalismo que, poeticamente, se conecta com a vida e que, operacionalmente, lida com os conflitos, contradições e tensões, que interessa à essa pesquisa. Uma vez que se busca a dimensão holística da comunicação, como instância capaz de acionar campos mais amplos, como o da consciência, é preciso levar em consideração os diversos aspectos que integram essa abordagem. Portanto, cabe também acessar os registros e memórias do desenvolvimento do jornalismo até os moldes atuais.

3.1.1 Breve Histórico

A origem do jornalismo não é marcada por um fato ou data específica. Alguns estudiosos atribuem o princípio da prática de informar ao que seria o primeiro jornal, o *Acta Diurna*, que surgiu por volta de 59 a.C., no Império Romano, durante o comando de Júlio César (100 a.C. – 44 a.C.). Para Kunczik (1997), é possível considerar que a base da prática jornalística, como a conhecemos hoje, remonta à Europa Antiga, quando os contadores de histórias da época - os poetas viajantes - “reportavam e comentavam os acontecimentos do dia das feiras, mercados e cortes aristocráticas, assim como os mensageiros e escrivães públicos” (KUNCZIK, 1997, p. 22).

O autor também destaca que as primeiras produções de notícias profissionais e comerciais começaram a ser distribuídas ao público em Veneza e na Alemanha, no século XVI, por meio de materiais escritos à mão. Mesmo com a impressão por tipos móveis, criada pelo alemão Johannes Gutenberg, por volta do ano de 1450, os manuscritos continuaram circulando, por conseguirem driblar a censura da época com mais sucesso.

Outro fato fundante da imprensa atual surgiu no século XVII: a publicidade. Com a expansão dos centros urbanos, dos mercados e das relações econômicas, tornou-se necessário o espaço para anúncios. Foi a partir dessa demanda que surgiu em Paris e Londres a imprensa de inteligência “[...] que consistia em páginas especiais de publicidade, com uma parte editorial adjunta”. (KUNCZIK, 1997, p. 23)

Foi somente no século XIX que o jornalismo chegou ao patamar de reconhecimento como profissão, viável economicamente e socialmente relevante, por ser considerado o caminho para expressão da opinião pública. Assim, conforme Traquina (2005), dois processos foram fundamentais para a franca expansão da imprensa: a sua comercialização e a profissionalização dos seus trabalhadores. O

autor também atribui o que chamou de “época de ouro” da imprensa (século XIX) aos seguintes fatores, fundamentados por O’Boyle (1968 apud TRAQUINA, 2005, p. 35): “1) a evolução do sistema econômico; 2) os avanços tecnológicos; 3) fatores sociais; 4) a evolução do sistema político no reconhecimento da liberdade no rumo à democracia”.

Sobre o primeiro aspecto, é possível mencionar a conquista da independência econômica dos proprietários de jornais, cuja impressão e publicação eram, majoritariamente, financiadas por políticos no início do século XIX.

As novas formas de financiamento da imprensa, as receitas da publicidade e dos crescentes rendimentos das vendas dos jornais, permitiram a despolitização da imprensa, passo fundamental na instalação do novo paradigma do jornalismo: o jornalismo como informação e não como propaganda, isto é, um jornalismo que privilegia os fatos e não a opinião. Com as novas formas de financiamento, a imprensa conquista uma maior independência em relação aos partidos políticos, principal fonte de receita dos jornais ainda no início do século XIX. (TRAQUINA, 2005, p. 36)

Os avanços tecnológicos, precedidos pela imprensa de Gutenberg, foram fundamentais para o processo de expansão do jornalismo. Entre eles, está a invenção dos prelos com cilindros, de Koenig, em 1814, e das rotativas de Marinoni (1871), que ampliaram as tiragens dos jornais de forma exponencial. As melhorias nas produções das imagens, com a criação da fotogravura (1851), da heliogravura (1905) e da máquina fotográfica também conferiram ao jornalismo o *status* de ser as “lentes” da sociedade, por meio da reprodução da realidade como ela é (TRAQUINA, 2005). Outra tecnologia relevante para a evolução da imprensa foi o telégrafo, criado em 1844, por Samuel Morse. A ferramenta deu celeridade ao acompanhamento e divulgação dos acontecimentos, contribuindo para a solidificação de uma das principais características dos jornalistas que é a obsessão com “a obrigação de fornecer as últimas notícias, de preferência em primeira mão e com exclusividade [...]” (TRAQUINA, 2005, p. 38).

A evolução da sociedade sob o ponto de vista da alfabetização e escolarização também foi um processo fundamental para o desenvolvimento do jornalismo, já que este ocorria, exclusivamente, pelos meios impressos; logo, era fundamental ter leitores. Ainda é possível destacar como um fator social importante, a urbanização dos grandes centros, que viriam a se tornar as metrópoles. “Cidades como estas

crecem durante o século XIX e oferecem um público fácil de atingir com o novo produto de consumo - o jornal” (TRAQUINA, 2005, p. 40).

Diante da nova maquinaria, do lucro crescente e do novo público sedento por notícias, outro componente que se tornou essencial para a legitimação e solidificação do jornalismo foi a conquista de direitos, como a liberdade.

A expansão da imprensa foi alimentada pela crescente conquista de direitos fundamentais, como a liberdade, cerne de lutas políticas seculares que incendiaram revoltas e revoluções, valor central da emergência de um novo conceito de governo - a democracia. (TRAQUINA, 2005, p. 40)

Foi nesse contexto da luta pela liberdade de imprensa que o jornalismo recebeu a nomenclatura de “Quarto Poder”. O “título” lhe foi atribuído uma vez que passou a ser questionador e fiscalizador dos demais poderes políticos constituídos nas sociedades democráticas. A instituição da imprensa como uma categoria relevante nas relações de poder das nações, se deu por meio da legitimação desta como representante da opinião pública. Segundo Traquina (2005, p. 48), com este aval da população,

[...] os jornalistas podiam salientar o seu duplo papel: como porta-vozes da opinião pública, dando expressão às diferentes vozes no interior da sociedade que deveriam ser tidas em conta pelos governos, e como vigilantes do poder político que protege os cidadãos contra os abusos (históricos) dos governantes.

Esse papel fiscalizador, questionador, se consolidou com o tempo, muitas vezes, se sobressaindo às atribuições de contar histórias e ser ponte entre os fatos e a população. Com o surgimento do rádio, da televisão e, mais recentemente, da internet, o jornalismo também ampliou seus formatos e suas atribuições aprimorando-se enquanto profissão. No final do século XIX e início do século XX, começaram a surgir os cursos para a formação de jornalistas nas universidades, os estudos sobre as teorias da comunicação e do jornalismo, bem como os códigos de ética e deontológicos que orientam a conduta dos profissionais (KUNCZIK 1997; TRAQUINA, 2005; TRAQUINA, 2001).

A expansão das organizações midiáticas e da comunicação, como produto de mercado, ocorreu de forma mais expressiva a partir do século XX, aumentando o interesse pela profissão, bem como a visibilidade do jornalismo nos campos políticos e econômicos, como possível ferramenta de controle social. Já a popularização da

internet, que se deu de forma mais acentuada no atual século (XXI), também foi responsável pelo início de um processo de transformações contínuas na estrutura social, repercutindo nos mais diversos componentes, sobretudo na comunicação.

À medida que entramos no novo milênio, a contínua expansão do poder do jornalismo parece evidente enquanto as organizações noticiosas tornam-se parte integrante dos crescentes conglomerados *megamídia* que estendem seu alcance a todos os cantos do globo. O desafio de compreender o impacto alargado do cibernídia no jornalismo e a sua repercussão na sociedade, os debates cada vez mais frequentes e apaixonados sobre o papel do jornalismo sociedade, a necessidade aparentemente sempre crescente de notícias por parte de uma indústria voraz, de jornalistas sedentos de *furos* e de públicos que querem consumir as notícias para acompanhar os tempos e/ou alimentar um apetite insaciável por entretenimento, todos servem para exacerbar o já urgente imperativo de estudar o jornalismo. (TRAQUINA, 2001, p. 64)

Com base na reflexão de Traquina (2001), entende-se a necessidade de refletir, para além das transformações tecnológicas e operacionais, a função social do jornalismo. Na presente pesquisa, pretende-se afunilar ainda mais essa questão para uma análise da função ecossocial do jornalismo, já que as transformações físicas do planeta reverberam de forma direta em todas as instâncias da vida, diante da concepção de que somos e estamos em unidade em um mesmo espaço-tempo.

3.1.2 Função Ecossocial do Jornalismo

Para iniciar a reflexão sobre a função ecossocial do jornalismo é necessário realizar a contextualização da Ecologia Social. O físico Fritjof Capra (2004) conceitua no livro *A Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos* que a ecologia social é uma das escolas filosóficas compreendidas pela ecologia profunda⁸. O autor afirma que a ecologia social trata das estruturas sociais antiecológicas, bem como dos problemas causados pelas organizações que perpetuam esse sistema.

O solo comum das várias escolas de ecologia social é o reconhecimento de que a natureza fundamentalmente antiecológica de muitas de nossas estruturas sociais e econômicas está arraigada naquilo que Riane Eisler chamou de "sistema do dominador" de organização social. O patriarcado, o imperialismo, o capitalismo e o racismo são exemplos de dominação exploradora e antiecológica. Dentre as diferentes escolas de ecologia social, há vários grupos marxistas e anarquistas que utilizam seus respectivos arcabouços conceituais para analisar diferentes padrões de dominação social. (CAPRA, 2004, p. 26)

⁸ O conceito é explorado de forma mais aprofundada no capítulo 4 desta Monografia.

Nesse sentido, Murray Bookchin (1999 apud SILVA, 2007) também argumenta que, para fazer frente aos problemas ambientais que se apresentam, é preciso encontrar soluções para as mazelas sociais, uma vez que a separação entre homem e natureza não existe.

En vista de los enormes conflictos que enfrentamos, nuestra era necesita un saber más abarcativo y penetrante, tanto científico como social, para tratar nuestros problemas. Sin renunciar a los beneficios de las primeras teorías científicas y sociales, debemos desarrollar un análisis crítico más profundo de nuestra relación con el mundo natural. Tenemos que hallar las bases de un acercamiento más reconstructivo a los graves problemas creados por las ciencias tradicionales, de subdividir los fenómenos y examinar sus fragmentos. Tenemos que combinarlos, relacionarlos, y verlos tanto en su totalidad como en su especificidad. En respuesta a esta urgencia, hemos creado una disciplina única: la ecología social. (BOOKCHIN, 1999, p. 98 apud SILVA, 2007, p. 118).

A partir do exposto é possível compreender que a ecologia social se propõe a analisar o todo ao se apresentar “[...] como um mecanismo que busca respostas e alternativas para os crescentes problemas ambientais que assolam a vida do planeta e da humanidade” (SILVA, 2007, p. 118).

Para compreender como seria a aplicação prática dos fundamentos da ecologia social, é possível citar os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Instituídos em 2015, durante a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), os 17 ODS – e 169 metas – estão compreendidos no documento *Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*⁹. Esta foi uma declaração assinada pelos representantes dos 193 Estados-membros da ONU que participaram da assembleia, em Nova York. Na ocasião, os líderes mundiais se comprometeram a tomar medidas transformadoras para promover o desenvolvimento sustentável em 15 anos – até 2030 – abrangendo toda a população. O compromisso é firmado na introdução do documento:

Reconhecemos que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Estamos empenhados em alcançar o desenvolvimento sustentável nas suas três dimensões – econômica, social e ambiental – de forma equilibrada e integrada. (ONU, 2015, p. 2)

⁹ Documento traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). (ONU, 2015).

Ao analisar a imagem abaixo, é possível verificar que oito dos 17 ODS estão diretamente relacionados à sociedade, enquanto quatro estão relacionados à biosfera e outros quatro se referem à economia. O objetivo 17 é considerado central para todas as áreas, pois trata das “Parcerias e Meios de Implementação”.

Figura 1 – Demonstração da integração dos 17 ODS



Fonte: ONU (2015).

A partir da imagem, nota-se que os objetivos “1 Erradicação da Pobreza”, “2 Fome Zero e Agricultura Sustentável”, “3 Saúde e Bem-Estar”, “4 Educação de Qualidade”, “5 Igualdade de Gênero”, “7 Energia Limpa e Acessível”, “11 Cidades e Comunidades Sustentáveis” e “16 Paz, Justiça e Instituições Eficazes” conversam diretamente com a dimensão social dos seres humanos. Ou seja, quando a ONU concebeu a Agenda 2030, com as metas que as nações precisam atingir para que o mundo se torne sustentável, já havia o entendimento de que não há como alcançar tal objetivo sem que todos tenham acesso à uma vida digna pautada nos Direitos Humanos.

É preciso mencionar, também, que o sistema aberto exposto na Figura 1 não sinaliza para uma divisão e hierarquização dos ODS. Ele apenas demonstra o enquadramento por áreas. O próprio documento que trata da Agenda 2030 menciona, repetidas vezes, que os ODS: “São integrados e indivisíveis, e mesclam, de forma

equilibrada, as três dimensões do desenvolvimento sustentável: a econômica, a social e a ambiental.” (ONU, 2015, p. 1) Dessa forma, ao analisar o contexto e as finalidades da Agenda 2030, percebe-se a presença do pensamento e preceitos contemplados pela ecologia social, como a crítica às estruturas que perpetuam a desigualdade, a injustiça e a violência contra a natureza. Nesse sentido, Silva (2007, p. 119) também traz uma contribuição para este argumento, ao afirmar que:

Examinar as fases e as relações que compõem a criação e o longo desenvolvimento da humanidade, desde seu caráter mais animalesco até o seu contexto social, faz da ecologia social um importante instrumento de crítica à ordem social vigente.

A partir das considerações, é possível questionar a relevância de tamanha mobilização e ações institucionais sem o engajamento social. No caso dos ODS, se estes não chegarem ao conhecimento da população, que também é uma das partes implicadas na proposta, as ações não terão o potencial necessário para que contribuam com as transformações almejadas. “Torna-se imperativo o engajamento de toda a sociedade para que acordos celebrados sejam realmente cumpridos e que o processo de globalização supere seu lado perverso da exclusão de grande parcela da população mundial” (KUNSCH, 1996, p. 115).

Neste ponto, é possível verificar a atuação fundamental da comunicação para que as articulações e disseminação do conhecimento aconteçam. Conforme destaca Kunsch (1996, p. 117) a publicização das informações sobre o meio ambiente, tanto as que dizem respeito aos problemas, bem como às possíveis soluções, é fundamental para a ampliação da consciência coletiva:

Somente com a comunicação será possível conscientizar a população em geral, segmentos representativos da sociedade civil e os governos de que o atendimento às necessidades e aspirações do presente sem comprometer a possibilidade de atendê-las no futuro é uma tarefa de toda a sociedade mundial, não só de uma pessoa, organização e de um só país.

Fritjof Capra (2012) também defende que a comunicação de massa é parte fundamental para o processo de mudança do paradigma mecanicista para o ecológico que, segundo ele, já está em curso. Assim, o autor destaca que a comunicação precisa acompanhar essas transformações, dando conta das abordagens mais profundas sobre a interrelação dos acontecimentos.

[...] para que a nova consciência ecológica passe a fazer parte de nossa consciência coletiva, ela terá que ser transmitida, em última instância, através dos meios de comunicação de massa. Estes são atualmente dominados pelo mundo dos grandes negócios, em especial nos Estados Unidos, e seu conteúdo é devidamente censurado. O direito de acesso do público aos veículos de comunicação de massa será, por conseguinte, um aspecto importante da mudança social em curso. Uma vez que tenhamos conseguido reformar os veículos de comunicação de massa, poderemos então decidir o que precisa ser comunicado e como usar eficazmente esses veículos para construir nosso futuro. (CAPRA, 2012, p. 398)

Essa mudança de conduta dos veículos de comunicação em massa, com a migração de uma visão simplista para abordagens mais abrangentes e propositivas para toda a comunidade, passa, necessariamente, por uma transformação de pensamento dos jornalistas, os quais efetivamente operacionalizam as informações. Assim, conforme defende Capra (2012, p. 398-399):

Isso significa que também os jornalistas deverão mudar, e seu modo de pensar, fragmentário, deverá tornar-se holístico, desenvolvendo uma nova ética profissional baseada na consciência social e ecológica. Em vez de se concentrar em apresentações sensacionalistas de acontecimentos aberrantes, violentos e destrutivos, repórteres e editores terão que analisar os padrões sociais e culturais complexos que formam o contexto desses acontecimentos, assim como noticiar as atividades pacíficas, construtivas e integrativas que ocorrem em nossa cultura.

A partir do exposto, compreende-se que, quando o jornalismo contribui, por meio da veiculação de informações, com mudanças de pensamento e de hábitos de vida em prol de um planeta social e ambientalmente justo, ele está cumprindo com a sua função ecossocial. Quando o jornalismo consegue, de alguma forma, influenciar ações que busquem mitigar a desigualdade e problemas sociais, como a fome, a pobreza e a violência, ele está cumprindo com a sua função ecossocial. Quando o jornalismo desperta nos leitores/ouvintes/espectadores e consciência de que o ser humano e natureza integram um mesmo sistema vivo, ele está cumprindo com a sua função ecossocial.

Os desafios para o amplo exercício de um jornalismo ecológico – no sentido de compreender a vida a partir da visão sistêmica – ainda são muitos. As mudanças, contudo, só ocorrem quando são iniciadas. Assim, para se criar uma cultura jornalística que preze pelos princípios ecológicos profundos é preciso formar profissionais capacitados para exercerem a profissão com essa consciência. Antes, porém, de explorar o pensamento holístico, é preciso compreender como se constitui a prática jornalística atual, por meio da setorização, com foco no jornalismo ambiental.

3.2 SEGMENTAÇÃO DO JORNALISMO

Com o aumento da complexidade das organizações comunicacionais ao longo do tempo, o jornalismo passou a ser setorizado, em áreas de atuação. A esse fenômeno se deu o nome de segmentação. Conforme Fernandes (2017, p. 28): “A segmentação no jornalismo surgiu, principalmente, pela necessidade econômica das empresas, que precisam obter audiência para seus veículos, visando ao consumo dos produtos anunciados por elas.”

Traquina (2005) também trata desta questão, sob o ponto de vista da teoria organizacional, ao afirmar que “[...] o trabalho jornalístico é influenciado pelos meios de que a organização dispõe. Assim, esta teoria aponta para a importância do fator econômico na atividade jornalística.” (TRAQUINA, 2005, p. 158) Essa interação mais direta com o público, para além da captura de interesse por questões comerciais, também se relaciona com a possibilidade de aprofundamento de alguns assuntos. Dessa forma, o jornalista pode explorar âmbitos as matérias que, pragmaticamente, não faria em um conteúdo para um público generalizado.

Em resumo, o conteúdo das produções jornalísticas segmentadas, independentemente do veículo, é mais aprofundado e direcionado a pessoas com interesses comuns, por terem a mesma idade ou ocupações similares ou por estarem vivendo, em dado momento, experiências parecidas, como o nascimento de filhos ou a velhice. Esses veículos contam com um público restrito e têm uma comunicação dirigida e assertiva; por não atingirem uma massa, nem sempre têm audiências astronômicas. (FERNANDES, 2017, p. 31)

A autora também faz uma esquematização sobre os tipos de segmentação (FERNANDES, 2017):

- 1) Segmentação geográfica: o conteúdo pode ser direcionado ao público de acordo com o local onde ele vive e/ou trabalha. Essa seleção também se dá em escala local, regional, nacional e internacional;
- 2) Segmentação por renda ou ocupação: aqui a criação do conteúdo pode levar em consideração a classe social e/ou ocupação;

- 3) Segmentação por gênero: o conteúdo pode ser pensado com foco nas mulheres ou homens ou, ainda, no público LGBTQIA+;
- 4) Segmentação ideológica: neste contexto, observa-se a manifestação política, econômica e social do público alvo.

A segmentação também pode ser observada a partir das abordagens especializadas com a divisão por temas como o Jornalismo Político, o Jornalismo Econômico, o Jornalismo Ambiental, entre outros. É sobre este último que a presente pesquisa pretende tratar com mais profundidade. Aqui também se pretende discutir um segmento mais recente, mas que também tem ganhado destaque na última década, que é o Jornalismo de Soluções.

3.2.1 Jornalismo Ambiental

O Jornalismo Ambiental é um ramo especializado do jornalismo atrelado, inicialmente, ao jornalismo científico. O segmento tomou proporção na década de 1960, principalmente na Europa e Estados Unidos, devido à emergência das discussões ambientais. No Brasil, com a atuação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e com a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) em 19 de setembro de 1977, o Jornalismo Ambiental ganhou um impulso mesmo sendo considerado uma subárea do jornalismo científico, status que manteve até o final dos anos 1980. (BELMONTE, 2015)

A área temática do jornalismo se consolidou de forma independente, sobretudo, a partir de 1989 com a realização do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) (BELMONTE, 2015). Outro evento que se caracterizou como um marco para a cobertura jornalística ambiental no País foi quando o Brasil sediou a “Conferência Rio 92” - conhecida como Cúpula da Terra - que reuniu representantes de 172 países e 108 chefes de Estado para discutir questões referentes ao desenvolvimento sustentável. A partir deste episódio, redações e veículos especializados, ou não, na área ambiental passaram a dar mais atenção para as questões referentes ao clima, ecologia e sustentabilidade, acompanhando o crescimento dos movimentos ambientalistas.

A instauração da *Agenda 2030*, em 2015, também contribuiu para que as pautas socioambientais ganhassem mais espaço na mídia. Tendo em vista que os 193 Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) se comprometeram a erradicar a pobreza e promover a manutenção de todas as formas de vida do planeta, por meio dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o jornalismo tornou-se um meio de fiscalização dos governos cobrando as ações. Além disso, por meio das mídias, é possível tornar de conhecimento da sociedade os ODS, para que todos possam participar dessa mudança; uma vez que é necessário o engajamento de todos para que os objetivos estabelecidos pela *Agenda 2030* sejam alcançados.

Acontecimentos mais recentes na história do Brasil, como as discussões referentes à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (1989-2016), no Pará, as tragédias ambientais nas barragens de mineração da Vale, em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), ambas em Minas Gerais, aumentos sucessivos no desmatamento da Amazônia e as queimadas históricas no Pantanal (2020), também despertaram um interesse maior, por parte da imprensa e do público, sobre os assuntos referentes ao meio ambiente.

É justamente este viés de interesse do Jornalismo Ambiental – as tragédias – que se torna alvo de críticas de ambientalistas e estudiosos da área. Uma das principais condutas questionadas é a falta de produções dos veículos de comunicação que contribuam para o entendimento de que tudo está interligado e de que os seres humanos, as cidades, o meio urbano e industrializado, também fazem parte do meio ambiente. Segundo Belmonte (2004), para muitas pessoas o meio ambiente é sinônimo de fauna, flora, rios. Ainda, boa parte da população ignora que os seres humanos, as cidades, favelas e meio rural fazem parte da natureza.

Por isso queimada na Amazônia ou vazamento da Petrobras é manchete. Nada mais "coerente". O problema é que a notícia, na maioria dos casos, não explica que amanhã a molécula da água do rio contaminado vai fazer parte do corpo humano. E raramente relaciona a destruição da floresta tropical com a mudança do clima no Centro-Sul. Parece sempre que o problema é do vizinho, do prefeito, do ecologista, do técnico, do empresário. [...] Dificilmente percebemos, após assistir, ouvir ou ler um noticiário, que também temos responsabilidade social e ambiental pelo que está acontecendo. (BELMONTE, 2004, p. 27)

É pensando nesta deficiência de um Jornalismo Ambiental mais propositivo que esta pesquisa busca questionar a atual prática e trazer exemplos de um fazer

profissional que possa ser um dispositivo de ampliação de consciência sobre os cuidados para com o planeta e transversalidades da vida. Muitos jornalistas e veículos de comunicação já se dedicam a produzir conteúdos aprofundados sobre o meio ambiente, dada a urgência do tema. São materiais, inclusive, com o viés educativo e que buscam propor soluções, mudanças de hábitos e comportamentos que podem ser adotados pelos governos, empresas e cidadãos. Desta forma, se propõe uma prática jornalística com funções para além das tidas como clássicas, de apurar, curar, estruturar e veicular informações. Conforme Ilza Maria Tourinho Girardi (2018, p. 19), uma reportagem de Jornalismo Ambiental deve:

[...] mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador.

Este é um tema muito recorrente, abordado pelos principais pensadores e estudiosos do Jornalismo Ambiental: o caráter educativo; porém, as redações e veículos de imprensa ainda encontram dificuldades para abrir espaço para editoria de meio ambiente, bem como os profissionais se deparam com a falta de preparo para fazer reportagens que abordam as pautas de forma profunda, contemplando a complexidade do assunto. Não raro, as matérias – sejam impressas, online, em áudio, ou audiovisual – se tornam burocráticas e rasas, apenas com uma exposição de dados, sem fazer a relação e a conexão de causas, efeitos e o que a sociedade pode fazer para modificar essa realidade. As tragédias ambientais também protagonizam a abordagem dos veículos que, muitas vezes, se detêm ao acontecimento e repercussão imediata, sem aprofundar a discussão sobre os motivos que desencadearam o episódio e como a humanidade está interferindo no equilíbrio do planeta.

A cobertura ambiental qualificada ainda carece de espaço e tempo nos veículos de comunicação das principais cidades do Brasil. Seja para falar dos problemas que diminuem a qualidade de vida nas zonas urbanas, seja para mostrar as alternativas ecológicas que já existem e têm capacidade de mudar o modo como as pessoas compreendem e se relacionam com o ambiente em que vivem. (BELMONTE, 2004, p. 26)

Como sinaliza o autor, entende-se o jornalismo como um meio de propagação de informações, conhecimentos e fatos capazes de chegar aos mais variados

públicos. Por meio desta ponte midiática, também devem circular os bons exemplos e dicas de condutas que contribuam com o bem comum e com a ampliação de consciência sobre a generosa Terra que a todos abriga.

3.2.2 Jornalismo de Soluções

O Jornalismo de Soluções é uma corrente de pensamento e procedimentos que ganhou mais visibilidade e adeptos há cerca de uma década. O conceito perpassa pela concepção, abordagem e enfoque das produções jornalísticas nas alternativas para mitigar ou resolver os problemas apresentados. A ideia de um jornalismo mais propositivo que contribua com a sociedade, no sentido de tentar oferecer algumas respostas, surge, também, como forma de fazer frente ao jornalismo imbuído em uma narrativa negativa. Segundo Wenzel, Gerson e Moreno (2016 apud LOOSE, 2019), submeter o público a mensagens negativas pode resultar em um ressentimento, apatia ou afastamento, gerando uma resposta igualmente negativa. Os estudiosos citam o efeito bumerangue, ou seja, o que é entregue é também devolvido. A respeito dos assuntos climáticos, tratar do tema apenas sob viés catastrófico pode gerar um sentimento de impotência e desesperança nas pessoas, afastando-as da possibilidade de ação e enfrentamento dos problemas.

Além dos efeitos do enquadramento negativo, que tende a gerar medo, vinculado à paralisia ou apatia diante de um problema de proporção global e efeitos irreversíveis, é preciso lembrar que as pessoas possuem mecanismos psicológicos para manejar o risco ou a ameaça, já que precisam lidar no seu dia a dia com uma quantidade grande de problemas de diferentes ordens e impactos. Os estudos de percepção de risco revelam que nós temos um conjunto finito de preocupações e que há fatores culturais, afetivos, cognitivos, econômicos, dentre outros, que selecionarão aqueles riscos com que realmente iremos nos preocupar a fim de garantir nossa sobrevivência psicológica. Pesquisas apontam que as pessoas tendem a considerar mais as ameaças de curto prazo do que as de longo prazo, por exemplo, e que o excesso de exposição pode acarretar entorpecimento emocional (SHOME e MARX, 2016 apud LOOSE, 2019, p. 92-93).

Neste contexto, em que o jornalismo convencional deixa de aprofundar as pautas, causando o afastamento ou inércia do público, o Jornalismo de Soluções vem com uma nova proposta: apontar alternativas para a sociedade. Esse movimento, que se encontra em franca expansão, tornou-se ainda mais visível a partir de 2012 com a

criação do *Solutions Journalism Network*¹⁰. A rede fundada pelos jornalistas David Bornstein, Tina Rosenberg e Courtney Martin busca promover o Jornalismo de Soluções, como uma categoria jornalística capaz de auxiliar a sociedade a lidar com os desafios do século XXI (SOUZA, 2017).

A organização sem fins lucrativos atua em frentes como educação de novos jornalistas em prol de uma comunicação mais positiva e propositiva com o apontamento de soluções; mudança de cultura jornalística dentro das redações para promoção do Jornalismo de Soluções; divulgação massiva da proposta de abordagens jornalísticas com foco na resolução dos problemas enfrentados pela sociedade. Por meio dessas práticas, o *Solutions Journalism Network* busca alcançar os seguintes objetivos:

a) mudar a prática jornalística: a fim de que repórteres e editores abracem o jornalismo de soluções e o transformem em uma prática sustentável dentro das redações; b) mudar o relacionamento entre as organizações de notícias e as audiências: por meio de notícias com componentes de soluções que engajam os cidadãos de maneira que são demonstrativamente mais poderosas e mutualmente benéficas do que as histórias que só pensam nos problemas; c) mudar a relação entre a audiência e os problemas: jornalismo de soluções gera conversas públicas mais instruídas que podem melhorar a cidadania, levando para um maior engajamento social e solução do problema. (SOUZA, 2017, p. 62-63)

As metas citadas por Souza (2017), bem como as características do Jornalismo de Soluções, já estão presentes em algumas redações e direcionam o trabalho de jornalistas mundo afora. Um dos exemplos é o programa *Cidades e Soluções*, que trabalha nos moldes jornalísticos elencados pelo *Solutions Journalism Network*. Dado este fato, o programa torna-se objeto de estudo desta pesquisa já que - além do foco em apresentar alternativas para os problemas ambientais e demonstrar exemplos de como utilizar os recursos naturais de forma eficiente, sustentável e responsável - o *Cidades e Soluções* também exerce um papel educativo. É neste aspecto que se apresentam os elementos educacionais: na tradução da linguagem científica, na demonstração de como fenômenos ocorrem, na explicação das causas e efeitos de ações humanas, sobretudo, na vida nas cidades.

¹⁰ Organização sem fins lucrativos da sociedade civil. Mais informações em (SOLUTIONS JOURNALISM, 2020).

O jornalismo, no contexto urbano, é uma ferramenta de educação ambiental. Os veículos de comunicação devem fazer campanhas públicas, informar sobre novos estilos de vida, abrir espaço para idéias alternativas, cobrar soluções criativas do poder público. Também é função da imprensa melhorar a qualidade de vida nas cidades. Não se trata de substituir livros didáticos por reportagens de jornais, nem transformar as páginas dos diários em apostilas escolares. Eles são complementares. (BELMONTE, 2004, p. 35-36)

A função social do jornalismo é a essência da profissão, defendida por estudiosos da área e ensinada nos Cursos de Jornalismo. Ao analisar o contexto contemporâneo, de um mundo que clama por mudanças para continuar existindo, os jornalistas se tornam ainda mais imprescindíveis enquanto agentes produtores de conteúdos e portadores de mecanismos capazes de impulsionar o processo de ampliação de consciência coletiva, se exercido com tal propósito. Cabe às redações, aos profissionais e à sociedade fazer a escolha de qual jornalismo e qual planeta serão cultivados a partir do presente momento. Para que as decisões sejam tomadas, as pessoas precisam ter acesso aos fatos, às histórias, aos exemplos e as alternativas. Assim, o jornalismo de soluções pode cumprir com esta função e auxiliar a humanidade a efetuar a mudança de rumo em prol da manutenção das mais diversas formas de vida.

3.3 TELEVISÃO E A IMPORTÂNCIA DA IMAGEM NO JORNALISMO AMBIENTAL

A televisão é um veículo de comunicação que faz parte do dia a dia das pessoas, como fonte de informação, de entretenimento, de trabalho, de divulgação e/ou de companhia. Ao longo da história, a popular TV se aproximou cada vez mais dos públicos, na medida em que as programações foram se diversificando e, até mesmo, se segmentando.

Para atender às necessidades desta pesquisa, é preciso levar em consideração as características da narrativa jornalística na televisão. Por ser um veículo onde a imagem predomina, por vezes, mais que o texto oral, a forma de estruturar e contar uma história na TV tem suas peculiaridades. Como referência, serão utilizados estudos de Vera Íris Paternostro (2006), Luciana Bistane e Luciane Bacellar (2008), que trazem um breve histórico sobre a consolidação da televisão com ênfase no Jornalismo. Também serão utilizados os estudos de Rosa Maria Bueno Fischer (2001), que fazem a relação entre a linguagem da TV e Educação, para embasar a discussão sobre o viés educativo do veículo.

3.3.1 TV: Um breve histórico da criação e popularização do veículo no Brasil

A televisão é fruto de pesquisas, inventos e experimentos de muitos cientistas e pessoas que tinham como desejo poder transmitir uma imagem para diversos pontos à distância. Dessa forma, é consenso entre os estudiosos que não há como atribuir a criação da TV a uma única pessoa, grupo ou instituição, como mostra Paternostro (2006, p. 22):

Não se pode precisar quem, nem quando foi inventada. No século XIX, de uma invenção a outra, o ritmo de desenvolvimento era acelerado. Novos recursos para a comunicação surgiam e eram rapidamente incorporados às descobertas: uma espécie de corrida científica e tecnológica.

Existem, no entanto, nomes que contribuíram significativamente para o invento. Em 1817, o químico sueco Jacob Berzelius descobriu que o elemento selênio sofria alterações ao ser atravessado por uma corrente elétrica. O telégrafo, criado pelo pintor, editor e inventor americano, Samuel Morse, em 1838, também foi importante para o posterior desenvolvimento da TV. O equipamento era capaz de enviar mensagens através de linhas usando um código de sinais. Em 1880, o inventor francês, Maurice Le Blanc, criou um sistema de projeção de imagens em movimento, a partir do sequenciamento de fotografias. Nos anos seguintes, pesquisadores e inventores realizaram mais descobertas com relação às ondas eletromagnéticas e criaram mecanismos de transmissores mecânicos de imagens.

Um ponto importante dessa história é a invenção do iconoscópio. O responsável pela criação do sistema, que fez parte do mecanismo das TVs por muito tempo, foi o russo, naturalizado americano, Vladimir Zworykin. Em 1923, ele criou um tubo a vácuo com tela de células fotoelétricas capazes de fazer uma varredura eletrônica das imagens. No mesmo ano, o engenheiro escocês John Baird fez uma demonstração de transmissão de imagem na *British Broadcasting Corporation* (BBC), que o contratou para desenvolver a tecnologia. Quatro anos depois, Zworykin conseguiu fazer transmissões de imagens a uma distância de 45 quilômetros. Em 1935, a Alemanha ofereceu o primeiro serviço de televisão pública e em 1936 a BBC inaugurava suas transmissões na Inglaterra, com a cobertura da coroação do rei Jorge VI. (PATERNOSTRO, 2006) (BISTANE; BACELLAR, 2008) O interessante aqui é

notar que o desenvolvimento da televisão se deu em alinhamento e numa lógica recursiva entre os processos de transformação da sociedade.

A partir de 1940, a TV se afirma: o sistema já era totalmente eletrônico. Durante a Segunda Guerra Mundial, o desenvolvimento da tecnologia da televisão sofreu uma parada. Mas, entre o final dos anos 40 e o começo dos 50, a TV entrou na vida de praticamente todos os países e se firmou como meio de informação e comunicação de massa. O telespectador já tinha a garantia da boa imagem e a indústria começou a se preocupar com os aperfeiçoamentos, que duram até hoje... (PATERNOSTRO, 2006, p. 24)

O invento chegou no Brasil em 1950, por meio de Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo. Dono de um dos primeiros impérios de comunicação do País – o chamado Diários e Emissoras Associadas - Assis Chateaubriand, trouxe técnicos da *America Radio Corporation* (RCA) para implantar a TV no território brasileiro. Assim, em 18 de setembro de 1950, entrou no ar a *PRF-3 TV Difusora* e, depois, a *TV Tupi* de São Paulo. Nos primeiros dez anos a expansão da televisão no Brasil foi mais tímida, pois os equipamentos eram considerados caros para grande parte da população. Os canais também não conseguiam manter programações ininterruptas no ar. “A programação das emissoras seguia uma linha de "elite", com artistas e técnicos trazidos do rádio e do teatro. Entrevistas, debates, teleteatros, shows e música clássica eram as principais atrações” (PATERNOSTRO, 2006, p. 31).

Até o final da década de 1950, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte tinham emissoras. As TVs *Tupi*, *Record* (1953) e *Paulista* (1952) foram instaladas em São Paulo; no Rio de Janeiro, entrou em operação a *Tupi* (1955) e a *Excelsior* (1959); e em Belo Horizonte foi criada a *Itacolomi* (1956). Outro dado sobre a expansão do veículo de comunicação aponta que, até 1958, existiam 78 mil televisores no País. (PATERNOSTRO, 2006). Nesta época, também não havia muitos patrocinadores, pois as marcas, assim como a população, estavam aprendendo a lidar com a nova tecnologia.

Quanto à programação, inicialmente, programas de rádio já conhecidos pelo público como *O Repórter Esso*, *Chacrinha* e o humorístico *Balança mas não cai*, ganharam uma versão para a televisão. Com o tempo, as emissoras passaram a criar programas originais, exclusivos para o áudio visual. Assim, com a popularização da TV, que foi conquistando e fidelizando novos públicos, as marcas começaram a se interessar mais por colocar anúncios, pois viram que a “[...] a televisão surgia como

uma fórmula mágica para a venda de produtos – todos os produtos”. (PATERNOSTRO, 2006, p. 31)

Na década de 1960, outra grande transformação foi fundamental para a consolidação e expansão da televisão: a chegada do videotape (VT). A *TV Tupi* de São Paulo foi a primeira a obter a tecnologia que foi utilizada na cobertura da inauguração de Brasília. (PATERNOSTRO, 2006, p. 31). As fitas magnéticas que possibilitaram a gravação de imagens e sons nos mais diversos locais e em cidades distintas para depois serem reproduzidas nos programas e telejornais revolucionaram a linguagem da TV.

A *TV Excelsior* foi uma das primeiras emissoras a aproveitar o potencial que os recursos do videotape ofereciam. Em 1962, o programa *Chico Anísio Show*, dirigido por Carlos Manga, passou a ser gravado e as cenas se sucediam em uma seqüência de cortes e montagem inovadora para a época. E foi ainda o VT que deu o grande impulso às telenovelas. (PATERNOSTRO, 2006, p. 32)

Na mesma década, além dos avanços tecnológicos, a televisão foi marcada pela censura imposta pelos militares, que assumiram o governo brasileiro a partir do Golpe de 1964, que instaurou a ditadura no País. Assim, o controle das informações veiculadas passou a ser realizado de acordo com os interesses dos militares. “Como a concessão de rádios e televisões era, e ainda é, decisão do governo, a censura se impunha sem dificuldades nesses meios de comunicação”. (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 107) Nessa época, diversos programas, como o *Jornal de Vanguarda*, foram retirados do ar por conta da censura.

Enquanto o controle sobre a mídia seguia, os militares atuaram no desenvolvimento da infraestrutura das telecomunicações no Brasil. A medida visava possibilitar a veiculação de programas em rede nacional, a fim de disseminar a propaganda governamental. (BISTANE; BACELLAR, 2008). Dessa forma, investiu-se na viabilização das transmissões por satélite.

Estavam prontas as condições para a implantação dos telejornais de rede e o pioneiro foi o *Jornal Nacional*, da TV Globo, em 1969. A estréia da emissora carioca, quatro anos antes, foi em meio à polêmica denúncia de associação com o grupo norte-americano Time-Life - a lei proibia participação de capital estrangeiro nas empresas de comunicação e o caso virou CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito. (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 107).

Em um cenário de controle ditatorial, a TV foi adquirindo mais recursos técnicos, como imagens em cores. A cidade de Caxias do Sul – RS – protagonizou essa transformação quando, em 1972, a *TV Difusora* de Porto Alegre realizou a primeira transmissão em cores na inauguração da Festa da Uva. Dessa forma, com os avanços tecnológicos, as redes de televisão se consolidaram no Brasil, disseminando os padrões do eixo Rio-São Paulo, já que as sedes das principais emissoras ficavam nessas cidades. (PATERNOSTRO, 2006).

Com o passar dos anos, principalmente durante a década de 1980, alguns grupos foram crescendo e ganhando mais forma, como foi o caso da *TV Globo* e da *SBT* – Sistema Brasileiro de Televisão. Também ocorreu o aparecimento de outras emissoras que conquistaram um público importante, como a *Rede Manchete*. Por outro lado, devido a problemas financeiros, alguns canais desapareceram da televisão brasileira, como foi o caso da *TV Tupi*, que teve a transmissão cassada pelo governo. (PATERNOSTRO, 2006).

Na década de 1990, a chegada da TV por assinatura também revolucionou a relação entre os veículos e os telespectadores. O sistema chegou ao Brasil cerca de 40 anos depois que a TV paga já estava presente em países como Estados Unidos (EUA) e Canadá.

Enquanto a TV aberta briga pela audiência para atrair patrocinadores, a TV por assinatura aposta na segmentação do público e vende conteúdo - sustenta-se com a mensalidade paga pelos assinantes. Em pouco mais de uma década alcançou quinhentos municípios, com uma centena de canais em operação. (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 110)

Assim, o Brasil foi buscar referência em um modelo que estava dando certo nos EUA para implantar junto à TV por assinatura no País. A *CNN* – *Cable News Network* – uma emissora especializada em jornalismo estreou em 1980, nos EUA, com a aposta em jornalismo 24 horas por dia. Com esse conceito de informações ininterruptas, em outubro de 1996, entrou no ar, no Brasil, a *GloboNews*. Com programação diária focada em informação, o canal foi pioneiro no Brasil no modelo jornalismo 24 horas. “Os comentários, as análises, os debates e o aprofundamento dos assuntos se tornaram uma marca do canal. A agilidade, a notícia viva, quente, a todo instante, fazia o assinante preferir a *Globo News* para se informar”. (PATERNOSTRO, 2006, p. 54)

Dos anos 2000 em diante, a aproximação cada vez maior da televisão com a internet possibilitou que a programação não fosse assistida somente na TV, mas também em monitores de computador e celulares. As tecnologias revolucionaram o dia a dia das equipes de reportagem e de produção de conteúdos para a TV, que, com equipamentos cada vez mais sofisticados e menores, puderam dar mais agilidade às coberturas ou gravações. Por exemplo, hoje, um repórter pode fazer sozinho um *link* ao vivo para um telejornal. Ele mesmo posiciona a câmera, reporta ou entrevista e faz a sua conexão com o estúdio em que o conteúdo é propagado.

A cada avanço da tecnologia as coberturas ganham agilidade e recursos que pareciam impossíveis ou inimagináveis. Alguns provocam mudanças radicais na maneira de se trabalhar, como aconteceu com a informatização das redações, no início da década de 1990. Computadores substituíram máquinas de escrever e a antiga lauda é hoje uma página na tela. Terminais da redação estão interligados e todos os profissionais têm acesso às informações da escuta, pautas, textos dos repórteres, espelho do telejornal e às notícias das agências, que antes chegavam por telex. (BISTANE; BACELLAR, 2008, p. 113-114)

Com a chegada da TV Digital no Brasil, anunciada em 2007 pelo Governo Federal, mais uma modificação importante ocorreu no percurso do veículo no País. Cerca de 90% da população brasileira já têm acesso ao sinal da TV Digital. A meta do Ministério das Comunicações é que, até 2023, todos os municípios brasileiros tenham realizado a migração da TV analógica para a TV Digital.

A TV Digital terrestre é um serviço aberto e gratuito que proporciona qualidade de som e imagem muito superior à da TV analógica, além de permitir a recepção em dispositivos móveis, como celulares, e a interatividade, inclusive por meio da integração com conteúdo de internet¹¹. (GOV.BR, 2021).

As transformações desse veículo, que está presente na maioria dos lares brasileiros, continuam. Por exemplo, com o avanço da internet, um formato já explorado por alguns veículos de comunicação é o *streaming*¹². A ferramenta possibilita a oferta de conteúdos que podem ser consumidos sob demanda, ou seja, quando e onde o assinante desejar. Mesmo os telejornais e programas relacionados à informação ficam armazenados, para que sejam assistidos em outros momentos,

¹¹ É a informação que consta no site do Governo Federal, dentro da aba do programa *Digitaliza Brasil*. (GOV.BR, 2021).

¹² O streaming é a tecnologia de transmissão de dados pela internet, principalmente áudio e vídeo, sem a necessidade de baixar o conteúdo, ou seja, o usuário pode usufruir dos conteúdos de forma on-line.

fora do “ao vivo”. Independentemente de formatos e tecnologias que serão incorporados à televisão, é sempre importante refletir sobre a relevância deste veículo para a sociedade.

O papel formativo da TV é um dos aspectos fundamentais para se refletir diante de uma sociedade midiaticizada, mas, ainda, com tantas desigualdades. A internet está cada vez mais presente nos lares e comunidades brasileiras; porém, muitas pessoas ainda não têm acesso a esse recurso. Logo, a televisão continua sendo um dos principais meios para se obter informação. Por ocupar esse espaço “privilegiado” na vida das pessoas, a televisão precisa ser um meio de propagação de conteúdos que agreguem conhecimentos pertinentes para os telespectadores, a fim de contribuir, de alguma forma, com a melhoria da vida das comunidades. Nesse sentido, um dos aspectos urgentes que precisa ser abordado na contemporaneidade é a educação ambiental. A sociedade necessita ter acesso aos conhecimentos de como cuidar do ecossistema, além de ser estimulada a hábitos de vida alinhados com a sustentabilidade e com a manutenção do equilíbrio ambiental.

3.3.2 Aprofundar para educar: o desafio da TV na Idade Mídia

A autora Rosa Maria Bueno Fischer (2001) aborda no seu livro *Televisão e Educação: fruir e pensar a TV* como as narrativas televisivas podem se constituir como meio de educação da sociedade, trazendo o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”. Fundamentada em pensamentos do filósofo Michel Foucault, ela aborda como a mídia participa da construção de sujeitos e subjetividades, a partir da geração de significações, por meio de imagens e saberes que se dirigem à educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. (FISCHER, 2001).

Nesse sentido, defendo a tese de que a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas - mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico - de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria - é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (FISCHER, 2001, p. 18-19)

Diante do exposto, destaca-se a importância de pensar a narrativa de cada produto audiovisual, já que a linguagem, bem como as emoções e sentimentos gerados sobre o espectador, se difere. Por exemplo, uma telenovela tem uma narrativa e finalidade diferentes de um telejornal, de uma grande reportagem ou de um programa de TV.

Uma das primeiras condicionantes da linguagem televisiva é a captação da atenção do telespectador. Tendo em vista que muitas pessoas assistem aos conteúdos de uma forma dispersiva, fazendo outras tarefas ou, mais recentemente, lidando com diversas telas ao mesmo tempo, a narrativa na TV precisa ser clara e simples, sem ser rasa. Assim, seleciona-se personagens, imagens, enfoques, linguagem e sons para obter a atenção e interação do público (FISCHER, 2001).

As imagens são outro ponto fundamental, dado o fato de que a televisão é um aparato audiovisual. Sendo assim, os “recortes”, a seleção de cenas e os enquadramentos comunicam tanto quanto a palavra falada ou elementos gráficos utilizados na composição do conteúdo. Portanto, estudiosos e pesquisadores de televisão sempre salientam a importância da harmonia entre o texto oral e as imagens, para que a informação seja compreendida pelo telespectador. É essa combinação que também vai despertar sentimentos e emoções no público, a partir da narrativa. Por isso, é importante que o jornalista esteja sempre atento, principalmente, à construção do texto para a TV, para que este potencialize a imagem e vice-versa. Como destaca Paternostro (2006, p. 74):

[...] se é com a imagem que a TV exerce o seu fascínio, o quanto ela vai se superar se a imagem estiver casada com um bom texto? Um texto com palavras bem escolhidas, frases estruturadas, ritmo, emoção, com estrutura simples, sem rebuscamento, com harmonia, nuances, clareza; um texto inteligente, rico, bonito, informativo, escrito com a cabeça e com o coração.

É possível conceber que a televisão, enquanto instrumento de comunicação social, tem um papel fundamental no que diz respeito à disseminação de informações e conteúdos que interagem direta e indiretamente com a vida das pessoas. Junto a esta premissa, é preciso pensar sobre a responsabilidade ética e moral de todos os profissionais que trabalham com o jornalismo televisivo. Como mencionado, as narrativas são capazes de sensibilizar, de mobilizar, de auxiliar na ampliação de consciência das pessoas, sendo um instrumento importante que a sociedade tem nas mãos para a promoção da educação ambiental.

Os veículos de comunicação de massa também são citados na Lei Nº 9.795/1999, que dispõe sobre a educação ambiental e institui a Política Nacional de Educação Ambiental. No artigo 3º, inciso IV, a lei institui que cabe “aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação;” (BRASIL, 1999). A realidade, contudo, tanto por parte dos veículos de comunicação, quanto por parte do Poder Público, muitas vezes, não atende a essa premissa.

Conforme Trigueiro (2005), a mídia, principalmente a televisão, ainda tem tendência a abordar o meio ambiente sob o ponto de vista da vida selvagem, com imagens exuberantes de ambientes exóticos que retratam a fauna e a flora de diversos locais do mundo. Conta-se uma história, mas não há um aprofundamento.

Na Era da Informação, na Idade Mídia, em que os profissionais da comunicação pertencem ao que se convencionou chamar de Quarto Poder, meio ambiente ainda é uma questão periférica, porque não alcançou o sentido mais amplo, que extrapola a fauna e a flora. (TRIGUEIRO, 2005, p. 288)

Nesse sentido, o autor salienta:

O fato é que reduzir o meio ambiente à fauna e à flora é, definitivamente, um erro de grandes proporções. E esse é um ponto fundamental na área da comunicação, porque obriga os profissionais de mídia a perceberem a realidade de uma forma inteiramente nova e, sob alguns aspectos, revolucionária: no mundo moderno, em que o conhecimento encontra-se fragmentado, compartimentado em áreas que muitas vezes não se comunicam, a discussão ambiental resgata o sentido holístico, o caráter multidisciplinar que permeia todas as áreas do conhecimento, e nos induz a uma leitura da realidade onde tudo está conectado, interligado, relacionado. (TRIGUEIRO, 2005, p. 288)

O desafio aos profissionais da comunicação que desejam seguir na área do Jornalismo Ambiental está posto: conseguir se aprofundar nas pautas em busca de uma abordagem a partir do olhar sistêmico sobre a vida. Nesse sentido, a narrativa a ser adotada durante uma reportagem, cobertura, ou apresentação de temas referentes ao meio ambiente é um fator fundamental para alcançar o objetivo de transformar o conteúdo em um dispositivo de ampliação de consciência sobre o meio ambiente.

3.4 NARRATIVA JORNALÍSTICA

O jornalismo é a atividade que tem como principal função ser uma ponte entre os fatos e os espectadores/ouvintes/leitores. Está no senso comum que o ofício do jornalista consiste em narrar histórias reais, tendo como principal compromisso a verdade. Assim como na ficção, no entanto, a narração de fatos pode se dar de diversas formas uma vez que a linguagem é ampla, complexa e permissiva enquanto estilos textuais. Cada forma de estruturar e contar uma história vai gerar efeitos distintos, uma vez que a narrativa é capaz de sensibilizar, emocionar, inquietar, conscientizar e despertar diversas reações psicológicas e cognitivas nos interlocutores.

Antes de adentrar aos aspectos e diferentes formas de emprego da narrativa, é preciso caracterizá-la. A narração, segundo Lima (2004), contém elementos básicos como a situação, no jornalismo, contada por meio do lead¹³; a intensidade, que exprime o acontecimento na ordem emocional; e ambiente, onde entra a descrição do meio físico ou mental referente ao fato. O autor também cita a definição de narração concebida por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari:

[...] a ordenação de fatos, de natureza diversa, externos ao relator (mesmo quando o narrador é parte dos fatos, isto é, participa da ação que está sendo narrada). No texto comunicativo, os acontecimentos (desde a mais simples notícia até a grande-reportagem), situados no nível de uma seqüência temporal, constituem uma narrativa. (SODRÉ; FERRARI, 1977 apud LIMA, 2004, p. 147)

A narrativa compreende o ato de contar uma história, envolvendo recursos como linguagem verbal e/ou visual, cronologia, angulação, ponto de vista e edição¹⁴. Importante lembrar que a estrutura da narração adquire diferentes formatos, de acordo com o meio em que será veiculada – impresso, televisão, rádio, internet.

Sobre a narrativa jornalística, especificamente, Lima (2004, p. 161) traz uma definição baseada no pressuposto de que o jornalista presencia os fatos para contá-los:

¹³ As seis questões que norteiam a produção jornalística: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê?

¹⁴ Sobre esse assunto, é importante recuperar a contribuição do Doutor em Ciências da Comunicação e Pós-doutor em Educação, Edvaldo Pereira Lima (2004). Na obra *Páginas Ampliadas*, o autor aborda os diversos aspectos da construção da narrativa de forma mais aprofundada, delineando todo o processo de contação de uma história com foco no jornalismo literário avançado.

A narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada. Para cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende. Em outras palavras, deve optar na escolha dos olhos - e de quem - que servirão como extensores da visão do leitor.

O autor propõe que o jornalista é o sujeito responsável pela concepção da narrativa a partir de suas percepções, subjetividades e técnicas. Nesse contexto, Dalmonete (2011) afirma que a narrativa jornalística tem funções mais profundas do que apenas cumprir a burocracia de responder as perguntas do *lead* e descrever o acontecimento em questão. Principalmente na sociedade contemporânea, que lida com a comunicação integrada através das tecnologias, “o desafio é exatamente ir além e questionar os novos elementos que compõem a narrativa jornalística” (DALMONTE, 2011, p. 216). É neste fluxo de um processo comunicacional complexo, atravessado por diversas narrativas cotidianas que:

O jornalismo se constitui como lugar de articulação de discursos sociais, com base no diálogo de interesse público e, conseqüentemente, agente mediador entre o mundo dos fatos e a instância de leitura/recepção. Toda a comunicação que interessa à opinião pública é mediada pela instância jornalística, que confere uma aura de importância ao que é narrado, pressupondo um processo de seleção dos fatos, apuração e articulação de vozes conflituosas etc. (DALMONTE, 2011, p. 216)

O autor também salienta que um dos principais objetivos da narrativa jornalística é produzir o efeito do real, por meio de recursos textuais e visuais, como fotos ou imagens, no caso do telejornalismo. “A apresentação do real é a condição necessária que justifica a existência do jornalismo” (DALMONTE, 2011, p. 219). Dalmonete (2011) destaca, contudo, que a própria narrativa de um fato é uma versão do acontecimento, não a apresentação fidedigna do real, já que este pressupõe experiência empírica. Assim, destaca-se o conceito de irrealização trazido por Metz (2007 apud DALMONTE, 2011, p. 220):

[...] a partir do momento em que a narrativa é percebida como real, ou seja, uma sequência temporal, com início e fim, tem-se, como consequência, o fato de “irrealizar a coisa-narrada”. Por irrealização, o autor define os limites entre o vivido e o narrado. Todo ato de narrar pressupõe um afastamento, no que concerne o mundo real, ou seja, um ato de irrealização, pois o real apenas acontece como ação única, pressupondo a presença.

É preciso também levar em consideração a linha de abordagem que o jornalista adota nas produções de notícias, pois a forma como a história é contada tem a possibilidade de impactar a opinião pública. Portanto, todo o processo precisa ser pensado de acordo com o objetivo final e responsabilidade ética da profissão, passando por “[...] escolher uma abordagem, uma palavra, uma imagem, cores; angular é saber onde e como colocar determinado componente no texto, de maneira que a idéia apresentada seja a mais próxima daquilo que se pretendeu”. (TORQUATO, 1984 apud LIMA, 2004, p. 158).

4 ECOLOGIA PROFUNDA

“Uma sociedade sustentável é aquela que satisfaz suas necessidades sem diminuir as perspectivas das gerações futuras”

Lester Brown

A ecologia profunda é o núcleo de pensamento deste capítulo, que busca conceituar e aplicar essa visão de mundo ao jornalismo. Para atingir este objetivo foram utilizadas como subsídio de pesquisa as obras do físico Fritjof Capra (2004, 2010, 2012). A principal fonte de pesquisa bibliográfica foi o livro *Teia da Vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Nesta obra, o autor defende a mudança de paradigma para lidar com os problemas atuais e trata da compreensão sistêmica da vida, ou seja, o entendimento de que tudo está interligado como uma grande teia.

Neste capítulo, também foi feita a relação entre a ecologia profunda e o jornalismo. Aqui, buscou-se o entendimento de como o jornalismo pode integrar a teia trama da vida como um propagador de conhecimentos sobre o mundo, a fim de contribuir com a ampliação de consciência das instituições, lideranças políticas e sociedade como um todo. Para esta reflexão, também foram utilizadas as contribuições dos autores André Trigueiro (2005, 2012) e Eduardo Geraque (2004, 2018).

4.1 A ECOLOGIA PROFUNDA COMO O NOVO PARADIGMA

A crise do atual paradigma, ou seja, do atual modelo de vida, de economia e de política, é apresentado por muitos especialistas como a origem das crises ambiental, humanitária e econômica. Nesse sentido, conforme propõe Capra (2004, p. 23): “Quanto mais estudamos os principais problemas de nossa época, mais somos levados a perceber que eles não podem ser entendidos isoladamente”. O autor defende, por meio de uma nova compreensão científica da vida, que todos os sistemas vivos – organismos, sistemas sociais e ecossistemas – são interligados. Dessa forma, o desequilíbrio de um desses sistemas gera uma reação em cadeia que repercute nos demais.

Por exemplo, somente será possível estabilizar a população quando a pobreza for reduzida em âmbito mundial. A extinção de espécies animais e vegetais numa escala massiva continuará enquanto o Hemisfério Meridional estiver sob o fardo de enormes dívidas. A escassez dos recursos e a degradação do meio ambiente combinam-se com populações em rápida expansão, o que leva ao colapso das comunidades locais e à violência étnica e tribal que se tornou a característica mais importante da era pós-guerra fria. (CAPRA, 2004, p. 23)

A partir dessa explicação, Capra (2004) também aponta que todas essas questões precisam ser entendidas a partir de uma mesma origem: a crise de percepção. Sendo assim, a solução para esses problemas deve partir, também, de uma mesma fonte: a mudança de percepção e de pensamento para garantir a sobrevivência. Assim, o autor aponta para a necessidade de que líderes políticos, administradores de corporações, professores universitários e a sociedade reconheçam a relação entre as problemáticas para projetarem soluções com foco na sustentabilidade. “Este, em resumo, é o grande desafio do nosso tempo: criar comunidades sustentáveis - isto é, ambientes sociais e culturais onde podemos satisfazer as nossas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras”. (CAPRA, 2004, p. 24).

Para contrapor a visão de mundo que coloca o homem como parte dissociada da natureza, que prioriza a relação de competição na sociedade e que defende um crescimento econômico ilimitado, Capra (2004) apresenta o conceito de Ecologia Profunda. Essa concepção parte da visão holística¹⁵, que compreende a vida como um todo integrado e não como partes dissociadas. O autor também menciona que essa visão pode ser entendida como ecológica, no sentido profundo da palavra.

A percepção ecológica profunda reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos). (CAPRA, 2004, p. 25)

Aqui também cabe destacar a distinção de uso da palavra “ecologia”. A diferença de significado foi feita pelo norueguês Arne Naess, responsável pela criação da escola filosófica que aborda a ecologia profunda, na década de 1970. O pensador explica que existe a “ecologia rasa”, também chamada de ecologia antropocêntrica.

¹⁵ É importante destacar que o autor faz uma distinção entre visão holística e visão ecológica. Para Capra (2004) a visão holística busca analisar e compreender a relação de todas as partes de um todo. Já a visão ecológica, além de analisar este todo, busca compreender todo o contexto social e ambiental em que ele está inserido. Mais detalhes em (CAPRA, 2004, p. 25).

Essa definição é dada para a corrente de pensamento que situa os valores humanos acima ou fora da natureza, bem como entende a natureza e seus recursos como bens instrumentais para uso e produção. Já a ecologia profunda não faz essa distinção entre os seres humanos e os componentes do ambiente natural. Tudo é visto como parte integrante da teia da vida, sendo que a espécie humana constitui apenas um fio dessa rede. (CAPRA, 2004).

Além da mudança de percepção, de pensamento e de visão de mundo, Capra (2004) salienta a necessidade de transformar valores, para que o paradigma emergente se configure. Segundo ele, uma sociedade próxima dos princípios da ecologia profunda busca o equilíbrio entre os pensamentos e valores autoafirmativos e integrativos. O que ocorre, atualmente, é que a sociedade se baseia, principalmente, na autoafirmação, ocasionando um desequilíbrio que resulta na preponderância da competição, da exploração, da desigualdade e da destruição da natureza.

Figura 2 – Pensamentos e valores relacionados à ecologia profunda

<i>Pensamento</i>		<i>Valores</i>	
<i>Auto-afirmativo</i>	<i>Integrativo</i>	<i>Auto-afirmativo</i>	<i>Integrativo</i>
racional	intuitivo	expansão	conservação
análise	síntese	competição	cooperação
reducionista	holístico	quantidade	qualidade
linear	não-linear	dominação	parceria

Fonte: Capra (2004, p. 27).

A partir do quadro, é possível notar que tanto os pensamentos quanto os valores autoafirmativos e integrativos são interpretados, geralmente, como antagônicos. Nesse sentido, Capra (2004) salienta que promover o equilíbrio entre as duas visões é um desafio ainda maior para uma sociedade alicerçada no patriarcado e que pende para a autoafirmação excessiva:

De fato, nossas estruturas políticas, militares e corporativas são hierarquicamente ordenadas, com os homens geralmente ocupando os níveis superiores, e as mulheres, os níveis inferiores. A maioria desses homens, e algumas mulheres, chegaram a considerar sua posição na hierarquia como parte de sua identidade, e, desse modo, a mudança para um diferente sistema de valores gera neles medo existencial. (CAPRA, 2004, p. 28)

O autor também complementa que: “A mudança de paradigma inclui, dessa maneira, uma mudança na organização social, uma mudança de hierarquia para redes” (CAPRA, 2004, p. 28). A transformação das relações sociais está interligada com a percepção das pessoas sobre o modo de vida, assim, essa transformação proposta por Capra (2004) - de hierarquia para redes - é interdependente de outra ideia apresentada pelo autor: o “pensamento sistêmico”.

Enxergar os organismos e os sistemas vivos como um todo, sem fazer a distinção ou isolamento das partes, foi uma percepção que surgiu, no início do Século XX, na área das Ciências Naturais, sobretudo na biologia e na física. Esse pensamento revolucionou a ciência ocidental que, até então, se baseava em um modelo cartesiano e analítico.

O grande impacto que adveio com a ciência do século XX foi a percepção de que os sistemas não podem ser entendidos pela análise. As propriedades das partes não são propriedades intrínsecas, mas só podem ser entendidas dentro do contexto do todo mais amplo. Desse modo, a relação entre as partes e o todo foi revertida. Na abordagem sistêmica, as propriedades das partes podem ser entendidas apenas a partir da organização do todo. Em consequência disso, o pensamento sistêmico concentra-se não em blocos de construção básicos, mas em princípios de organização básicos. O pensamento sistêmico é "contextual", o que é o oposto do pensamento analítico. A análise significa isolar alguma coisa a fim de entendê-la; o pensamento sistêmico significa colocá-la no contexto de um todo mais amplo. (CAPRA, 2004, p. 41)

Essa pesquisa busca suporte justamente nesse ponto, no pensamento sistêmico, transpondo-o para o jornalismo. Pois, diante do atual contexto socioambiental é preciso refletir como os profissionais e veículos de comunicação podem atuar a partir de uma percepção ecológica dos acontecimentos da vida, interligando fatos, histórias e consequências, como forma de contrapor a fragmentação das informações impostas pelo modo de operação das organizações comunicacionais.

4.1.1 Ampliação de Consciência

A discussão sobre a consciência é um ponto fundamental para o objetivo da presente pesquisa. Os estudos sobre esse aspecto da vida foram realizados e ainda seguem sendo abordados pelas diversas áreas da ciência como Biologia, Filosofia e pela própria Comunicação. O físico Fritjof Capra (2010) dedica um capítulo do livro *As*

conexões ocultas para discutir o tema. Segundo ele, por mais de trezentos anos, a ciência ocidental tem trabalhado com o conflito entre a separação dual da mente (coisa pensante) e matéria (coisa extensa). Essa divisão teria sido concebida no século XVII por René Descartes (CAPRA, 2010).

Desde então, cientistas e pensadores têm tentado estabelecer relações entre o funcionamento da mente e do corpo. “O avanço decisivo da concepção sistêmica da vida foi o de ter abandonado a visão cartesiana da mente como uma coisa, e de ter percebido que a mente e a consciência não são coisas, mas processos” (CAPRA, 2010, p. 49). Uma teoria que contribuiu expressivamente para esses avanços foi a teoria de Santiago criada por Humberto Maturana e Francisco Varela.

A ideia central da teoria de Santiago é a identificação da cognição, o processo de conhecimento, com o processo do viver. Segundo Maturana e Varela, a cognição é a atividade que garante a autogeração e a autoperpetuação das redes vivas. Em outras palavras, é o próprio processo da vida. A atividade organizadora dos sistemas vivos, em todos os níveis de vida, é uma atividade mental. As interações de um organismo vivo vegetal, animal ou humano com seu ambiente são interações cognitivas. Assim, a vida e a cognição tornam-se inseparavelmente ligadas. A mente ou melhor, a atividade mental - é algo imanente à matéria, em todos os níveis de vida. (CAPRA, 2010, p. 50)

O autor também salienta que a teoria de Santiago liga a cognição à autopoiese, ou seja, a autorregeneração das redes vivas. Isso significa que, ao mesmo tempo que as estruturas dos seres vivos se transformam em um movimento de renovação, elas conservam a sua identidade global e suas características essenciais. Muitas dessas mudanças, segundo Capra (2010), ocorrem na interação entre esses sistemas vivos e o ambiente.

À medida que o organismo vivo responde às influências ambientais com mudanças estruturais, essas mudanças, por sua vez, alteram o seu comportamento futuro. Em outras palavras, o sistema que se liga ao ambiente através de um vínculo estrutural é um sistema que aprende. A ocorrência de mudanças estruturais contínuas provocadas pelo contato com o ambiente seguidas de uma adaptação, um aprendizado e um desenvolvimento também contínuos - é uma das características fundamentais de todos os seres vivos. (CAPRA, 2010, p. 51)

Para Capra (2010), esse processo cognitivo atinge a complexidade das mais diversas dimensões da vida. Nesse sentido, o autor coloca que, em alguns casos, esse processo resulta no surgimento da consciência. Durante os séculos XIX e XX, psicólogos e filósofos passaram a se aprofundar nos estudos sobre a consciência,

buscando entender como ela opera nos sistemas vivos e de que forma influi no comportamento desses seres, incluindo os humanos. Conforme Capra (2010, p. 55), um dos consensos entre os estudiosos é de que existem dois níveis de consciência:

O primeiro tipo, chamado de "consciência primária", surge quando os processos cognitivos passam a ser acompanhados por uma experiência básica de percepção, sensação e emoção. Essa consciência primária manifesta-se provavelmente na maioria dos mamíferos e talvez em alguns pássaros e outros vertebrados. O segundo tipo de consciência, chamado às vezes de "consciência de ordem superior", envolve a autoconsciência uma noção de si mesmo, formulada por um sujeito que pensa e reflete.

A consciência de ordem superior é também chamada pelo autor de "consciência reflexiva" e ela "[...] inclui, entre outras coisas, a capacidade de formar e reter imagens mentais, que nos permite elaborar valores, crenças, objetivos e estratégias" (CAPRA, 2010, p. 55). É este tipo de consciência ao qual se refere esta pesquisa. Uma vez que se buscam dispositivos que possam ampliar a consciência sobre o meio ambiente, essa mudança precisa refletir em ações e condutas dos seres humanos que resultem em mudanças de hábitos de vida, por exemplo.

A importância da comunicação se dá, sobretudo, na dimensão social da consciência. Esse conceito é aprofundado por Capra (2010) a partir de um estudo de Maturana sobre a relação entre a biologia da consciência humana e a linguagem.

Segundo Maturana, a comunicação não é uma transmissão de informações, mas antes uma coordenação de comportamentos entre organismos vivos através de uma acoplagem estrutural mútua. Nessas interações recorrentes, os organismos vivos mudam juntos, por meio de um desencadeamento simultâneo de mudanças estruturais. Essa coordenação mútua é uma das características fundamentais de toda comunicação entre organismos vivos, dotados ou não de sistema nervoso, e vai se tornando cada vez mais sutil e elaborada à medida que a complexidade do sistema nervoso vai aumentando. (CAPRA, 2010, p. 67)

Essa coordenação mútua de comportamentos concebida por Maturana e citada por Capra (2010) pode ser analisada a partir de um contexto macro: a cultura. Assim, é possível perceber que a comunicação se configura como um processo fundamental para que os seres possam estabelecer relações baseadas em procedimentos pautados em valores, crenças, visões ou, até mesmo, instintos comuns. Dessa forma, é importante destacar que: "A cultura nasce de uma rede de comunicações entre indivíduos; e, à medida que nasce, impõe limites às ações desses mesmos indivíduos" (CAPRA, 2010, p. 98).

A partir do exposto, essa pesquisa busca destacar como o jornalismo, enquanto processo comunicacional, pode agir em interface com a construção cultural, a fim de coordenar comportamentos que sejam responsáveis com o ecossistema. Já que o comportamento das pessoas é moldado pela identidade cultural, o jornalismo pode contribuir com inserções nesse processo comunicativo, que sejam capazes de gerar respostas neurológicas que resultem na ampliação de consciência sobre as atitudes que precisam ser revisadas para expandir a visão ecossistêmica do mundo.

4.2 O OLHAR SISTÊMICO NO JORNALISMO

Diante dos desafios globais que se apresentam para a humanidade, sendo o principal a contenção da próxima extinção em massa já anunciada por especialistas, o jornalismo também precisa aprimorar a abordagem das pautas para atender à complexidade dos acontecimentos. Nesse sentido, Geraque (2018, p. 39) defende que “[...] o mergulho jornalístico, seja rumo a um preciso diagnóstico ambiental da Terra, ou na direção de várias outras áreas do conhecimento, passa necessariamente por mudanças”. O autor também salienta que:

Incorporar o olhar sistêmico ao cotidiano do ofício de contar histórias, em um mundo onde as pessoas estão soterradas pela informação, é um dos passos a serem dados. E existem outros, entretanto, que precisam ser contextualizados primeiro. A crise do fazer jornalístico e a revolução do mundo digital, cada vez mais acelerada, são processos que não podem ser ignorados. (GERAQUE, 2018, p. 39)

Conforme a reflexão trazida pelo autor, o próprio fazer jornalístico também enfrenta mudanças na compreensão de qual é o seu lugar no sistema ecossocial, bem como em seus processos operacionais, devido às novas práticas que surgiram com o avanço da tecnologia. Mesmo diante desse processo de transformação, a essência da profissão que é apurar informações, dar visibilidade para histórias e denunciar descasos com o ecossistema, permanece. As emergências climáticas e a necessidade de conscientizar a população sobre os cuidados que devem ser despendidos com o meio ambiente exigem, também, um aprofundamento da atuação jornalística. É neste ponto que os profissionais precisam desenvolver o olhar sistêmico a fim de enxergar as conexões (in)visíveis da teia da vida.

Dessa forma, Geraque (2018) - baseado nas contribuições de Jim Detjen (2002), do Centro Knight para Jornalismo Ambiental da Universidade do Estado de Michigan - afirma que o jornalismo deveria direcionar esforços para educar as pessoas para o caminho do desenvolvimento sustentável. Esse jornalismo, segundo o autor, também deveria fomentar o diálogo entre as pessoas para que desses encontros possam emergir soluções para os problemas ecossistêmicos. “Aumentar a cobertura de soluções promissoras que possam resolver a complexidade dos problemas ambientais é um dos caminhos” (DETJEN, 2002 apud GERAQUE, 2018, p. 44).

Para que se consolide esse fazer jornalístico, é preciso que haja cada vez mais verdade e contato, no dia a dia da profissão, com esse ambiente. Assim, para que as conexões propostas aconteçam no “produto” final - seja na matéria escrita, em áudio ou para a televisão - o jornalista precisa, primeiro, se conectar de forma pessoal com o meio ambiente. “Faz parte do ofício, também, mergulhar no assunto. Entrar na espiral de relações que a natureza oferece. Na teia de significações. Na história humana. No povo ribeirinho. Nos grandes empresários.” (GERAQUE, 2004, p. 80) Essa entrega mais verdadeira e que aproxima a narrativa empregada pelo jornalista da realidade tem como foco a formação de uma massa crítica, do ponto de vista de recepção deste conteúdo. Por sua vez, o público, mesmo heterogêneo, precisa ter o conhecimento dessas relações de produção para que possa também cobrar, cada vez mais, conteúdos construtivos oriundos da Mídia. (GERAQUE, 2004)

Essa qualificação dos jornalistas para assuntos ambientais deveria iniciar dentro das universidades, como salienta André Trigueiro (2012), no livro *Mundo Sustentável: novos rumos para um planeta em crise*:

O senso de urgência que o assunto requer e a dimensão planetária da crise justificam, por si só, a atualização dos conteúdos pedagógicos. O estudante de jornalismo precisa conhecer, já na universidade, as causas e as consequências da crise ambiental em que estamos mergulhados; analisar os diagnósticos baseados em indicadores científicos que emprestam credibilidade aos que defendem a mudança de paradigma; e habilitar-se a denunciar o que vai contra os interesses da vida. (TRIGUEIRO, 2012, p. 369)

O autor também faz críticas ao modelo mercantilizado de alguns cursos de formação superior que buscam apenas moldar profissionais para que atendam às demandas do mercado de trabalho. Trigueiro defende que cabe às universidades propor a discussão do “[...] papel do jornalista num mundo em transformação e com novas demandas na área da informação.” (TRIGUEIRO, 2012, p. 369) Nesse sentido,

é preciso incorporar nos projetos pedagógicos a cultura do olhar sistêmico. O objetivo dessa incursão educativa dos profissionais não é atuar na formação de jornalistas para que sejam especialistas – para essa função existem as fontes. O que se procura é dar subsídio aos jornalistas em formação ou recém-formados para que possam “[...] identificar os assuntos que merecem visibilidade e, especificamente na área ambiental, traduzir os saberes da ciência de forma clara e objetiva.” (TRIGUEIRO, 2012, p. 370)

Esse trabalho também precisa ser adaptado à realidade dos meios de comunicação, pois, um dos aspectos que dificilmente sofrerá mudanças é a negociação de tempo com o público, no contrato de leitura.

Um dos grandes desafios de uma disciplina sobre jornalismo ambiental - ou outro nome qualquer que se queira dar a um curso que atenda aos requisitos formulados acima - seria, a meu ver, o de compatibilizar o exercício da visão sistêmica (ampla, integradora, que enxerga o universo como um conjunto de fenômenos interdependentes, que interagem o tempo todo) com o lead (reducionista, sintético, suprassumo da notícia, extrato objetivo do fato). É possível usar a visão sistêmica no jornalismo sem prejuízo do lead? A resposta, definitivamente, é SIM. Disseminar no jornalismo essa perspectiva significa agregar substância à notícia, estabelecendo novos parâmetros de cobertura em diferentes editorias. (TRIGUEIRO, 2012, p. 370)

A partir dessas discussões, é possível compreender que o desenvolvimento do olhar sistêmico no jornalismo é fundamental, principalmente na contemporaneidade, para que se dê conta da complexidade informativa que o atual momento ecossistêmico exige.

Compreender e praticar a visão sistêmica são rudimentos importantes no exercício do jornalismo. E essa predisposição para enxergar sistemicamente será de grande valia na descoberta de novas pautas ou na abordagem mais completa dos mesmos assuntos. Em última instância, o que se pretende é qualificar o trabalho do jornalista não apenas para denunciar o que está errado, mas também para sinalizar rumo e perspectiva para a sociedade, através das histórias que conta ou escreve. (TRIGUEIRO, 2012, p. 372)

Em uma sociedade com o olhar ofuscado pelas questões econômicas, políticas e culturais, é preciso que um ou mais agentes que integram esse sistema possam auxiliar no entendimento de que todas as ações reverberam no planeta inteiro e na vida de todos que o constituem. O jornalismo pode ser um dos proponentes da mudança de percepção. Os jornalistas podem ser aqueles que buscam correlacionar todos os pontos integrantes da teia da vida para ampliar a consciência da humanidade

sobre a urgência necessária de ações que promovam a sobrevivência deste grande organismo chamado Terra.

5 VIDA NAS CIDADES

[...] a questão do tipo de cidade que desejamos é inseparável da questão do tipo de pessoa que desejamos nos tornar

David Harvey

A vida nos grandes centros urbanos e nos pequenos núcleos que estão passando pelo processo de urbanização molda os hábitos e comportamentos dos seus habitantes constantemente. Esse “estilo de vida” foi se configurando ao longo da história conforme a humanidade foi organizando esses espaços que conglomeram milhares e milhões de pessoas, que convivem diariamente entre si e com o ambiente no qual estão inseridas.

Por ser o lugar onde a vida “acontece”, é relevante para esta pesquisa investigar e conceituar a relação das pessoas com as cidades, tendo em vista que o programa analisado também tem como foco a busca por soluções que promovam um modo de vida sustentável nos centros urbanos.

Para resgatar o histórico de como a humanidade criou as cidades e compreender como se dá essa relação entre as pessoas e esses espaços, esse capítulo utiliza, como base, os estudos da arquiteta Raquel Rolnik (1994). A partir desta reflexão, o capítulo também apresenta com mais profundidade o programa de televisão *Cidades e Soluções*. O programa aborda exemplos e iniciativas que buscam conscientizar as pessoas para a necessidade de mudar hábitos e comportamentos, a fim de transformar esses centros urbanos, que são os grandes poluidores do planeta, em células sustentáveis de vida. As informações sobre o conteúdo são baseadas no livro homônimo, *Cidades e Soluções*, cuja autoria é do Editor-chefe do programa, o jornalista André Trigueiro (2017).

5.1 FORMAÇÃO DOS CENTROS URBANOS

A complexidade dos centros urbanos é fonte de estudo para diversos especialistas que, há anos, buscam investigar por meio de documentos, de registros históricos e da própria arquitetura como se iniciou essa organização e, principalmente, o porquê esses espaços atraem tantas pessoas. A arquiteta Raquel Rolnik (1994), em

seu livro *O que é cidade*, buscou explicações para esse fenômeno, que conglomerava milhares ou milhões de pessoas em espaços territoriais limitados, fazendo a comparação dos centros urbanos com um ímã.

Isto mesmo, a cidade é antes de mais nada um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de trabalho e moradia. Assim foram os primeiros embriões de cidade de que temos notícia, os zigurates, templos que apareceram nas planícies da Mesopotâmia em torno do terceiro milênio antes da era cristã. (ROLNIK, 1994, p. 13)

Segundo a autora, as cidades primitivas se configuraram a partir da construção dos templos, para que os povos pudessem cultuar as suas divindades. A partir dessa experiência, foram surgindo técnicas de construção e mudanças de comportamento - como a fixação das populações em um mesmo local - que moldaram os primeiros núcleos urbanos. Como explica Rolnik (1994, p. 13), “[...] os templos se somam a canteiros e obras de irrigação para constituir as primeiras marcas do desejo humano de modelar a natureza”.

Esse domínio de técnicas e territórios fez com que os seres humanos realizassem incursões cada vez mais ousadas e expansivas na construção de empreendimentos que visavam atender aos anseios de governantes e dos povos de cada época. Assim, também surge uma nova relação entre o homem e a natureza, que é mediada por estruturas racionais e abstratas – as construções físicas e a organização social. (ROLNIK, 1994)

A autora também associa o desenvolvimento das cidades com o avanço da escrita. Segundo Rolnik (1994), os dois processos ocorreram simultaneamente, pois a fixação dos seres humanos em um mesmo território originou uma nova ordem social, que precisou de mecanismos, como registros, cálculos e arquivos, para dar conta da nova complexidade de relações, principalmente, comerciais. Outra associação realizada é a da própria arquitetura, como uma forma de escrita, de registro histórico de um tempo e de um povo.

O desenho das ruas e das casas, das praças e dos templos, além de conter a experiência daqueles que os construíram, denota o seu mundo. É por isto que as formas e tipologias arquitetônicas, desde quando se definiram enquanto hábitat permanente, podem ser lidas e decifradas, como se lê e decifra um texto. (ROLNIK, 1994, p. 17)

Outra dimensão que constitui a essência de uma cidade é a política. Conforme Rolnik (1994), em uma cidade, os indivíduos nunca estão isolados, eles integram um conjunto chamado sociedade, que pressupõe regras e normas de convivência. Assim, a gestão dessa coletividade requer a instituição do poder urbano, uma autoridade político-administrativa encarregada dessa organização. Na Antiguidade até a Idade Média, o poder monárquico, por vezes combinado a figuras religiosas, como faraós e papas, predominava nas cidades. A *polis*, porém, é um exemplo de como a população já se organizava para a tomada de decisões. Originada na Grécia, esse modelo de cidade inspirou as democracias atuais e salientou o papel político dos cidadãos. Nas metrópoles contemporâneas, Rolnik (1994) afirma que o poder urbano está mediado também pelas tecnologias e pelo controle exercido pelos sistemas de computadores sobre grande parte da vida dos cidadãos.

Assim, tudo o que acontece na cidade - da produção e distribuição de mercadorias às biografias burocráticas dos cidadãos - pode ser registrado e controlado instantaneamente e à distância. Basta que, via satélite e com a velocidade do computador, as informações passem de um banco de dados a outro. Assim, o poder urbano, outrora fixado nas pedras do palácio, tornou-se menos visível, travestido em emissão eletrônica desprovida de dimensões espaciais. Por isto, mesmo na grande metrópole sem centro, podemos dizer que ser habitante da cidade é estar ao mesmo tempo protegido e reprimido por suas muralhas. (ROLNIK, 1994, p. 24)

Entre as características que identificam um centro urbano estão as relações econômicas que se dão nesse espaço e entre os indivíduos que o frequentam. Assim, é possível afirmar que o mercado existente nas cidades - desde a produção das mercadorias até o consumo - também se configura como um grande atrativo para as pessoas. É neste contexto que ocorre a especialização do trabalho e os movimentos de troca de mercadorias, os embriões do capitalismo.

A cidade, ao aglomerar num espaço limitado uma numerosa população, cria o mercado. E assim se estabelece não apenas a divisão de trabalho entre campo e cidade, a que já nos referimos, mas também uma especialização do trabalho no interior da cidade. (ROLNIK, 1994, p. 26)

Segundo Rolnik (1994), nas cidades antigas a dimensão política ainda se sobressaía ante a econômica, porém quando a expansão mercantil se tornou sinônimo de dominação e poder, a economia passou a ganhar mais força até que se tornou o centro das relações da sociedade atual. A autora afirma que a organização

dos centros urbanos se voltou para o consumo, uma vez que o espaço foi tomado, em sua maior parte, por meios de produção e comércio de bens, como fábricas e lojas. As publicidades que fazem o apelo para o consumo também tomaram conta das ruas, da arquitetura urbana em geral e dos meios de comunicação de massa. “Sem dúvida, é possível dizer que hoje o mercado domina a cidade. Esta configuração – cidade dominada pelo mercado – é própria das cidades capitalistas, que começam a se formar na Europa Ocidental ao final da Idade Média.” (ROLNIK, 1994, p. 29)

É justamente esse comportamento urbano, baseado no consumo irresponsável, que se tornou um dos principais motores para a poluição do planeta. A ganância humana alimentada pela busca insaciável pelo lucro e domínio de mercado tem moldado a política, o trabalho, a educação, a organização social e até mesmo os valores humanos conforme se consolidou enquanto paradigma de vida. Por isso, especialistas afirmam que o primeiro passo para a mudança de percepção e ampliação de consciência é transformar o modo de vida nas cidades.

5.1.1 Modo de vida nas cidades

As cidades, como as conhecemos hoje na maior parte do mundo, são organizadas a partir da lógica do mercado. Essa construção se deu ao longo dos séculos, principalmente a partir das investidas mercantilistas dos países europeus no século XVI. Com o crescimento do comércio, da circulação de mercadorias, da produção de bens e da concentração de riquezas, esses espaços se tornaram cada vez mais atrativos para as pessoas, principalmente para aquelas que viviam nas regiões mais afastadas e que mantinham um modo de vida de subsistência. Conforme foram ampliadas as relações comerciais e a demanda por produtos, o modo de vida das pessoas forçou uma mudança na forma de produção, com a necessidade de geração de excedentes para a venda.

Visando acelerar a produção, foram criadas as fábricas especializadas e a divisão do trabalho, o que resultou numa alta procura por mão de obra, o que levou ainda mais pessoas para os centros urbanos, que estavam em expansão. Assim, com o tempo, a produção do campo se voltou para atender às demandas das cidades e, por sua vez, as cidades passaram a ser vistas como sinônimo de liberdade e de melhores condições de vida, principalmente, para aqueles trabalhadores que eram explorados pelos donos de terras, no meio rural.

Além do movimento migratório campo-cidade de camponeses destituídos, as capitais eram pólos de atração maior do que qualquer outro local. Nelas as possibilidades de trabalho eram maiores (inclusive nos grandes trabalhos de construção) e, no mínimo, viver do lixo, ou caridade de uma grande cidade, era melhor do que vagar pelas estradas. Assim, a cidade vai aumentando rapidamente de população, crescendo a miséria e as tensões sociais. A construção de instituições fechadas e isoladas procura confinar, sob vigilância permanente, uma população marginal que desafia e ameaça a fluidez da máquina-cidade. (ROLNIK, 1994, p. 61)

Assim, as cidades foram crescendo, algumas de forma vertiginosa e sem planejamento, o que acabou corroborando em estruturas precárias, desigualdade social e segregação geográfica entre as populações mais ricas e mais pobres. As consequências desse processo também têm repercussões no meio ambiente, que virou alvo fácil para as camadas sociais interessadas na expansão das cidades e, até mesmo, daquelas pessoas que foram ocupando espaços por necessidade. Diante disso, é possível notar que as cidades não foram constituídas de maneira sustentável e até hoje não o são. Mesmo com toda a tecnologia disponível e o conhecimento sobre os malefícios que o modo de vida baseado no capitalismo predatório causa ao planeta, “[...] é cada vez mais evidente a destruição do ambiente-natureza e a tendência à artificialização completa do território.” (ROLNIK, 1994, p. 83)

Nesse sentido, Trigueiro (2017, p. 7) pontua que o fato de a maior parcela da população mundial se concentrar nas cidades potencializa esses efeitos:

A urbanização acelerada do planeta traz inúmeros desafios e uma certeza: qualquer solução para a humanidade passa necessariamente pelas cidades. São as cidades que consomem a maior parte dos produtos e serviços, da energia, dos alimentos, dos materiais de construção etc. São as cidades que geram a quase totalidade do lixo, dos esgotos, da poluição do ar e das águas, entre outros impactos.

Diante do exposto, percebe-se que é necessário e urgente repensar e mudar o modo de vida nas cidades. É preciso aprimorar as estruturas desses locais para atender aos atuais anseios do contexto ecossistêmico. É preciso incluir a humanidade por inteiro nesse processo de transformação, para que se construa uma sociedade mais justa e menos desigual, visando reparar os processos segregadores da urbanização tida até o momento. Essas transformações passam, necessariamente, por uma mudança da percepção de mundo e pela ampliação de consciência.

O programa *Cidades e Soluções* vem ao encontro desses objetivos, uma vez que, por meio da propagação de exemplos de como viver de forma mais sustentável

nas cidades, busca conscientizar as pessoas e governantes sobre a necessidade de mudança de hábitos, costumes e práticas, principalmente nos centros urbanos, a fim de frear uma das principais ameaças globais a todas as espécies: a mudança climática.

5.2 CIDADES E SOLUÇÕES

O *Cidades e Soluções* é um programa jornalístico de televisão, veiculado na GloboNews, desde 15 de outubro de 2006. Idealizado e apresentado pelo jornalista André Trigueiro, o objetivo do programa é abrir espaço na televisão para as experiências que dão certo, que transformam a vida das pessoas para melhor, através do uso inteligente e sustentável dos recursos. Em boa parte dos casos, são experiências simples, de baixo custo e fáceis de serem replicadas¹⁶.

Em quase 15 anos de existência e mais de quatrocentas edições¹⁷, o *Cidades e Soluções* abordou diversas pautas ligadas ao meio ambiente, sustentabilidade, sociedade e tecnologia. Conforme explana Trigueiro (2017, p. 7), os assuntos do programa “inspiraram projetos de lei, políticas públicas, novos conteúdos pedagógicos em universidades e escolas, e foram incorporados nos mais diversos espaços e instâncias - do planejamento estratégico de empresas a reuniões de condomínio”. Desse modo, concretizou-se a premissa de que o jornalismo pode mudar a vida das pessoas e ser um mecanismo de ampliação de consciência coletiva sobre as questões socioambientais.

O reconhecimento das contribuições do programa para a sociedade foi materializado nos 24 prêmios atribuídos ao *Cidades e Soluções* até o ano de 2016. Outro fato importante é que o programa também foi reprisado, durante anos, no canal Futura, alcançando um público para além dos canais por assinatura. O *Cidades e Soluções* também já integrou uma exposição no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, onde os visitantes puderam conferir versões resumidas do programa.

Constituído com base no jornalismo de profundidade, com reportagens que contemplavam coleta de depoimentos de pessoas, verificação das situações *in loco*, busca de dados em pesquisas científicas, bem como de experiências do cotidiano e consulta aos especialistas das mais diversas áreas, o programa abordou uma gama

¹⁶ Sinopse do programa. (G1.GLOBO, 2021).

¹⁷ Dados considerados até o ano de 2016.

de temas relacionados à sustentabilidade, quase sempre com a periodicidade semanal. Em março de 2020, porém, a produção de novos episódios foi paralisada por conta da pandemia do novo coronavírus. Em abril de 2021, o programa retornou à grade de programação da GloboNews, em uma nova temporada e com novo formato, para atender às normas de restrição impostas pela crise sanitária. Assim, o programa, que não tinha local fixo e que era apresentado diretamente dos espaços relacionados com o assunto de cada episódio, passou a ser apresentado em estúdio. O novo formato continuou a contar com a apresentação de André Trigueiro e a ouvir especialistas da área ambiental de forma remota. A periodicidade também permaneceu semanal.

Conforme o próprio nome sugere, o *Cidades e Soluções* se enquadra na definição de Jornalismo de Soluções. Assim, o programa carrega, como missão, a proposta de apresentar experiências de pessoas, grupos, organizações e governos que estão dando certo e estão contribuindo com uma forma de vida mais sustentável. Por isso, o material foi escolhido como objeto de estudo da presente pesquisa, que busca identificar quais são os elementos intrínsecos na narrativa do programa que podem contribuir com a ampliação da consciência coletiva sobre o meio ambiente.

5.2.1 O idealizador do Cidades e Soluções

O *Cidades e Soluções* foi idealizado pelo jornalista especializado em Jornalismo Ambiental, André Trigueiro. Ele nasceu em 30 de julho de 1966, no Rio de Janeiro. Filho dos professores universitários de Filosofia, Durmeval Trigueiro Mendes e Maria Márcia Trigueiro Mendes, Trigueiro fez toda a sua formação na capital fluminense. Estudou no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e se formou em Comunicação Social na Faculdade da Cidade, em 1988. Além da formação em Jornalismo, Trigueiro é Pós-graduado em Gestão Ambiental, pelo Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (COPPE/UFRJ), onde leciona a disciplina “Geopolítica Ambiental”. Também é professor e criador do curso de Jornalismo Ambiental da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

No ano em que se formou jornalista, em 1988, Trigueiro fez um concurso para a TV Educativa e foi direcionado para um trabalho de repórter na Rádio MEC. No

veículo, ele passou a apresentar o programa *Vivendo com saúde*. Em 1990, foi convidado para trabalhar na Rádio Jornal do Brasil, onde cobriu pautas diversas, como surto de cólera, escândalos na polícia e o leilão da Companhia Siderúrgica Nacional.

A história de Trigueiro na TV Globo iniciou em 1993, quando ele foi convidado para fazer um teste para reportagem e passou. Assim, ele se tornou repórter da Editoria Rio e foi um dos primeiros a trabalhar no Globocop¹⁸. Com reportagens diárias nos programas *Bom Dia Rio* e *RJ1*, Trigueiro fazia coberturas de pautas corriqueiras, como o trânsito, mas também era desafiado a encontrar outras pautas por meio da visão aérea do Globocop. Assim, Trigueiro permaneceu na editoria Rio por três anos, trabalhando por um jornalismo em prol “da cultura de paz e de um mundo melhor”¹⁹.

Em 1996, André Trigueiro recebeu um convite da diretora Alice-Maria Reinger, para integrar o primeiro time de apresentadores da GloboNews. O projeto experimental de um canal com 24h de notícias no Brasil acabou convencendo Trigueiro a aceitar o desafio. Assim, foram algumas semanas de gravação de pilotos até ele estreiar na bancada do *Jornal das Dez*, no dia 15 de outubro de 1996. Trigueiro ficou como apresentador e repórter do jornal por 16 anos, ou seja, até 2012.

À frente do *Jornal das Dez*, Trigueiro também começou a explorar as pautas ligadas à ecologia e à sustentabilidade. Exemplos foram as séries premiadas: “Kioto, o protocolo da Vida”, considerada a primeira série sobre mudanças climáticas da televisão brasileira; “A Nova Energia do Mundo, de 2005”; e a pioneira “Água, desafio do século XXI”. Esta última foi exibida em 2003 e foi a primeira série premiada da história da GloboNews, vencedora dos prêmios Embratel e Ethos.

Em 2006, André Trigueiro deu início ao projeto de uma série de reportagens sobre sustentabilidade chamada *Cidades e Soluções*. Com aval da diretora do canal, Alice-Maria, a série se tornou um programa semanal, que está no ar há quase 15 anos, que serão completos em outubro de 2021.

Em 2012, André Trigueiro voltou à reportagem da editoria Rio, ano em que a cidade sediou a conferência do clima Rio+20. Em fevereiro de 2013, Trigueiro passou a integrar o time de apresentadores do *RJTV*, aos sábados. No momento do desenvolvimento desta pesquisa, o jornalista também atuava como comentarista dos programas *Estúdio i* e *Em Pauta*, da GloboNews, além de ser apresentador substituto na bancada do *Jornal Nacional*, função que estreou em abril de 2020.

¹⁸ Helicóptero utilizado pela empresa para fazer captura de imagens aéreas e coberturas especiais.

¹⁹ Citação de entrevista concedida ao portal *Memória Globo*. (MEMÓRIA GLOBO, 2021).

Além da televisão, Trigueiro também manteve um trabalho na Rádio CBN, onde foi comentarista de sustentabilidade da emissora e apresentador do quadro *Mundo Sustentável*, durante 15 anos. Ele ainda mantém vínculo afetivo com a rádio atuando como comentarista do quadro diário *Rio Mais Limpo*, na CBN-Rio.

Trigueiro também produz conteúdos sistemáticos na internet. No momento da realização desta pesquisa, um dos principais conteúdos produzidos pelo jornalista era o *Papo das 9 – lives* diárias transmitidas sempre a partir das 9 horas da manhã no perfil do jornalista no Instagram e no canal do YouTube. Além disso, Trigueiro também alimenta páginas no Twitter, Facebook, um blog no portal de notícias G1 e um site próprio chamado *Mundo Sustentável*²⁰.

Entre os fatos marcantes da carreira de Trigueiro como jornalista estão: a cobertura das Olimpíadas de Sidney (2000) pela Globo News; a cobertura das Copas do Mundo na Coreia do Sul e no Japão (2002) e na Alemanha (2006); as eleições para a presidência dos Estados Unidos (2004); a 15ª Conferência das Partes das Nações Unidas Sobre Mudança do Clima (COP-15), em Copenhague na Dinamarca (2009); e a participação, em Nova Iorque, da cobertura especial dos dez anos dos atentados de 11 de setembro (2011). O jornalista também reportou as manifestações de 2013, que levaram milhões de pessoas às ruas do Rio de Janeiro; a Jornada Mundial da Juventude com a vinda do Papa Francisco ao Brasil, que ocorreu em paralelo aos protestos, no mesmo ano; o incêndio que destruiu o Museu Nacional, em 2018; as chuvas e transtornos no Rio de Janeiro, em 2019, entre outros acontecimentos.

Trigueiro também é autor dos livros “Cidades e Soluções – Como construir uma sociedade sustentável” (2017); “Mundo Sustentável 2 – Novos Rumos para um Planeta em Crise” (2012); “Mundo Sustentável – Abrindo Espaço na Mídia para um Planeta em transformação” (2005), Coordenador editorial e um dos autores do livro “Meio Ambiente no século XXI” (2003), “Espiritismo e Ecologia” (2009) e “Viver é a Melhor Opção – A prevenção do suicídio no Brasil e no Mundo” (2015).

Quanto às premiações, as principais conferidas a Trigueiro, pelo seu trabalho no jornalismo, foram: o Prêmio Comunique-se na categoria Jornalista de Sustentabilidade (2007, 2009, 2011 e 2017); o Prêmio Ethos de Jornalismo 2008, pelo conjunto da obra em responsabilidade social e desenvolvimento sustentável (na categoria TV); a Medalha de Mérito Pedro Ernesto, que é a mais importante comenda

²⁰ O site também foi uma das fontes de pesquisa para a construção desse perfil do jornalista André Trigueiro. (MUNDO SUSTENTAVEL, 2021).

do município do Rio de Janeiro (2008); o Prêmio Imprensa Estrangeira 2011 oferecido pela Associação dos Correspondentes de Imprensa Estrangeira no Brasil; o Prêmio Brasil Ambiental na categoria Jornalismo da AMCHAM Rio – Câmara de Comércio Americana do Rio de Janeiro (2012); o prêmio “Personalidade do Ano” no VI Prêmio Hugo Werneck (2016); e o Prêmio Influenciadores Digitais 2016 na categoria Especialistas em que lhe foi atribuído o reconhecimento na categoria sustentabilidade.

André Trigueiro também atua como voluntário das rádios espíritas Rio de Janeiro (RJ) e Boa Nova (SP) e como palestrante.

6 ANÁLISE DE CONTEÚDO

“Eu sou o que me cerca. Se eu não
preservar o que me cerca,
eu não me preservo”.

José Ortega y Gasset

Este capítulo visa apresentar as estratégias utilizadas para a análise do conteúdo, bem como executar os procedimentos desta etapa da investigação de ordem prática. Como dito anteriormente, a presente pesquisa utilizou a Análise de Conteúdo, técnica, que, segundo Bardin (2016), se organiza em três fases cronológicas:

- 1) a pré-análise;
- 2) a exploração do material;
- 3) o tratamento dos resultados, a interferência e a interpretação.

É importante destacar que essas fases não buscam engessar a pesquisa, mas sim, organizar a análise do material, a fim de possibilitar a compreensão de como a estrutura da matéria jornalística – objeto da pesquisa -, bem como a narrativa, se constituem enquanto um discurso capaz de contribuir com a ampliação de consciência coletiva.

6.1 PRÉ-ANÁLISE

Essa etapa corresponde às instruções iniciais e esquematização do procedimento de análise. Segundo Bardin (2016), a formulação desse programa de ação deve ser flexível, mas preciso. A autora também detalha: “Geralmente, esta primeira fase possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2016, p. 125).

Dentro da pré-análise, a autora elenca ainda, cinco procedimentos a serem realizados como: a) a leitura “flutuante”; b) a escolha dos documentos; c) a formulação das hipóteses e dos objetivos; d) a referenciação dos índices e a elaboração de

indicadores; e) a preparação do material. Para a presente pesquisa, esses procedimentos serão utilizados como orientações para a escolha e análise de material audiovisual, no caso um episódio do programa *Cidades e Soluções*.

6.1.1 Leitura Flutuante

A leitura “flutuante”, neste caso, foi aplicada a um conteúdo audiovisual, no momento em que houve o primeiro contato com o material, ou seja, quando a pesquisadora conheceu o programa na condição de espectadora, antes de iniciar a investigação científica propriamente dita. Após essa primeira “leitura” de episódios do programa *Cidades e Soluções*, desprendida de conceitos e análises técnicas, passou-se a compreender o material como possível objeto de pesquisa a partir do amadurecimento das informações. Como explica Bardin (2016, p. 126): “Pouco a pouco, a leitura vai se tornando mais precisa, em função de hipóteses emergentes, da projeção de teorias adaptadas sobre o material e da possível aplicação de técnicas utilizadas sobre materiais análogos”.

O procedimento da “leitura flutuante” também conversa com a Dimensão Intuitiva, prevista na base metodológica desta pesquisa, e já citada anteriormente na Cartografia de Saberes. Conforme Baptista (2014, p. 352):

Quando alguém investiga, esse sujeito investe-se em direção ao objeto paixão-pesquisa e isso significa que o sujeito todo pesquisa e vibra com a investig[ação]. Assim, é comum que as soluções, os desfechos da pesquisa surjam em momentos em que ocorre uma espécie de click, aqueles momentos em que uma ideia parece brotar de dentro do sujeito, meio que do nada, como se saltasse do inconsciente.

No caso deste trabalho, esse despertar para o objeto de pesquisa ocorreu no momento da escolha do tema da investigação devido à “leitura flutuante” realizada anteriormente. É importante destacar que a pesquisadora teve contato com diversas edições do programa *Cidades e Soluções*, ainda na experiência como espectadora, ou seja, na fase de “leitura flutuante”. Para poder escolher o material a ser analisado, foi realizada uma “leitura mais aprofundada” com cinco episódios do programa, para só então, estabelecer os critérios de seleção.

6.1.2 A Escolha dos Documentos

A escolha dos documentos, ou no caso da presente pesquisa, do episódio a ser analisado, se sucedeu à “leitura flutuante”. É preciso levar em consideração que um dos fatores condicionantes para a escolha foi a disponibilidade do material. O *Cidades e Soluções* é um programa jornalístico de televisão veiculado na GloboNews desde outubro de 2006. Em quase 15 anos de existência já foram produzidas mais de 400 edições. Atualmente, parte do conteúdo está armazenada na plataforma de *streaming* da Rede Globo – a Globoplay. Assim, o episódio escolhido é proveniente da plataforma, cujo catálogo conta com um número restrito de edições do programa datadas de 2018. Por ser uma pequena parte do todo, é preciso destacar que a análise do conteúdo foi realizada a partir dos preceitos da pesquisa qualitativa.

No processo de escolha de conteúdo, também foi levada em consideração a regra da pertinência. Como explica Bardin (2016, p. 128): “[...] os documentos retidos devem ser adequados, enquanto fonte de informação, de modo a corresponderem aos objetivos que suscita a análise”. Assim, os critérios utilizados para a escolha do material foram: relevância do assunto para a sociedade em geral, linguagem didática, exemplos factíveis e presença de elementos jornalísticos e educativos. Atendendo à regra da pertinência e aos critérios de seleção, optou-se pela análise do episódio “Lixo Zero – a reciclagem que reduz o lixo em até 90%”²¹. O programa foi exibido no dia 25 de junho de 2018. Nesta edição, André Trigueiro, traz como problemática central a produção e gestão do lixo nas cidades. A solução apresentada é a política de Lixo Zero implementada por grandes centros urbanos ao redor do mundo, inclusive no Brasil, e por pessoas nas suas residências. No programa, são apresentados exemplos de como é possível viver produzindo o menos possível de resíduos.

A escolha do conteúdo também foi influenciada por outro procedimento utilizado na pesquisa: a entrevista. Para aprofundar a análise sobre os elementos presentes no programa *Cidades e Soluções* que podem contribuir com a ampliação de consciência sobre o meio ambiente, foi escolhido um episódio que se aproxima mais da realidade e dia a dia das pessoas, no caso, a destinação do lixo. Como o programa aborda desde políticas públicas referentes às questões socioambientais,

²¹ O episódio está disponível na plataforma de *streaming* do Grupo Globo, chamada Globoplay. Por meio da ferramenta, o público tem acesso à um repositório de conteúdos audiovisuais produzidos ou comprados pelo grupo, através do modelo de assinatura. (GLOBOPLAY, 2021).

até problemáticas de ordem macro, como desmatamento, poluição dos oceanos, entre outros, optou-se por um tema que está presente no cotidiano e senso comum da população, independentemente de questões geográficas, econômicas e sociais.

6.1.3 A Formulação das Hipóteses e dos Objetivos

Um dos pilares da pré-análise proposta por Bardin (2016) é a formulação das hipóteses e dos objetivos. Por se tratar de uma pesquisa embasada nos preceitos da Ciência Contemporânea, o presente trabalho buscou desvencilhar-se do pragmatismo do modelo científico moderno. Assim, não foram traçadas hipóteses a serem comprovadas ou refutadas no decorrer da pesquisa. O que ocorreu, desde o início da concepção do presente percurso investigativo, foi a opção pela análise, para identificar os aspectos presentes no conteúdo selecionado, que se relacionam com o jornalismo, e como eles poderiam se configurar como dispositivos para ampliação de consciência.

É possível afirmar que esta concepção se constitui como **objetivo** do trabalho científico: analisar quais são os elementos da narrativa jornalística do programa *Cidades e Soluções* que se configuram como dispositivos de ampliação de consciência em relação ao meio ambiente. Como citado na introdução deste trabalho, para formular esta resposta, foram traçadas trilhas investigativas que buscam ampliar a reflexão sobre o papel do Jornalismo Ambiental a partir do exemplo do conteúdo analisado. Assim, foram colocados como **objetivos específicos** a serem alcançados nesta pesquisa: a) conceituar jornalismo ambiental; b) analisar a narrativa do programa *Cidades e Soluções*; c) identificar como as abordagens do jornalismo ambiental no programa *Cidades e Soluções* podem contribuir para ampliação da consciência sobre o meio ambiente; d) discutir a importância do jornalismo ambiental para a sociedade contemporânea.

Segundo Bardin (2016, p. 128): “O objetivo é a finalidade geral a que nos propomos (ou que é fornecida por uma instância exterior), o quadro teórico e/ou pragmático no qual os resultados obtidos serão utilizados”. Neste caso, a finalidade de identificar os elementos da narrativa jornalística capazes de contribuir com a ampliação de consciência ambiental é destacá-los para os atuais e futuros profissionais da área, como recursos importantes a serem levados em consideração no momento da produção dos conteúdos.

6.1.4 A Referenciação dos Índices e a Elaboração de Indicadores

A referenciação dos índices e a elaboração de indicadores, segundo Bardin (2016), é um procedimento importante desde a pré-análise, pois determina os “recortes” do material em unidades comparáveis e passíveis de análise, categorização e codificação. No contexto da presente pesquisa, essa seleção não significa isolar os elementos do todo, pois este procedimento iria contra a conduta defendida com base no pensamento sistêmico e visão holística. O que se buscou foi o entendimento dos elementos que constituem o todo, tendo como suporte, também, o método de análise proposto por Bardin (2016). Logo, serão analisados, a partir do material selecionado, os seguintes aspectos: narrativa textual e imagética, elementos jornalísticos e abordagem.

É importante destacar que, por se tratar de uma análise de conteúdo audiovisual, na descrição serão utilizados alguns termos específicos da área. Um primeiro aspecto técnico diz respeito aos planos, enquadramentos e movimentos de câmera²². O **Plano Geral** ocorre quando estão enquadradas todas as pessoas por inteiro na cena, mais o cenário de fundo, possibilitando a identificação do local de gravação. O **Grande Plano Geral** também enquadra todas as pessoas por inteiro e o cenário de fundo, mas é feito com a lente da câmera mais aberta e com o equipamento mais afastado; o resultado é uma cena abrangente. Já, o **Plano Americano** enquadra a pessoa do joelho para cima e é utilizado quando as pessoas da cena estão em pé. O **Close**, também chamado de **Primeiríssimo Plano**, enquadra o rosto da pessoa ou garante uma imagem muito aproximada do objeto da cena. Para denominar um enquadramento mais fechado do que o *close*, se utiliza a expressão **Close Up**. Este enquadramento é feito para mostrar detalhes, por exemplo, o anel em uma mão. O **Plano Médio**, que aparece com uma grande frequência, enquadra a pessoa da cena da cintura para cima. Já, o **Meio Primeiro Plano** enquadra a pessoa logo abaixo dos ombros, ou seja, ele mostra detalhes, mas é mais abrangente do que o *close*.

O segundo aspecto técnico que cabe ressaltar se refere aos movimentos de câmera. O **Dolly**, ocorre quando a câmera se aproxima ou se afasta do objetivo (centro da cena), ao mesmo tempo em que se move para cima ou para baixo. O

²² A definição dos planos e enquadramentos de câmera é oriunda do material entregue pela professora Marliva Vanti Gonçalves, na disciplina Atelier de Jornalismo para Televisão, do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul.

Travelling ou Passeio é o nome do movimento em que a câmera acompanha o deslocamento da personagem ou do objeto na velocidade em que eles se movem; geralmente feito da esquerda para a direita. A **Panorâmica** é quando a câmera proporciona uma visão geral do ambiente, através do passeio. Quando o movimento se aproxima até um *close* da pessoa ou objeto, ou seja, quando enquadramento aberto vai para enquadramento fechado, chama-se **Zoom In**. Já, o **Zoom Out** consiste no exato oposto do movimento descrito anteriormente: a câmera se afasta da pessoa ou objeto até um Plano Geral, portanto, o enquadramento fechado vai para enquadramento aberto.

Quanto à angulação, é importante trazer uma breve descrição de dois termos: **Plongée** e **Contra-Plongée**. O ângulo *plongée* ocorre quando a câmera faz um enquadramento da cena de cima para baixo, seja em movimento ou parada. Assim, quando a câmera faz enquadramento de baixo para cima, o ângulo é *contra-plongée*.

Para situar a presença do apresentador ou dos entrevistados nas cenas descritas, também serão utilizados alguns indicadores. Quando aparece o termo “**Off**”, significa que o responsável pela fala não aparece na cena, ou seja, a locução do apresentador ou dos entrevistados está coberta por imagens. A **Passagem** é a cena em que o repórter ou apresentador faz a locução do texto, olhando para a câmera, no local da reportagem. Na **Entrevista**, o repórter conversa com outra pessoa ou outras pessoas na cena, sendo que, por vezes, o repórter pode ser deixado fora do enquadramento para dar destaque ao entrevistado.

Durante as descrições das cenas também serão utilizados abreviações e símbolos como:

AT.: abreviatura utilizada nas descrições das falas do apresentador do programa, André Trigueiro.

GC: abreviatura utilizada para Gerador de Caractere. Trata-se de um equipamento usado para inserir títulos, créditos, legendas sobre a imagem de uma edição.²³

(‘): símbolo que significa minutos.

(“): símbolo que significa segundos.

[Em OFF]: Quando ocorre a fala do apresentador ou entrevistados sem que eles estejam na cena

²³ Informação extraída de Paternostro (2006, p. 206).

[Entrevistado em cena]: Quando o responsável pela fala aparece na cena.

Outro aspecto importante a se ressaltar é que, na descrição das falas dos entrevistados, admitiu-se alguns equívocos gramaticais, devido à transcrição literal de alguns trechos do diálogo realizado.

6.1.5 A Preparação do Material

A autora Laurence Bardin (2016) também elenca, na fase de pré-análise, a preparação do material. Esta é uma parte fundamental do processo de investigação, que consiste, entre outros aspectos, no arquivamento, catalogação e decupagem de materiais. Essa curadoria e organização do acesso aos materiais auxilia na definição dos cursos e encaminhamentos da pesquisa.

Na presente pesquisa, o processo de preparação do material consistiu na busca pelos episódios em repositório de arquivos da emissora do programa *Cidades e Soluções*, no caso a GloboNews, pertencente ao Grupo Globo. Assim, bastou prover o acesso ao *streaming* Globoplay, onde alguns episódios do programa foram disponibilizados.

Para aprofundar a análise do conteúdo realizada, *a priori*, pelo olhar da pesquisadora, foi utilizado o procedimento de entrevista com voluntários. Cinco pessoas com idades entre 22 e 37 anos, sendo três mulheres e dois homens, com profissões distintas, foram entrevistados entre os dias 16 e 24 de maio de 2021, em Caxias do Sul.

As entrevistas ocorreram individualmente, com cada voluntário, considerando condições técnicas idênticas para a realização das mesmas. Assim, o processo ocorreu de forma virtual, por meio da plataforma *Google Meet*. O episódio do programa analisado foi apresentado na íntegra a todos os entrevistados por meio da plataforma Globoplay, e todas as entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo.

O roteiro de perguntas utilizado em cada entrevista foi o mesmo, sendo que a ordem dos questionamentos foi idêntica para todos os entrevistados. Posteriormente, foi preciso realizar a organização deste material, com a decupagem e transcrição dos áudios, para que fosse realizada a análise.

A entrevista com André Trigueiro também foi realizada de forma *on-line*, por meio da plataforma *Google Meet*, porém, somente com o recurso de áudio, a pedido do entrevistado. A conversa, que teve a duração de 43'17", abordou questões como a

sistemática, os objetivos e as contribuições do programa *Cidades e Soluções*, bem como aspectos relacionados ao Jornalismo Ambiental e seus desafios. O material também passou pela decupagem para posterior análise de acordo com os objetivos traçados inicialmente pela presente pesquisa.

6.2 EXPLORAÇÃO DO MATERIAL

Uma vez realizados os procedimentos preliminares, como a escolha do material, definição dos objetivos a serem alcançados com a investigação e estabelecimento dos métodos a serem utilizados, inicia a efetivamente a etapa de análise. Segundo Bardin (2016, p. 131): “Se as diferentes operações da pré-análise forem convenientemente concluídas, a fase de análise propriamente dita não é mais do que a aplicação sistemática das decisões tomadas”.

Para atender aos critérios e objetivos explanados anteriormente, nesta etapa da investigação foi apresentado um resumo com os principais trechos das entrevistas com os cinco voluntários. Nessa parte foi realizada uma decupagem comentada das respostas emitidas para os questionamentos que constam no apêndice desta monografia.

Em seguida foi realizada a decupagem de quatorze trechos específicos do episódio “Lixo Zero – a reciclagem que reduz o lixo em até 90%”, do programa *Cidades e Soluções* e, de forma simultânea, a análise dos mesmos. Além da descrição literal de falas, a decupagem também incluiu a contextualização e descrição das cenas, ou seja, das imagens que compõem cada trecho destacado. Já a análise buscou relacionar os trechos descritos com a base teórica desta pesquisa e com a percepção dos voluntários.

É importante destacar que a análise ocorreu com dois focos: primeiro uma análise interpretativa com o cruzamento das informações obtidas durante o desenvolvimento da pesquisa; e segundo, a análise comparativa, por meio da observação das respostas dos voluntários antes e após terem assistido ao episódio.

Por fim, também houve a decupagem e análise da entrevista realizada com o jornalista, Editor-chefe e apresentador do *Cidades e Soluções*, André Trigueiro²⁴. Do material coletado a partir de uma entrevista por áudio, foram extraídos os trechos mais

²⁴ O áudio da entrevista na íntegra encontra-se anexado a esta pesquisa em formato de arquivo MP3.

relevantes e que vêm ao encontro dos objetivos desta pesquisa. Nesta parte, optou-se por fazer a transcrição literal das falas do entrevistado, para valorizar o conteúdo obtido, bem como incrementar a análise a qual se propôs essa pesquisa.

6.2.1 Resumo das Entrevistas com os Voluntários

De acordo com os critérios estabelecidos com os voluntários das entrevistas, cada participante será nomeado por uma letra do alfabeto. Sendo assim, os voluntários serão identificados pelas letras A, B, C, D e E. A seguir, consta a transcrição de trechos das respostas dos participantes para fins de análise.

6.2.1.1 Entrevistado A – Masculino – 37 anos

- Respostas anteriores à exibição do episódio

No questionamento anterior à exibição do episódio, o entrevistado A afirmou que sempre residiu em zona urbana, mas que tem contato com a natureza em períodos de lazer, de férias ou para práticas esportivas. Quanto aos hábitos de vida relacionados ao meio ambiente, ele afirmou que “[...] *se percebe relacionado ao meio ambiente*”.

Questionado sobre a preocupação com o meio ambiente, o entrevistado A disse que sempre foi atento às questões relacionadas com o tema. Também revelou que tem cuidado com a reciclagem e separação do lixo. “*E quando eu vejo a falta de cuidado isso me chama muito a atenção, isso acaba até me revoltando um pouco; machuca um pouco quando eu vejo que as outras pessoas não fazem aquilo que eu faria*”, disse na entrevista.

Sobre os hábitos relacionados aos cuidados com o meio ambiente, ele também destacou que já pensou em dar mais atenção para a separação do lixo. Na questão relacionada com a observação das propostas de candidatos aos governos municipais, estaduais e federal com relação ao meio ambiente, o entrevistado A afirmou que é um aspecto que não observa “*com tanta ênfase quanto questões econômicas, questões sociais, alguns outros projetos ou propostas*”.

- Respostas posteriores à exibição do episódio

Após assistir ao episódio, o voluntário A afirmou que o aspecto que mais lhe chamou a atenção foi a capacidade que está ao alcance de todas as pessoas de dar um encaminhamento melhor para o lixo. *“Eu não pensei que a taxa [de reciclagem de resíduos] seria tão grande assim, sabia que todo mundo podia ajudar, mas não dessa forma”*, destacou.

Questionado sobre a cena mais marcante, A respondeu: *“Foi a do potinho da menina, quando o lixo dos últimos dois anos dela cabia dentro do potinho de vidro ali, aquilo ali me chamou muito a atenção”*.

As falas que apareceram no programa e que foram mais relevantes para o entrevistado A, foram as relacionadas à compostagem, devido à repetição com que apareceram no episódio e ao quesito novidade para ele. O voluntário também considerou a abordagem do programa *“amigável”* e com exemplos *“fáceis de serem praticados”*.

O voluntário A, ainda, demonstrou predisposição para mudar alguns hábitos, após ter assistido ao episódio. Ele afirmou que, conforme foi apresentado no conteúdo, pretende aderir ao formato a granel para adquirir alguns produtos. *“O pessoal mostrou muito ali que vai em um supermercado pra fazer algumas compras e não depende das embalagens convencionais, isso é uma coisa muito fácil de fazer. E também a questão do lixo seco. O próprio apresentador mostrou que tem um cantinho especial pra aquele tipo de lixo. Já se faz isso, mas acho que pode melhorar essa questão”*.

Ao ser questionado sobre a atenção que dará às propostas dos candidatos a cargos em alguma instância de governo do País, A disse que observará mais esse aspecto. Quanto à mudança de percepção sobre o meio ambiente, ele respondeu que sempre ocorre alguma modificação após assistir conteúdos semelhantes ao apresentado: *“Eu sempre recebo um nível maior de atenção ou crio uma expectativa maior com relação ao alerta sobre isso, uma consciência ainda mais forte relacionada a questões de cuidado com o meio ambiente”*.

6.2.1.2 Entrevistado B – Feminino – 24 anos

- Respostas anteriores à exibição do episódio

A voluntária B também sempre residiu em zona urbana. À pergunta sobre sua relação com o meio ambiente, ela respondeu que é de consciência sobre a alta produção de lixo e sobre o consumo. *“Eu faço coisas básicas como separar lixo. Mas, de alguns anos pra cá eu tenho lido bastante sobre o impacto de consumo. E eu acho que a pandemia acelerou esse processo na minha vida. Acho que o fato de a gente passar mais tempo em casa, então tu começa a ver quantas vezes tu tira o lixo num dia, numa semana”*.

Ela também afirmou que se preocupa com o meio ambiente e que acredita que as ações humanas estão prejudicando o equilíbrio do planeta. Questionada sobre a reflexão referente aos hábitos de vida com relação ao meio ambiente, a voluntária B respondeu: *“[...] de uns tempos pra cá, tenho parado mais pra pensar em como isso pode impactar de forma negativa e em como eu posso minimizar isso”*.

Sobre a atenção quanto às propostas dos candidatos a cargos no governo, relacionadas ao meio ambiente, ela afirmou que sempre avalia no momento da escolha do voto. Com relação ao que considera desenvolvimento e progresso, B afirmou: *“Desenvolvimento e progresso vai ser quando a gente conseguir equiparar mais as coisas, quando não houver tanta desigualdade. E que, conseqüentemente, sem a desigualdade ou com a diminuição dela pelo menos, a gente vai conseguir disseminar informações até sobre o meio ambiente. Existem pessoas que não fazem coisas simples porque, talvez, elas não saibam. Eu acho que desenvolvimento e progresso seria isso, ter um mundo mais igualitário para as pessoas, e que as pessoas soubessem respeitar os limites uns dos outros e os limites da natureza também”*.

- Respostas posteriores à exibição do episódio

Para a voluntária B, o aspecto que mais chamou a atenção no episódio no *Cidades e Soluções* foi o fato de como as cidades mencionadas no programa conseguiram implementar a política de lixo zero. *“Foi bem cooperativo, pelo o que eu vejo, e isso é muito interessante. E a simplicidade. Como coisas tão simples, que estão*

super ao nosso alcance, a gente pode começar a fazer pra minimizar esses impactos, essa produção de lixo”, disse.

Sobre a cena mais marcante, B respondeu: *“Acho que as pessoas, quando elas moram em apartamentos ou em lugares pequenos, elas acham que não podem fazer esse tipo de coisa [compostagem]. E ali o pessoal mostrou dois locais, casas relativamente pequenas, que aparentavam ser apartamentos, e que eles faziam isso também de uma forma que não exala cheiro, não causa nenhum problema e ajuda o meio ambiente”.*

Quanto à fala presente no programa que mais lhe chamou a atenção, a voluntária B citou: *“Quando ele fala sobre o quanto isso geraria de renda, pra receita e tal. Acho que isso seria importante mais para os nossos governantes analisarem e, de repente, adotarem uma política assim, porque talvez eles não percebam o quanto isso possa ser benéfico financeiramente, que é um lado que eu acredito que muitos acabam olhando mais, né”.*

Para B, a abordagem do programa sobre a gestão dos resíduos não foi “agressiva” e também ajudou a refletir sobre as ações que cada pessoa pode adotar no seu dia a dia para diminuir a produção de lixo. Questionada sobre um hábito que se proporia a mudar para beneficiar o meio ambiente, ela disse: *“Acho que já tinha lido sobre a questão da composteira ali, mas nunca cheguei a fazer e acho que, de todos, foi o que eu pensei assim: ‘meu Deus, é fácil de fazer e quero fazer’. E é superprodutivo, faz um ciclo legal”.*

A entrevistada B também afirmou que ver nas imagens da quantidade de lixo que é produzida pelos seres humanos aumentou a percepção sobre a ameaça à vida na Terra causada pelas ações das pessoas.

Por fim, ela mencionou que também percebeu os impactos que as pequenas ações podem gerar: *“Acho que a gente perceber que pequenas ações, se cada um fizer pequenas coisas como a moça disse ali né. Tu pode começar trocando o copo, pode começar usando a sacolinha de pano... Acho que é o equilíbrio da balança e quanto é fácil a gente começar a mudar esses hábitos por mais enraizados que eles sejam”.*

6.2.1.3 Entrevistado C – Masculino – 32 anos

- Respostas anteriores à exibição do episódio

O entrevistado C sempre residiu em zona urbana. Na infância e adolescência, não teve muito contato direto com a natureza. No contexto atual, ele também afirmou que considera a relação com o meio ambiente “passiva”. Mas, ele salientou que se preocupa com questões de preservação, principalmente referente ao lixo: *“Cuido muito de respeitar a questão de separação de lixo, a questão de poluição, de não jogar lixo na rua e coisas assim. Eu tenho pensado muito também na questão de plástico. Tô planejando morar sozinho e quando eu olho pro lixo já penso: ‘quando for só eu cuidando das minhas coisas vou cuidar de uma maneira diferente’. Eu não pretendo gerar tanto lixo assim. Pretendo comprar coisas que sejam mais biodegradáveis ou descartáveis de uma maneira que não gere tanto lixo”*.

O voluntário C também afirmou, na entrevista, que se preocupa com o meio ambiente: *“Eu me preocupo [com o meio ambiente] porque, afinal, é casa da gente, né. Não adianta estar tudo certinho ao redor se a casa estiver bagunçada, né. Se não tiver isso certo, todos os outros sonhos e planejamentos não dão certo. Acho que ele [meio ambiente] seria a preocupação mais macro da humanidade”*.

Questionado sobre os hábitos e se já havia pensado em modificar algum comportamento em prol do meio ambiente, ele afirmou que já pensou em adotar algumas práticas, como diminuir o consumo de plásticos, deixar de comer carne e adotar o uso de energia solar.

Sobre a observação das propostas dos candidatos a algum cargo do governo com relação ao meio ambiente, nas eleições, ele afirmou que nunca avaliou esse aspecto. O voluntário C também disse que não costuma consumir conteúdos específicos sobre meio ambiente, mas disse que acredita que a vida na Terra está ameaçada pelas ações humanas. *“Acho que a situação que a gente está agora é consequência de anos e anos que não foi falado sobre isso e não foram tomadas atitudes”*.

- Respostas posteriores à exibição do episódio

Para o voluntário C, a fala de uma das entrevistadas do programa, que afirma que para mudar os hábitos basta começar, foi o aspecto mais marcante do episódio. *“E ela faz uma linha sequencial muito boa que é: uma cidade lixo zero, começa com uma casa lixo zero que começa com o hábito lixo zero. Foi o que o cara do restaurante falou também, que eles têm que ficar sempre reforçando. Qualquer mudança de comportamento é um hábito”.*

Sobre a cena que mais chamou a atenção, ele disse: *“Acho que quando ele estava mostrando o restaurante, que ele começou a falar isso é plástico, isso é demolição, isso é não sei o que... me chamou muito a atenção”.*

Questionado se o conteúdo o impactou de alguma forma, C respondeu: *“Me impactou de uma forma bem positiva. Me lembrei de várias coisas que eu já tinha estudado também, a questão da economia circular, do lixo zero. Então impactou pra reforçar a ideia de cuidar do meio ambiente”.* O voluntário C também destacou que achou “funcional” a abordagem do programa sobre o tema: *“Eu achei que a escala das coisas que ele mostrou foi muito correta porque não foi ‘precisamos salvar o planeta’. Foi ‘você precisa fazer um negócio na sua cozinha’. Acho que ele consegue trazer para um lado mais humano, mais prático, mais funcional no sentido de que eu posso desligar o programa e falar: tá tem um negócio desses ali que ele falou que eu consigo fazer agora”.*

O voluntário C afirmou que, após assistir ao programa, ele pensou em mudar algumas práticas, como melhorar a separação dos resíduos em casa. Questionado se pretende avaliar as propostas referentes às questões ambientais, na próxima escolha de governantes, C respondeu: *“Pretendo, porque é importante, porque a gente tem esse exemplo agora em relação ao meio ambiente, eles estão realmente fazendo o que querem. A gente tem que pensar a nível municipal, a nível estadual e a nível federal também. Olhar isso tudo. Então, com certeza vou olhar o que falam e o que deixam de falar, isso também é importante”.*

6.2.1.4 Entrevistado D – Feminino – 23 anos

- Respostas anteriores à exibição do episódio

A voluntária D sempre residiu em zona urbana. Desde pequena, ela recebeu estímulos em casa para cuidar do meio ambiente, por meio da separação de lixo, da economia de água e do não desperdício. Quando questionada sobre a relação com o meio ambiente, ela respondeu: *“Quando eu penso em meio ambiente, eu penso muito no ponto do que eu faço para proteger o meio ambiente. Então, pensando nesse ponto de vista é uma relação de tentar entender como as coisas funcionam e o que eu posso fazer dentro dessa loucura toda de consumo que a gente vive pra ajudar de alguma forma”*.

Sobre os hábitos de vida relacionados ao meio ambiente, D respondeu que faz uma avaliação diária. Questionada sobre a preocupação com o tema, ela afirmou: *“Não tá no ponto que eu me preocupo com outras causas sociais, eu ainda não atingi esse nível e acho que tá tudo bem também. Cada um tem as suas bandeiras. Mas, cada vez mais, tenho tentado entender o meu papel dentro disso. Porque eu sinto que é isso, eu tô aqui, várias pessoas estão aqui, tem o programa de jornalismo que fala sobre isso, mas e o grande da coisa? Quem realmente tem decisões que impactam no todo, o que eles estão fazendo? E o que a gente pode fazer para pressionar essas pessoas, para que elas tomem as decisões corretas para que a gente possa existir? Falta muito essa consciência das pessoas de que não é balela. A gente está falando da nossa existência! Então me preocupa”*.

Nesse sentido, D respondeu ao questionamento sobre se já pensou em modificar algum hábito em prol do meio ambiente: *“Tenho pensado também na questão de, cada vez mais, tentar pegar menos plástico e isso eu vejo muito a questão de feira, mercado, coisas muito básicas. E passou pela cabeça, a um tempo atrás, a voltar consumir agricultura orgânica”*.

Sobre a avaliação das propostas dos candidatos a cargos no governo relacionadas ao meio ambiente, D disse que o tema não é uma de suas prioridades analisadas no momento da escolha.

- Respostas posteriores à exibição do episódio

Para a voluntária D, o primeiro ponto que chamou a atenção no episódio foi o termo lixo zero: *“Porque o nome te remete a não produzir lixo nenhum, mas isso não é possível. Então fiquei pensando sobre a questão de quanto lixo a gente produz. Como ele falou ali no final da matéria, se a gente colocasse um balde embaixo e pesasse o quanto você produziu, daria muita coisa”*. Ela também destacou os recortes que o programa faz para abordar o assunto, principalmente quando traz o exemplo de uma moradora de Nova York. Segundo D, o exemplo trazido pelo programa pode ficar distante da realidade do público que assiste.

Sobre a imagem mais marcante, ela respondeu: *“Acho que todas as cenas que envolvem aquelas máquinas mexendo no lixo. Ver aquelas toneladas... Quando eles citam... Acho que um dos entrevistados que fala em 80 toneladas de lixo. Essas cenas assim que você vê a quantidade daquilo tudo”*.

Para D, a fala mais marcante do programa foi a de uma das entrevistadas que deu dicas de como diminuir a produção de resíduos. *“Quando ela fala com o público, nesse convencimento ela cita a prática de coletor menstrual e de fraldas ecológicas. E eu tinha me esquecido, era um conteúdo que eu já sabia que existia, é uma coisa que, inclusive, eu venho comentando muito com uma prima minha, não sobre coletor menstrual, mas sobre as calcinhas absorventes. Só que eu vinha falando muito com ela sobre o conforto pessoal e esquecendo que tem essa lógica de meio ambiente envolvida nisso”*.

Sobre a abordagem que o programa traz, D disse que foi diferente de outros conteúdos, mas que ela ainda deixa a desejar em alguns pontos: *“Eu sinto que esse episódio, essa reportagem, ao contrário de muitas outras coisas que eu já vi, ainda trouxe bastante coisa sobre política. Tem prefeituras que estão tentando fazer isso, a questão da própria legislação quando fala do restaurante, o próprio chefe aborda isso, sobre como tem algumas coisas que a própria legislação impede... Então, eu acho que foi um episódio que tentou trazer esse assunto, mas ainda está longe de ser o que é a realidade. Eu sinto que, como vários outros assuntos, esse é mais um que joga pra plateia, tipo assim ó: “vocês têm que tomar atitudes, vocês têm que reduzir o consumo, vocês têm que separar o lixo”. E claro, a gente tem que fazer isso, é óbvio. Mas a gente também tem que falar das grandes corporações, o que é que essas pessoas estão fazendo junto com a gente pra mudar isso. Então eu sinto que essas*

reportagens, esses documentários esquecem um pouco disso, não sei se é proposital ou se realmente acaba passando, porque claro, a quem interessa mexer nos grandões, qual é o impacto disso”.

Questionada se após assistir ao episódio ela pensou em modificar algum comportamento, D respondeu que pretende melhorar a destinação dos resíduos orgânicos, bem como diminuir o desperdício de alimentos.

Em nova resposta à pergunta sobre a avaliação das propostas dos candidatos a algum cargo público relacionadas ao meio ambiente, D disse: *“Não sei se vai mudar o nível de eu levar muito isso em consideração em contrapartida de outros pontos. Eu acho que tem outros pontos que são mais importantes pra mim, mas, sim, é uma coisa que eu acho relevante observar mais, que eu tenho observado pouco talvez”.*

A voluntária também disse que o conteúdo exibido impactou na sua percepção sobre o meio ambiente: *“Depois de assistir, tu relembra alguns fatores, algumas ações. Eu volto ali na questão do consumo orgânico, porque realmente me chamou muito a atenção, porque meu foco estava muito no reciclável. A percepção da importância, de hábitos continua a mesma, mas esse ponto me saltou”.*

6.2.1.5 Entrevistado E – Feminino – 22 anos

- Respostas anteriores à exibição do episódio

A voluntária E sempre residiu em zona urbana. Ela cresceu tendo um contato próximo com a natureza, mas, a respeito dos cuidados com o meio ambiente, os ensinamentos foram mais voltados para a separação de lixo. Quanto à atual relação com o meio ambiente, ela respondeu: *“Eu tento fazer, eu não digo o máximo possível, porque eu acho que sempre teriam coisas que são possíveis a gente fazer, porém a gente não faz. O que eu trago bastante na minha vida é a questão do vegetarianismo. Essa questão do consumo da carne tem muito a ver com o meio ambiente, então tenho uma consciência maior sobre isso. E também do descarte das coisas. Aqui em casa, a gente separa o orgânico e o seletivo, porém é uma coisa dentro de casa. Mas o orgânico a gente bota em um monte de sacolas e coloca o lixo no orgânico, então não tem uma preocupação em não produzir o lixo e, sim, só em separar ele”.*

A voluntária E também afirmou que já avaliou seus hábitos de vida, principalmente, após assistir a um documentário com o artista Vik Muniz: *“Nesse*

documentário ele mostra os catadores lá do Rio de Janeiro e como a nossa casa é limpa, mas com relação ao lixo que a gente tira da nossa casa sendo descartado devidamente. Porém esse lixo que a gente tira da nossa casa, ele vai parar em algum lugar. Então, a gente só se importa no momento em que está dentro da nossa casa, no mento que ele está fora da nossa casa, independentemente de como e aonde isso vai dar, eu tô bem, porque a minha parte dentro do ambiente aonde eu estou vivendo está ok. Mas, tem muita coisa aí nesse processo do depois da minha casa e essa questão do pra onde que vai, andou mexendo bastante comigo”.

Assim, E também revelou que se preocupa com o meio ambiente e que tem o entendimento de que todos são responsáveis pelos seus atos: “[...] não consigo descartar que isso é um problema de todo mundo. Não é um problema da prefeitura de fazer a sua parte de pegar o lixo na minha casa. Acho que se todo mundo fizesse a gente estaria bem melhor”.

Sobre os comportamentos relacionados ao meio ambiente que já pensou em modificar, a voluntária E respondeu que já pensou em descartar tanto o lixo seletivo, quanto o lixo orgânico, direto nos contêineres destinados aos resíduos, sem a utilização de sacolas plásticas.

Referente à avaliação das propostas dos governantes relacionadas ao meio ambiente, ela disse que nunca deu atenção ao tema no momento da eleição.

- Questionário posterior à exibição do episódio

Sobre o aspecto do episódio que mais chamou a atenção, a entrevistada E respondeu que foi ver a quantidade de lixo que se produz. Nesse sentido, para ela, a cena mais marcante foi: “[...] na hora, bem no início e no fim também, quando apareceu aqueles caminhões trazendo o mundaréu de lixo, o nosso lixo que a gente faz. E no final quando aparece as pessoas trabalhando nesse ‘turbilhão’ de lixo e tirando dos sacos plásticos que a gente coloca, abrindo e arrumando o lixo”.

Para E, a fala mais impactante foi a do entrevistado que faz a comparação de dados de quanto poderia diminuir a quantidade de lixo que é enviada para aterros sanitários no Brasil, caso houvesse a política de lixo zero. “Me chamou a atenção quando aquele cara falou que a gente produz 80 milhões e se a gente conseguisse, cada um pensar no lixo zero, seria 8 milhões ao invés de 80 milhões, essa comparação de dados me chamou bastante atenção”.

A respeito da abordagem proposta pelo programa, E respondeu: *“Eu achei que ela pegou num ponto específico, porém é um ponto que todo mundo fala. Mas esse programa que tu me trouxe, esse episódio aborda de uma forma diferente, já trazendo soluções e coisas que são possíveis e não numa questão ampla tipo... ah, recicle! Mas eu acho que trouxe para um contexto que todo mundo podia fazer”*.

Sobre os hábitos que se propôs a modificar após ter assistido ao episódio, E disse: *“Pretendo começar a usar menos sacolas plásticas no lixo, porque o documentário mostrou que não adianta a gente colocar o lixo nas sacolas plásticas, porque eles vão ter que tirar isso, os catadores enfim, quem organiza isso. E acho que em hábitos pequenos também do que a gente vai comprar no supermercado”*. Ela ainda destacou que irá começar a avaliar as propostas dos candidatos a cargos no governo relacionadas ao meio ambiente.

A voluntária E também explicou que o programa a fez ter algumas modificações da percepção sobre o tema: *“[...] ali, que mostrou outros países a adaptação do lixo zero me chamou a atenção que tem sim como. Em questão até o Japão, de que ele traz os pontos positivos e negativos daquilo que eles estão fazendo. Que nem, queimar todos os lixos, tem o ponto positivo e também tem o ponto muito negativo. Mas, são formas que o país está pensando em modificar alguma coisa. Então eu achei interessante essa visão que eles têm. E também a questão do Brasil, que tem algumas cidades se preocupando com isso”*.

6.2.2 Decupagem e análise interpretativa do episódio

Figura 3 – André Trigueiro apresentando início do episódio “Lixo Zero” em um depósito de resíduos, no Rio de Janeiro



Fonte: Globoplay (2021).

Programa: Cidades e Soluções

Gênero: Meio Ambiente

Formato: Programa jornalístico

Episódio: Lixo Zero – a reciclagem que reduz o lixo em até 90%

Duração total: 22'14"

Blocos: 2 blocos

Data de veiculação: 25 de junho de 2018

Emissora original: GloboNews

Sinopse: No episódio, André Trigueiro aborda como as cidades, estabelecimentos e residências podem aderir ao conceito Lixo Zero. A partir do exemplo da cidade de Florianópolis que implementou uma política se comprometendo a ser Lixo Zero até 2030, Trigueiro e a equipe buscam outros casos semelhantes no mundo sobre a gestão do lixo, como no Japão e em São Francisco (EUA-Califórnia). O programa também traz o exemplo de um restaurante – um pequeno negócio – que buscou reduzir a produção de lixo em toda a cadeia produtiva. Por fim, o episódio

mostra a rotina de três pessoas que buscam reduzir a produção de lixo, bem como destinar corretamente os resíduos por meio da reciclagem e compostagem.

6.2.2.1 Trecho 1 – 0’00” até 0’53”

No primeiro trecho do programa, nos segundos iniciais, o apresentador, André Trigueiro, instiga a audiência com uma série de afirmações referentes à produção e destinação do lixo. Essa narrativa inicial combinada com imagens impactantes é fundamental para captar a atenção dos espectadores para acompanharem o conteúdo. A demonstração está presente na decupagem do trecho a seguir:

6.2.2.1.1 Contexto das cenas

A cena se passa dentro de um galpão que consiste em um depósito de lixo. A câmera inicia em um plano fechado numa retroescavadeira que está carregando uma grande quantidade de resíduos. Os sons dos apitos da ré das máquinas, bem como o ruído de motores preenchem a paisagem sonora do ambiente. A câmara faz um *zoom out* até um Grande Plano Geral, mostrando o depósito de lixo. André Trigueiro entra na cena. A câmera, em leve ângulo *plongée*, faz *zoom in* até o Plano Geral com foco no apresentador. Enquanto Trigueiro faz a passagem (fala o texto interagindo com a câmera), aparecem as seguintes palavras em destaque na tela, por meio do recurso gráfico utilizado na edição: “lixo”, “coleta”, “orçamento”, “lixo seco”, “compostagem” e “lixo zero”. Também aparece o Gerador de Caractere (GC) com as informações: “ANDRÉ TRIGUEIRO/ Rio de Janeiro”.

AT: Se a maioria dos brasileiros soubesse exatamente pra onde vai o lixo nosso de cada dia. Quanto custa o serviço de coleta, transporte e destinação final dos nossos resíduos. Qual a parcela do orçamento municipal que cresce a cada mandato de prefeito pra fazer limpeza pública. Provavelmente teríamos mais brasileiros reciclando lixo seco, se preocupando em fazer compostagem, produção de adubo orgânico a partir de lixo úmido, ou cobrando dos prefeitos uma política de lixo zero! Pois é, você sabia que já existem várias cidades do mundo comprometidas com lixo zero?! É o que você acompanha a partir de agora.

6.2.2.1.2 Análise

Além das reflexões deixadas pelo apresentador, que também já sinaliza as soluções que serão apresentadas, a cena, que inicia dentro de um depósito de lixo no Rio de Janeiro, demonstra a proporção do problema que as cidades enfrentam com a gestão dos resíduos sólidos. Conforme Schwaab (2018, p. 71):

Fazer conexões que sejam fruto de reflexão, puxar os diferentes fios que tecem uma realidade e desdobrar suas aparências, sondar soluções e propostas são atitudes que têm muito a ver não só com o bom Jornalismo, mas com uma ecologia da experiência no espaço que habitamos.

Assim é possível notar que, com o trecho inicial, o programa já propõe essas conexões que são demonstradas ao longo do episódio. Outro aspecto relevante é que, tanto as imagens quanto os textos chamativos, captam o espectador para a urgência do tema. A relevância das imagens iniciais foi salientada por dois voluntários diante do questionamento de qual cena do programa foi mais marcante:

“Acho que todas as cenas que envolvem aquelas máquinas mexendo no lixo. Ver aquelas toneladas... Essas cenas assim que você vê a quantidade daquilo tudo”. (FALA DO VOLUNTÁRIO D).

“Foi na hora, bem no início e no fim também, quando apareceu aqueles caminhões trazendo o mundaréu de lixo, o nosso lixo, que a gente faz.” (FALA DO ENTREVISTADO E).

Sobre a importância das imagens na TV, Paternostro (2006, p. 85) também destaca: “Muitas vezes, quando existe uma imagem forte de um acontecimento, ela leva vantagem sobre a palavra. Ela é suficiente para transmitir, ao mesmo tempo, informação e emoção”.

O texto do apresentador, de forma geral, é sempre fácil de ser compreendido. É possível perceber no trecho uma expressão familiar ao público: “[...] o lixo nosso de cada dia” (CIDADES...2018). O texto é capaz de acionar os afetos e a atenção do público devido à proximidade com a expressão popular, principalmente em contexto religioso, “o pão nosso de cada dia”. O apresentador também toma o cuidado de

explicar a palavra “compostagem”, que pode ser mais desconhecida ao grande público, quando acrescenta em seguida “[...] produção de adubo orgânico a partir de lixo úmido” (CIDADES...2018). Assim, a fala também fica didática e de fácil compreensão para as pessoas. Esse cuidado com o texto é destacado por Paternostro (2006, p. 94): “O jornalista deve ‘contar’ os acontecimentos do cotidiano de uma maneira que toda a sociedade entenda, como se estivesse conversando com uma pessoa”.

6.2.2.2 Trecho 2 – 2’59” até 3’33”

A partir do segundo trecho, é possível perceber, novamente o texto esclarecido, bem como o incremento da narrativa com a presença de dados e de informações relevantes apresentadas por uma fonte, conforme consta na decupagem a seguir:

6.2.2.2.1 *Contexto das cenas*

As cenas presentes no trecho se passam em Florianópolis, Santa Catarina, que conforme salienta o apresentador, foi a primeira cidade do Brasil a implementar a política de lixo zero. Assim, as imagens iniciais mostram a área de um condomínio residencial destinada para a separação dos resíduos secos e orgânicos. A Câmera faz um passeio de cima para baixo mostrando a fachada do um condomínio, em Plano Geral (movimento de câmera é acelerado na edição). Em seguida, dentro do condomínio, em Plano Americano, a câmera filma um homem carregando uma caixa de plástico cheia de resíduos recicláveis (vidro, papel, plástico...). Corte de cena.

Em Primeiríssimo Plano, cena mostra apenas o braço e a mão do homem depositando os lixos nos locais destinados para cada tipo de resíduo (papel, plástico, metal...). Na sequência em Plano Geral, a cena mostra uma mulher colocando os resíduos recicláveis nas respectivas lixeiras. Corte de cena.

Em Primeiríssimo Plano, com a câmera em *plongée*, cena mostra as mãos da mulher despejando lixo orgânico em um tonel azul cheio de resíduos do mesmo tipo. Em seguida, em Plano Médio, a cena também mostra um homem abrindo o tonel para

depositar os resíduos orgânicos. Câmera faz o movimento de *zoom in* até fazer um *close*, em ângulo *plongée*, do tonel de resíduos.

O trecho também tem cenas que se passam em uma área externa, em um parque ecológico da cidade. Em Plano Médio, uma cena mostra duas pessoas despejando, em uma composteira a céu aberto, o lixo orgânico que estava depositado dentro de um tonel.

Na parte final do trecho, aparecem caminhões de lixo fazendo a coleta de resíduos em cenas sequenciais, em diferentes planos e enquadramentos.

Quanto ao áudio, sons ambiente das ações realizadas pelas pessoas das cenas permanecem ao fundo da paisagem sonora. O *off* (voz) do apresentador permanece em destaque. Aos 3'22" inicia uma trilha sonora de fundo que permanece até o fim do trecho descrito.

AT (OFF): A população em Florianópolis abraçou em cheio a ideia de separar o que é descartado na origem. São mais de 80 condomínios residenciais organizados com recipientes específicos para cada resíduo. A iniciativa facilita e economiza o trabalho dos catadores. Os resíduos recicláveis vão para cooperativas e os orgânicos, levados para compostagem. A meta da sociedade civil, juntamente com a prefeitura, é reduzir drasticamente o envio de materiais para aterros sanitários ou incineradores até 2030.

6.2.2.2.2 *Análise*

A aproximação geográfica, no caso, falando de Florianópolis, no Brasil, também gera um contato mais direto com o público que percebe as ações mais factíveis. As cenas que mostram pessoas comuns, em um condomínio residencial, fazendo a separação dos resíduos reforçam a ideia de que todos têm protagonismo na mudança: “A meta da sociedade civil, juntamente com a prefeitura, é reduzir drasticamente o envio de materiais para aterros sanitários ou incineradores até 2030” (CIDADES...2018). Conforme o entrevistado B, esse foi um dos aspectos que chamou a atenção no decorrer do episódio:

“A questão de como Florianópolis e várias cidades conseguiram fazer com que vários locais adotassem isso. Foi bem cooperativo, pelo o que eu vejo, e isso é muito interessante. E a simplicidade. Como coisa tão simples, que estão super ao nosso alcance, a gente pode começar a fazer pra minimizar esses impactos, essa produção de lixo.” (ENTREVISTADO B).

6.2.2.3 Trecho 3 – 3’43” até 5’13”

O terceiro trecho escolhido para a análise traz o exemplo do Japão, um país referência em tecnologia, mas que também tem seus desafios com a gestão de resíduos. Assim, o episódio busca ampliar a discussão, demonstrando outras realidades, conforme exemplifica a descrição do trecho a seguir:

6.2.2.3.1 Contexto das cenas

As imagens do trecho foram gravadas no Japão. Em sua maioria, elas demonstram o sistema de incineração de lixo implementado pelo governo japonês. Em contraponto, o trecho também mostra iniciativas de moradores de pequenas cidades e vilarejos para reciclar os resíduos.

Para contextualizar a fala sobre a densidade demográfica do país, uma cena, em Plano Geral, mostra o trânsito japonês, com diversos carros. Na sequência, em Plano Médio, a cena contempla uma rua lotada de pessoas caminhando. Corte de cena.

Em Plano Geral, cena mostra um caminhão de lixo se aproximando de uma porta de entrada da incineradora. Em seguida, em Plano Médio, a cena mostra um homem de costas operando uma garra de ferro que conduz o lixo até a incineradora, depois, em Primeiríssimo Plano, a cena mostra somente a garra carregando o lixo para a queima. Corte de cena.

Na área externa da incineradora, em Plano Médio, a câmera faz um passeio, de baixo para cima, para mostrar uma torre de energia. Em Plano Geral, com a câmera

em passeio da esquerda para a direita, a cena mostra o lado externo da usina incineradora e, depois, caminhões de lixo, trafegando na área interna da usina.

Em seguida, três cortes consecutivos de cena mostram trabalhadores separando os resíduos recicláveis que passam por uma esteira, primeiro em Plano Geral, depois, duas cenas em Plano Médio.

Ainda durante o trecho, surge uma sequência de três imagens de paisagens com a arte gráfica sobreposta, com os escritos: “KAMIKATSU / Japão”. Na sequência aparecem três cenas, em diferentes planos que acompanham uma mulher fazendo a separação de resíduos recicláveis e orgânicos.

A paisagem sonora é composta por uma trilha de fundo com sobreposição do *off* (voz) do apresentador.

AT (OFF): No Japão, não há espaço sobrando para aterro sanitário. Num país densamente povoado com território reduzido, a saída é transformar lixo em energia. Uma solução ainda muito cara! 80% dos resíduos do Japão são incinerados, 20% são reciclados. Mas em Kamikatsu é diferente: a cidade recicla 80% dos resíduos.

6.2.2.3.2 *Contexto das Cenas*

Em Plano Médio, a cena mostra a entrevistada, que se encontra sentada enquanto explica a política de gestão de resíduos do Japão. Na cena, aparece somente a mulher que está posicionada no lado esquerdo do quadro. Próximo à mulher aparece o GC: “AKIRA SAKANO / pres. Conselho Academia Lixo Zero/Japão”. Durante a fala da entrevistada, aparecem imagens, em diferentes planos e enquadramentos, da usina de incineração e de pessoas separando o lixo.

Entrevistada (fala em inglês - legenda): [Entrevistada em cena] O Japão tem um território delimitado, por isso o governo federal desenvolveu primeiro um programa para incineração, para que a quantidade de lixo fique menor nos aterros sanitários. Ao mesmo tempo, em relação à questão sanitária, é mais seguro, se incinerarmos em vez de deixar o lixo a céu aberto. **[Em OFF]** Por isso, a incineração

foi o grande foco. No entanto, o governo japonês e suas prefeituras tiveram que enfrentar os problemas das dioxinas e todo o gás tóxico que sai da incineração. Por isso, criaram incineradores modernos, que emitem menos toxinas. **[Entrevistada em cena]** No entanto, isso também causou problemas para cidades de tamanhos diferentes. As menores cidades e vilarejos não tiveram condição de investir em incineradores mais modernos. **[Em OFF]** E foi assim que cidades como Kamikatsu, com tamanho pequeno, trouxeram soluções diferentes. Em vez de incinerar, optamos por reciclar.

6.2.2.3.3 Análise

A ampliação da abordagem, neste caso, busca mostrar ao telespectador as políticas de gestão de resíduos que alguns países estão adotando para subsidiar o público com diferentes exemplos e informações sobre a mesma questão. Essa estratégia editorial, de ampliar a abrangência do tema, foi citada pelo participante E:

“[...] mostrou em outros países a adaptação do lixo zero me chamou a atenção, que tem sim como. Em questão até o Japão, de que ele traz os pontos positivos e negativos daquilo que eles estão fazendo. Que nem, queimar todos os lixos, tem o ponto positivo e também tem o ponto muito negativo. Mas, são formas que o país está pensando em modificar alguma coisa. Então eu achei interessante essa visão que eles têm. E também a questão do Brasil que tem algumas cidades se preocupando com isso”. (PARTICIPANTE E).

6.2.2.4 Trecho 4 – 6’19” até 7’16”

Na perspectiva da análise citada acima sobre a ampliação de abordagem, também se enquadra o quarto trecho, por isso ele foi deslocado para análise junto ao terceiro bloco de análise. Nesta parte, o programa traz uma fonte ligada à implementação da legislação que instituiu o Lixo Zero em São Francisco, na Califórnia (EUA).

6.2.2.4.1 Contexto das cenas

Em Meio Primeiro Plano, a cena enquadra o entrevistado responsável pela fala do trecho, que é o coordenador Lixo Zero de São Francisco, Alex Dmitriew.

Entrevistado (fala em inglês – legenda): Fomos a primeira cidade a tornar a reciclagem e compostagem obrigatórias. E isso foi instituído de uma só vez para todos. Então, quando implementamos, foi direcionado para as áreas comercial, residencial, industrial, entre outros. Todos estavam incluídos. E todos foram comprovadamente ótimos influenciadores, realmente nos ajudaram a alcançar nossos objetivos lixo zero. Então, o que a lei diz é razoavelmente simples. Primeiro, se você está produzindo resíduo orgânico ou reciclável, você precisa ter esse serviço. E você não precisa apenas separar os materiais, mas mantê-los limpos. Se você contaminar seus resíduos compostáveis ou recicláveis, você pode ser multado. É contra a lei. Você também não pode contaminar sua compostagem e reciclagem. E também tem um componente educacional. Se você tiver negócios, uma vez por ano você precisa educar seus funcionários, é lei. E se cuidar de um prédio residencial, você precisa educar os moradores.

6.2.2.4.2 Análise

A partir do exposto, é possível considerar que o *Cidades e Soluções* busca demonstrar que já existem iniciativas e políticas que visam melhorar o encaminhamento e tratamento dos resíduos em cidades inteiras. Sobre este aspecto, Belmonte (2004, p. 29) salienta:

Os jornalistas devem discutir mais todos os problemas ambientais urbanos do ponto de vista das políticas públicas. Não basta descrever a crise gerando pânico e medo. É preciso continuar a pauta, manter no noticiário o debate indo além do alarme, ajudando a encontrar as saídas.

Dessa forma, esta análise e a consideração do autor demonstram que o programa está alinhado ao que propõe o Jornalismo de Soluções. Conforme demonstrado no capítulo 3 deste trabalho monográfico, essa linha de abordagem busca apontar alternativas para os problemas reportados e não apenas submeter o

público a mensagens negativas o que pode resultar em um ressentimento, apatia ou afastamento, gerando uma resposta igualmente negativa. (WENZEL; GERSON; MORENO, 2016 apud LOOSE, 2019).

6.2.2.5 Trecho 5 – 5'14" até 5'59"

No quinto trecho, o entrevistado traz números e dados importantes ao mesmo tempo em que as imagens reforçam os grandes volumes de lixo produzidos pela população bem como as etapas de separação e gestão dos resíduos. A seguir, a decupagem do trecho:

6.2.2.5.1 Contexto das cenas

No trecho, as cenas mostram uma usina de reciclagem de resíduos situada na cidade de São Francisco, na Califórnia. Para contextualizar, também aparecem imagens da cidade. Já a fala do trecho é de um entrevistado que gravou sua participação no Brasil, mais precisamente, em Florianópolis.

A cena inicia com imagens de um depósito de lixo a céu aberto. Sobreposta à cena, entra a arte gráfica com as informações: "SÃO FRANCISCO/ Califórnia". Em seguida, em Plano Geral, a cena mostra o trânsito de carros sobre a ponte *Golden Gate*, de São Francisco. Corte de cena.

Em Plano Médio, a cena mostra um caminhão de lixo trafegando dentro de um galpão de armazenamento de resíduos. Na sequência, com sucessivos cortes, as cenas mostram o funcionamento de uma usina de reciclagem, com a presença de veículos que transportam os resíduos, de máquinas que fazem a separação do lixo e de pessoas que trabalham neste local, também fazendo a separação manual dos recicláveis. Corte de cena.

Em Meio Primeiro Plano, cena mostra o entrevistado responsável pela fala de todo o trecho. Aparece um GC com as informações: "RODRIGO SABATINI / pres. Instituto Lixo Zero".

A paisagem sonora é constituída pelo som ambiente (rua) do local aonde ocorreu a gravação do entrevistado. A fala, por vezes em off, e, por vezes com o entrevistado na cena, predomina durante todo o trecho.

Entrevistado: [Em OFF] São Francisco, na Califórnia, 1 milhão e meio de habitantes, que tem 85% de desvio de aterro e diz que em 2020 vai ser 90%, mandando pro aterro só 10% do que produz. **[Entrevistado em cena]** Então, se fosse assim no Brasil, a gente ao invés de enviar 80 milhões de toneladas/ano, a gente ia enviar apenas 8 milhões de toneladas/ano para os aterros sanitários. **[Em OFF]** No caso de São Francisco, que eu mencionei antes, a estratégia é que cada local, cada site seja lixo zero. Então, a escola é lixo zero, **[Entrevistado em cena]** o estádio é lixo zero, o hotel é lixo zero, a prefeitura é lixo zero, cada lugar é lixo zero e daí a gente consegue fazer uma cidade lixo zero.

6.2.2.5.2 Análise

Por meio da disponibilização dessas informações trazidas pelas fontes técnicas, o programa também possibilita o acesso ao conhecimento de dados importantes referentes às práticas da gestão dos resíduos sólidos no Brasil, na comparação com outros locais que já implantaram a política de lixo zero.

“Me chamou a atenção quando aquele cara falou que a gente produz 80 milhões e se a gente conseguisse, cada um pensar no lixo zero, seria 8 milhões ao invés de 80 milhões, essa comparação de dados me chamou bastante atenção”. (VOLUNTÁRIA E)

Assim, segundo Girardi (2018, p. 21): “O Jornalismo exerce um papel social fundamental na informação e formação do cidadão, disponibilizando a este ferramentas para atuar na defesa de seus interesses e também dos interesses da sociedade”.

6.2.2.6 Trecho 6 – 7'18" até 8'36"

A fala do entrevistado contida no sexto trecho também exemplifica a reflexão acima, uma vez que ele relaciona a gestão correta do lixo à geração de empregos, à diminuição de despesas e à criação de receita para os municípios, conforme consta na decupagem:

6.2.2.6.1 Contexto das cenas

No geral, as cenas se passam no Brasil e as imagens mostram pessoas realizando a manipulação de resíduos sólidos em uma usina de reciclagem. O trecho também mostra pessoas realizando a compostagem de resíduos orgânicos em um ambiente aberto.

Em Primeiríssimo Plano (*close*), a cena inicia mostrando três bombonas azuis para depósito de lixo orgânico. Em seguida, com enquadramento em Plano Médio, a cena mostra uma placa com a descrição de quais lixos orgânicos devem ser depositados nas bombonas. A câmera faz um passeio da esquerda para a direita, indo da placa até focar nas bombonas, em um ângulo *plongée*. Corte de cena.

Com enquadramento em Meio Primeiro Plano, a cena mostra o entrevistado responsável pela fala do trecho. Em seguida, ainda durante a fala do entrevistado, aparecem imagens, em Plano Geral, de três pessoas colocando o lixo orgânico em uma grande composteira a céu aberto. Depois, em Plano Médio, a cena mostra uma pessoa carregando papelões apoiados no seu ombro. Na sequência, com sucessivos cortes e em Primeiríssimo Plano as cenas mostram fardos de papel e um grande volume de garrafas pet. Corte de cena.

Com enquadramento em Meio Primeiro Plano, o trecho volta a mostrar o entrevistado responsável pela fala. Junto à imagem aparece o GC com as informações: "RODRIGO SABATINI / pres. Instituto Lixo Zero". Durante a fala do entrevistado em cena, alguns dados trazidos por ele são colocados em destaque por meio de artes gráficas acompanhadas de efeitos sonoros que chamam a atenção para as informações salientadas. Aparece em destaque: "R\$ 120 milhões de receita". Em

seguida, em Plano Geral, a cena mostra o interior de uma usina de reciclagem com uma grande esteira ao centro e doze pessoas lado a lado, ao redor da esteira, realizando a separação manual dos resíduos. Nesta cena aparece em destaque por meio da arte gráfica a informação: “2 mil empregos”. As imagens seguintes mostram mais o trabalho realizado dentro da usina de reciclagem e finalizam, novamente, com o entrevistado em cena.

Entrevistado: [Em OFF] O conceito lixo zero é que é uma meta... O conceito é uma meta [Entrevistado em cena] ética, econômica, eficiente e visionária para que a gente possa mudar o comportamento humano de forma a imitar a natureza aonde tudo que é descartado por um é usado pelo outro, fechando o ciclo. [Em OFF] Se eu pego esse lixo que eu tô jogando no aterro e não transformo ele em lixo, mantenho tudo separado, ele vira matéria prima em diversas coisas, diversas matérias primas. Ele é papelão, ele é papel, ele é plástico [Entrevistado em cena] – ele é plástico de diversas formas –, ele é eletrônico, ele é óleo de cozinha, ele é orgânico... Isso aí, em vez de eu gastar 30 milhões de reais aqui, eu geraria 120 milhões de reais na economia! [Em OFF] Geraria quase dois mil empregos que daria renda, que me daria impostos. Então, em vez de eu ter um gasto de um lado, eu tenho uma grande solução, [Entrevistado em cena] uma grande possibilidade de arrecadação e desenvolvimento do outro. Lixo zero na verdade, hoje é um conceito, é quase um estilo de vida. O lixo zero significa você ser um minimalista, significa você ter um estilo de vida preocupado com a tua saúde, com o teu impacto sobre o planeta.

6.2.2.6.2 Análise

O trecho descrito também despertou a atenção e interesse da voluntária B, que citou a abordagem em específico como uma das falas mais marcantes do episódio:

“Quando ele fala sobre o quanto isso geraria de renda pra receita e tal. Acho que isso seria importante mais para os nossos governantes analisarem e, de repente, adotarem uma política assim, porque talvez eles não percebam o quanto isso possa ser benéfico financeiramente, que é um lado que eu acredito que muitos acabam olhando mais, né”. (VOLUNTÁRIA B).

Assim, o programa também estabelece relações do tema abordado – a gestão dos resíduos – com outras áreas, como a Economia. Ele busca integrar a abordagem à vida da sociedade e não fragmentar esses aspectos. Como afirma Scharf (2004, p. 51):

[...] os profissionais da imprensa cotidiana, em geral, relutam em reconhecer a importância dos aspectos ambientais da economia. Ainda são poucos os jornalistas que cobrem a questão de forma criativa e conseqüente, que enxergam, estudam e exploram as múltiplas conexões existentes entre a natureza e o mundo do dinheiro [...]

Neste caso também é possível constatar a visão sistêmica no jornalismo, defendida no capítulo 4 desta pesquisa, que visa mostrar a importância de relacionar os acontecimentos e compreendê-los como interdependentes. “Incorporar o olhar sistêmico ao cotidiano do ofício de contar histórias, em um mundo onde as pessoas estão soterradas pela informação, é um dos passos a serem dados”. (GERAQUE, 2018, p.39)

6.2.2.7 Trecho 7 – 9’55” até 11’26”

O programa segue uma lógica de escalonamento da reflexão sobre a gestão de resíduos. Assim, passando pelas políticas públicas voltadas para as cidades, o episódio traz um exemplo de um pequeno negócio, que é um restaurante lixo zero, como mostra a decupagem:

6.2.2.7.1 *Contexto das cenas*

As imagens do trecho foram captadas em um restaurante, localizado no Rio de Janeiro. As cenas contemplam, em sua maioria, a área interna do estabelecimento. Durante todo o trecho predomina a fala do entrevistado, por vezes, com ele em cena e, por vezes, coberta por outras imagens de atividades realizadas no estabelecimento relacionadas à separação e cuidados com o lixo.

A cena inicia em Plano Médio, mostrando a mão de uma pessoa descartando lixo orgânico dentro de uma lixeira. Em seguida, com enquadramento em Meio Primeiro Plano, a cena mostra o entrevistado responsável pela fala do trecho. O

entrevistado aparece em primeiro plano e em segundo plano, desfocado, aparece o restaurante. Corte de cena.

Em contra *plongée*, câmera faz um passeio da esquerda para a direita mostrando um mezanino aonde estão caixas de armazenamento de resíduos recicláveis do restaurante. Depois, as cenas mostram o chef lavando as mãos e utilizando apenas uma folha de papel descartável para secá-las. Nesta parte, com enquadramento em Primeiríssimo Plano, a câmera mostra a frase que está no suporte de papel para a secagem de mão. A frase diz: “Utilize apenas 1 folha de papel”. Corte de cena.

Com enquadramento em Primeiríssimo Plano, a cena mostra um saco de lixo com embalagens plásticas dentro e as mãos de uma pessoa mexendo nas embalagens. Essa parte se relaciona com a fala do entrevistado sobre a legislação de armazenamento de produtos.

A cenas seguintes contemplam outros espaços localizados dentro do restaurante para armazenamento de lixo seco e lixo orgânico. O enquadramento inicia em *close* numa lata de lixo que tem o escrito “rejeitos”; em seguida a câmera faz *zoom out* e um passeio pela cozinha do restaurante até focar em outra lixeira que tem o escrito “reciclagem”. Corte de cena.

Em Plano Médio, a cena mostra o entrevistado abrindo a porta da cozinha do restaurante com um saco preto de lixo na mão; câmera faz *zoom out* até Plano Geral, acompanhando o deslocamento do entrevistado que está levando o lixo para fora. Em seguida o entrevistado entrega o saco de lixo para outra pessoa que deposita o resíduo em uma bombona azul que posteriormente é colocada dentro de um reboque acoplado a uma bicicleta, junto com outras bombonas semelhantes. A câmera acompanha o movimento das pessoas da cena em plano sequência. Corte de cena.

Com enquadramento em Meio Primeiro Plano, cena mostra o entrevistado responsável pela fala do trecho. Aparece o GC com a informação: “DANIEL BIRON / chef de cozinha”. A paisagem sonora do trecho é composta pelo som ambiente do restaurante e fala do entrevistado.

Entrevistado: [Em OFF] O conceito de lixo zero pra gente [Entrevistado em **cena**] ele é superimportante porque ele passa... ele vem do início da cadeia produtiva. A gente tenta minimizar isso com os nossos fornecedores. [Em OFF] E não adianta a gente só pensar em acabar ou chegar num ponto que o lixo seja zero se a gente passar por essas etapas que existe muita geração de lixo, também em função da legislação. Muitas vezes, alguns produtos, eles são obrigados a ter embalagem por questões sanitárias ou por questões de transporte, de fiscalização, [Entrevistado em **cena**] e a gente tenta combater isso de alguma maneira. É muito difícil, mas a gente consegue de alguma forma, dentro da legalidade, fazer essas mudanças e incentivar os nossos fornecedores a isso. [Em OFF] E na gestão e no descarte, a gente sempre pensa, não só na separação aqui interna, mas também na limpeza desses itens que são recicláveis, por exemplo, e na destinação correta pra quem vai fazer a reciclagem desses materiais. Toda a nossa matéria orgânica é compostada pelo Ciclo Orgânico. E esse é um trabalho constante, porque no dia a dia de um restaurante, é necessário que essas mensagens sejam reforçadas [Entrevistado em **cena**] porque as pessoas, na correria, acabam, muitas vezes, misturando itens que não deveriam ser misturados, acabam descartando de forma incorreta. Então, a gente dá o treinamento constante e traz uma pessoa, uma consultora externa, justamente pra que essas pessoas implementem no seu dia a dia, não só aqui dentro do restaurante, mas também nas suas casas.

6.2.2.7.2 Análise

Por meio da entrevista com o chefe de cozinha e proprietário do estabelecimento, o trecho do programa traz a história de como o restaurante foi concebido de forma sustentável e de como as práticas diárias são voltadas para a conscientização sobre a gestão correta dos resíduos.

Por um lado, as pautas sobre esses assuntos ainda sofrem alguma resistência, visto que o ceticismo ronda tais iniciativas espontâneas e aparentemente isoladas; por outro, com cada vez mais frequência, elas surgem vinculadas ao que se entende por Jornalismo de soluções. Trata-se de ressaltar o poder que os projetos independentes têm para trazer mudanças significativas ao cenário de relações e ambientes degradados. (BEZERRA; STEIGLEDER, 2018, p. 141)

Dessa forma, o programa cumpre um papel importante ao ir em busca de um exemplo, não tão comum, para mostrar como um restaurante, com espaço físico relativamente pequeno, pode fazer a diferença por meio da gestão inteligente dos resíduos. Esse trecho, que abordou inclusive outras questões, como a própria legislação na fala do entrevistado, também captou a atenção dos participantes. O voluntário C mencionou o trecho em dois questionamentos diferentes:

“Acho que quando ele estava mostrando o restaurante que ele começou a falar isso é plástico, isso é demolição, isso é não sei o que... me chamou muito a atenção”; “[...] um conceito que eu acho importante que é: tu tem que pensar desde o início. Qualquer processo de mudança no meio ambiente tu tem que ir lá na ponta, lá no final”. (VOLUNTÁRIO C).

A questão da legislação que aparece na fala do chefe de cozinha quando ele destaca a dificuldade de reduzir os resíduos, porque alguns produtos “são obrigados a ter embalagem por questões sanitárias ou por questões de transporte, de fiscalização”, também foi um ponto abordado pela voluntária D:

“Eu sinto que esse episódio, essa reportagem, ao contrário de muitas outras coisas que eu já vi, ainda trouxe bastante coisa sobre política. Tem prefeituras que estão tentando fazer isso, a questão da própria legislação quando fala do restaurante, o próprio chefe aborda isso, sobre como tem algumas coisas que a própria legislação impede...” (VOLUNTÁRIA D).

6.2.2.8 Trecho 8 – 11’42” até 12’46”

No oitavo trecho, o programa traz o exemplo de uma pessoa que leva o estilo de vida lixo zero. Esse aspecto da abordagem começa com o exemplo de uma moradora em Nova York. Para demonstrar, aparecem diversas imagens que exemplificam a rotina da pessoa e hábitos que ela segue para diminuir drasticamente a geração de resíduos. A demonstração consta na decupagem:

6.2.2.8.1 Contexto das cenas

A cena inicia em Plano Médio, mostrando uma mulher, que é a Lauren, caminhando na rua em um grande centro urbano. Por cima da cena aparece a arte gráfica com as informações: “NOVA YORK / Estados Unidos”. Em seguida aparece uma sequência de três cenas em ângulos diferentes que mostram Lauren caminhando em uma rua movimentada. Corte de cena.

Em Plano Médio, câmera faz um giro para mostrar mais detalhes do ambiente, no caso, a rua. Em seguida, em Meio Primeiro Plano, a cena mostra novamente a Lauren caminhando e faz um passeio até um *close* na bolsa retornável de pano que está pendurada em seu ombro. Uma sequência de oito cenas seguidas, em cortes rápidos, mostra a Lauren em uma feira de rua, olhando e comprando os produtos e os colocando em sacolas de panos. As cenas também mostram a Lauren consumindo uma bebida em caneca de vidro. Corta cena para ambiente interno, a casa de Lauren. Em Plano Médio, câmera mostra a Lauren abrindo as portas da despensa aonde estão diversos potes de vidro com alimentos dentro. A câmera faz um passeio de cima para baixo mostrando todos os potes nas prateleiras. Em Plano Americano, outra cena mostra Lauren preparando ingredientes para fazer shampoos e cremes caseiros. Corte de cena.

Em Primeiríssimo Plano, cena mostra um líquido espesso sendo despejado de uma jarra de vidro para dentro de um potinho de vidro. Depois, em Plano Médio, com câmera em um ângulo levemente *plongée*, a cena mostra Lauren no fogão, mexendo a mistura para fazer os produtos de higiene. Corte de cena.

Em Plano Geral, cena mostra o banheiro e em seguida a câmera faz um *zoom in* no papel higiênico para mostrar que ele é feito de papel reciclado. Corte de cena.

Em Plano Médio, cena mostra Lauren abrindo uma das portas do armário da cozinha e retirando dali um pequeno pote de vidro. Em seguida, em Primeiríssimo Plano, a cena foca no potinho de vidro e mostra detalhes do conteúdo que há dentro dele. As mãos de Lauren manipulam um pedaço de papel e outros resíduos que estavam dentro do potinho. Na sequência, em Plano Médio, a cena mostra Lauren

guardando novamente os resíduos no potinho e Câmera faz *zoom in* até colocar o objeto em evidência, neste caso, o potinho de vidro.

A paisagem sonora do trecho é composta por uma trilha suave de fundo e pela voz de André Trigueiro no *OFF*.

AT (OFF): Lauren segue o estilo de vida Lixo Zero. Morando em Nova York, um dos templos do consumo do mundo, ela decidiu viver sem produzir muito resíduo. Quando vai ao mercado, leva a própria bolsa. Não compra nada com embalagem. Pra isso, trocou o supermercado por feiras orgânicas. O pãozinho de cada dia também não precisa de embalagem. Suco? Na caneca de vidro. Até as batatinhas vão pra sacola de pano. Em casa, o santo também faz milagre! Na cozinha de Lauren, só potes de vidro. Shampoo, detergente e creme hidratante, ela mesma faz. O papel higiênico é de papel reciclado. No armário, ela tem uma lixeirinha onde guarda etiquetas de roupa, pulseiras de entrada de shows, canudinhos de drinks e tudo o mais que não pode ser reciclado. Mas acredite, neste potinho cabe todo o lixo que ela produziu em dois anos!

6.2.2.8.2 Análise

Como citado anteriormente, é possível ver no trecho de locução do apresentador expressões familiares como: “O pãozinho de cada dia...”, “Em casa, o santo também faz milagre!” Essa estratégia de aproximação do público por meio da linguagem coloquial é um dos principais aspectos necessários no texto de TV. “Toda vez que um telespectador ouve uma palavra ou uma frase, ela é processada – conectada, associada – com algo já conhecido. É *linkada* a alguma coisa que já está na memória dele” (PATERNOSTRO, 2006, p. 95).

As imagens que acompanham o trecho citado também são fundamentais para gerar um impacto nas pessoas que assistem. Essa análise foi realizada a partir das falas dos voluntários A e C, respectivamente:

“A [*cena*] do potinho da menina, quando o lixo dos últimos dois anos dela cabia dentro do potinho de vidro ali, aquilo me chamou muito a atenção”. (VOLUNTÁRIA A).

“A menina ali de Nova York, acho que ali foi bem legal. Tu vê o tanto de lixo que ela gerou, cuidando, em dois anos. Daí tu pensa: se ela cuidou e gerou aquilo ali, então eu gero muito mais porque não cuido, sabe”. (VOLUNTÁRIA C).

O trecho também gerou uma reflexão crítica por parte da voluntária D, que traçou um comparativo com outras realidades sociais e com a finalidade da abordagem trazida pelo programa:

“[...] isso me chamou a atenção, principalmente, quando ele falava daquela moça em Nova York. Já era uma noção que eu tinha, mas quando veio essa entrevistada me deu aquele clique tipo “opa, espera aí, com quem a gente está falando? Quem é o nosso público?” Porque se a gente pega eu e você, a nossa lógica, é claro que nós somos públicos bem mais acessíveis pra consumir esse conteúdo e dentro da nossa realidade tentar adotar algumas práticas que sejam melhores para o meio ambiente. Mas depende de quem a gente falar, o contexto daquela pessoa, não é tão fácil. Isso assim, tem a questão estrutural de cidade, aonde a pessoa mora, como as coisas funcionam e também de estrutura familiar, qual é o tempo que aquela pessoa tem no dia a dia dela para se dedicar às questões que demandam mais tempo”. (VOLUNTÁRIA D).

6.2.2.9 Trecho 9 – 13’41” até 14’13”

Do nono ao décimo segundo trecho, o programa busca trazer o exemplo de uma pessoa que mora no Brasil, no caso, no Rio de Janeiro, que é a ativista ambiental Fê Cortez. Na decupagem a seguir segue a descrição do trecho nove aonde a entrevistada explica um dos caminhos para alcançar a meta lixo zero:

6.2.2.9.1 Contexto das cenas

Em Plano Americano, a cena mostra André Trigueiro conversando com a ativista ambiental, Fernanda Cortez, na cozinha do apartamento dela, que fica na cidade do Rio de Janeiro. Durante a cena aparece o GC com as informações: “FÊ CORTEZ/ ativista”. A paisagem sonora é composta pelo som ambiente e pela fala da entrevistada, Fê Cortez.

Entrevistada: Uma cidade lixo zero começa com uma casa lixo zero, que começa com hábitos lixo zero. E há um tempo eu adotei – eu adotei muita coisa – mas eu adotei a compostagem. E a compostagem, que é esse processo maravilhoso de dar comida pras minhocas e transformar a nossa comida em adubo, faz a gente ressignificar o que é lixo, porque na verdade a gente não tem quase compostagem no Brasil né, menos de 1%. E a gente está enterrado adubo que poderia ser usado de uma forma incrível pra gente plantar, pra gente ter a nossa hortinha em casa; eu uso pras minhas plantinhas em casa.

6.2.2.9.2 Análise

Por meio do diálogo descontraído, André Trigueiro e Fê Cortez, mostram as práticas diárias dela a partir da filosofia “Menos um Lixo” - movimento criado pela própria ativista. Assim, dentro de um apartamento pequeno, os dois, apresentador e entrevistada, vão demonstrando como hábitos lixo zero podem ser implementados no dia a dia. Um dos principais aspectos do trecho analisado, é a presença de expressões e palavras da linguagem coloquial que tornam o diálogo leve e ao mesmo tempo didático. Como citado anteriormente, Paternostro (2006) destaca a importância da linguagem coloquial e simples no texto de TV, para que a mensagem possa ser assimilada com facilidade pelo público.

Um exemplo é a fala de Fê Cortez que explica o caminho para se chegar a uma cidade lixo zero. Sobre essa parte, o voluntário C salientou a linha de raciocínio trazida pela entrevistada, revelando a potência de geração de reflexões das informações trazidas pelas pessoas que participam do programa:

“Ela faz uma linha sequencial muito boa que é: uma cidade lixo zero, começa com uma casa lixo zero que começa com o hábito lixo zero. Foi o que o cara do restaurante falou também, que eles têm que ficar sempre reforçando. Qualquer mudança de comportamento é um hábito”. (VOLUNTÁRIO C).

Diante do exposto, fica evidente que a forma simples de comunicar e a demonstração de exemplos de pessoas que falam sobre o assunto a partir de suas experiências, são aspectos fundamentais para que o espectador possa ser tocado pela narrativa a ponto de realizar as suas próprias reflexões sobre o tema.

6.2.2.10 Trecho 10 – 14'37" até 15'15"

No décimo trecho, Fê Cortez e André Trigueiro apresentam o processo de compostagem por meio de um diálogo descontraído, a fim de naturalizar a realização do procedimento que ainda é pouco comum no Brasil. A demonstração consta na decupagem a seguir:

6.2.2.10.1 Contexto das cenas

Em Plano Americano, cena mostra Fê Cortez e André Trigueiro ao redor de uma caixa de plástico bordô – a composteira - que está localizada dentro de uma área de serviço. O espaço é pequeno, trata-se de um corredor estreito para a passagem das pessoas com os eletrodomésticos e móveis em um dos lados do cômodo. A câmera faz *zoom in* na composteira enquanto Fê abre a tampa. Corte de cena.

Em Primeiríssimo Plano, cena mostra o interior da composteira que tem terra úmida, folhas secas e minhocas. Na cena aparece a mão de Fê pegando uma das minhocas. Em seguida, em Primeiríssimo Plano, cena mostra a mão de André Trigueiro segurando uma minhoca. Corte de cena.

Em Plano Médio com ângulo levemente *plongée*, a câmera filma Fê colocando restos de bagaço de frutas trituradas e uma casca de banana dentro da composteira. Câmera faz *zoom in* para focar o interior da composteira. Na sequência, em plano Americano, a cena mostra Fê e Trigueiro na mesma posição, ao redor da composteira. Na cena Fê pega um pouco da terra de dentro da composteira e a fica apertando com uma das mãos enquanto fala. Câmera faz *zoom in* até o material orgânico que ela segura nas mãos. Corte de cena.

Em Primeiríssimo Plano, cena mostra um líquido marrom, que é o biofertilizante, sendo despejado de um recipiente para outro. Na cena, também aparece o rosto de Fê Cortez, em segundo plano, desfocado.

Fê Cortez: Isso é a minha composteira! É uma caixa que tem minhoca, então você faz assim... e aqui já tá uma parte bem dec... Ó uma minhoquinha aqui, ó... ó.

AT: Então essas daqui são as operárias que viabilizam a conversão do seu lixo orgânico em húmus.

Fê Cortez: Essa terra maravilhosa que eu acabei de mudar aqui... a caixa. Olha só que coisa linda, maravilha gente. Então, o resultado é biofertilizante, que é o xixi de minhoca, que é uma coisa maravilhosa que aduba as plantas, assim. É incrível, é um super adubo. O resultado é terra pra plantar, que é um adubo. E o resultado é uma nova consciência em relação a resíduo.

6.2.2.10.2 Análise

O trecho tem como destaque as falas de Fê Cortez, que chamam a atenção pela simplicidade e pela utilização de termos comuns ao público, que dão também um toque de humor à entrevista. As cenas que mostram ela e o apresentador, André Trigueiro, manipulando as minhocas ou a terra resultante da compostagem também cumprem o objetivo de mostrar para as pessoas como o procedimento é fácil e prazeroso.

Enquanto Fê Cortez está mostrando a sua composteira doméstica, ela explica quais são os materiais resultantes do processo de reutilização dos resíduos orgânicos.

“Então, o resultado é biofertilizante, que é o xixi de minhoca, que é uma coisa maravilhosa que aduba as plantas, assim. É incrível, é um super adubo. O resultado é terra pra plantar, que é um adubo. E o resultado é uma nova consciência em relação a resíduo”. (FÊ CORTEZ. CIDADES...2018)

A linguagem utilizada aproxima o público do assunto, que em um primeiro momento pode parecer distante. Como salienta Paternostro (2006, p. 95): “Quanto mais as palavras (ou texto como um todo) forem familiares ao telespectador, maior será o grau de comunicação”.

6.2.2.11 Trecho 11 – 15'58" até 16'29"

Já, no décimo primeiro trecho, Fê Cortez apresenta outra prática que ela utiliza para reduzir o número de resíduos, principalmente sacolas plásticas e embalagens, como mostra a decupagem a seguir:

6.2.2.11.1 Contexto das cenas

Em Plano Médio, cena mostra André Trigueiro e Fê Cortez caminhando pela área de serviço da casa de Fê - um espaço pequeno. A câmera acompanha o movimento das pessoas da cena que se deslocam em direção ao cinegrafista. Em um momento, Fê Cortez pega um saco de tecido que comporta outros sacos menores também de tecido. Corte de cena.

Em Plano Meio Primeiro Plano, cena mostra uma pessoa em uma loja de produtos a granel colocando um saco de pano em um dispensador de grãos. Corte de cena.

Em Primeiríssimo Plano, cena volta para dentro do apartamento de Fê Cortez e mostra André Trigueiro manipulando um saco de pano, igual ao presente na cena anterior. Câmera faz movimento de *zoom out* até enquadrar André Trigueiro e Fê Cortez em Plano Médio, mostrando o diálogo dos dois sobre a utilização de sacos de pano para a realização de compras a granel.

Fê Cortez: Eu sou a louca do granel, gente. Eu compro muito granel.

AT: “A louca do granel”, o que significa isso?

Fê Cortez: Isso aqui é só de saco de granel. Pra eu poder fazer compra eu tenho muitos sacos a granel.

AT: Só pra gente entender: quando você diz “eu sou a louca do granel”, é que você dispensa as sacolinhas plásticas e leva sacolas retornáveis, suas..., mas essa aqui parece pequenininha.

Fê Cortez: Ah então, essas aqui..., mas isso aqui é pra comprar... cabe até um quilo de arroz aqui!

AT: Dispensando aquela fábrica de sacolas plásticas que tem em tudo que é canto.

Fê Cortez: *Aham!*

6.2.2.11.2 Análise

Conforme Fê Cortez explica mais sobre sua rotina e hábitos que ela costuma adotar referente ao lixo, se criam mecanismos de narrativa para poder acessar as questões subjetivas de quem assiste ao conteúdo. Por exemplo, quando ela mostra a prática de adquirir produtos a granel com a utilização de sacolas de pano retornáveis e utiliza a expressão: *“Eu sou a louca do granel, gente. Eu compro muito a granel.”* (FÊ CORTEZ. CIDADES...2018) A partir dessa expressão informal, ela e o apresentador abrem um diálogo para explicar o impacto que as compras a granel geram na diminuição da produção de lixo.

Segundo consta no capítulo 4 deste trabalho, essa socialização das informações reflete a importância da comunicação na ampliação da consciência coletiva. Esse conceito é aprofundado por Capra (2010) a partir de um estudo de Maturana sobre a relação entre a biologia da consciência humana e a linguagem. Então, quando um programa atinge a diversos indivíduos com a demonstração de comportamentos e hábitos que podem ser replicados, nessas “[...] interações recorrentes, os organismos vivos mudam juntos, por meio de um desencadeamento simultâneo de mudanças estruturais”. (CAPRA, 2010, p.67)

A assimilação dessas informações, portanto, pode resultar na predisposição para mudar comportamentos. Essa constatação pode ser feita a partir da fala do voluntário A, que manifestou ao ser questionado após assistir o programa, se pretendia mudar algum hábito em prol do meio ambiente:

“Com relação ao a granel. O pessoal mostrou muito ali que vai em um supermercado pra fazer algumas compras e não depende das embalagens convencionais, isso é uma coisa muito fácil de fazer”. (VOLUNTÁRIO A)

6.2.2.12 Trecho 12 – 17'16" até 18'02"

No décimo segundo trecho, Fê Cortez se dirige diretamente ao público estabelecendo um diálogo direto com quem assiste o conteúdo:

6.2.2.12.1 Contexto das cenas

Em Plano Americano, cena mostra André Trigueiro e Fê Cortez, na cozinha dela, conversando. Câmera faz um movimento de aproximação e enquadra Fê Cortez em Plano Médio. Fê fala olhando diretamente para a câmera. Durante a cena aparece o GC com as informações: 'FÊ CORTEZ/ativista".

AT: Pra terminar, se você tivesse 30 segundos ou um minutinho pra dar o recado pra alguém que ficou balançado com o que viu aqui no programa e tá criando coragem pra mudar hábitos e comportamentos que agravam o volume de lixo... fala.

Fê Cortez: É só começar! Faz uma coisa, aquela que você acha que tá mais ao alcance de suas mãos. É usar um copo no lugar do copo descartável? Faz isso. É usar fralda reutilizável, coletor menstrual, é usar um saquinho desse pra fazer compras a granel... É só ter alguns na bolsa, você pode fazer ele de lençol antigo, você pode fazer ele de qualquer tecido. É só começar! Quando você começa, você entende que esse hábito vai gerar um monte de outras reflexões e que aquilo vai ser fácil no seu dia a dia. Não é difícil, eu garanto!

6.2.2.12.2 Análise

Diante do exposto, Fê Cortez estimula as pessoas que assistem ao programa a adotarem novos hábitos de vida a partir de pequenas ações. Como argumento, ela utiliza o seu próprio exemplo. De acordo com Bistane e Bacellar (2008, p. 14): "Buscar pessoas que possam exemplificar uma situação humaniza uma reportagem". Assim, essa aproximação com a "vida real" dos telespectadores, faz com que a mensagem seja assimilada com mais facilidade. Essa constatação pode ser percebida na fala da voluntária B:

“Acho que a gente perceber que pequenas ações, se cada um fizer pequenas coisas como a moça disse ali né. Tu pode começar trocando o copo, pode começar usando a sacolinha de pano... Acho que é o equilíbrio da balança. E como é fácil a gente começar a mudar esses hábitos por mais enraizados que eles sejam”. (VOLUNTÁRIA B)

A voluntária D, também destacou que a fala da entrevistada despertou a consciência sobre alguns aspectos que já estavam no seu cotidiano:

“Quando ela fala com o público, nesse convencimento, ela cita a prática de coletor menstrual e de fraldas ecológicas. E eu tinha me esquecido, era um conteúdo que eu já sabia que existia, é uma coisa que, inclusive, eu venho comentando muito com uma prima minha, não sobre coletor menstrual, mas sobre as calcinhas absorventes. Só que eu vinha falando muito com ela sobre o conforto pessoal e esquecendo que tem essa lógica de meio ambiente envolvida nisso. Então foi essa fala, quando ela respondeu eu me lembrei”. (VOLUNTÁRIA D).

6.2.2.13 Trecho 13 – 18’09” até 20’59”

De forma complementar aos trechos já mencionados, no décimo terceiro recorte, o apresentador do programa, André Trigueiro, demonstra as práticas de reciclagem, separação de lixo e compostagem adotadas por ele mesmo, em casa. A descrição consta na decupagem a seguir:

6.2.2.13.1 Contexto das cenas

Com filmagem em formato de *self*, ou seja, filmando a si mesmo com um celular, André Trigueiro inicia a cena falando para a câmera em um enquadramento de Primeiríssimo Plano. A câmera acompanha seus movimentos sem mudança de plano ou corte de cena enquanto ele mostra a própria cozinha, em espaço relativamente pequeno. Durante a cena aparece o GC com a informação: “Cantinho do Lixo Zero”. Conduzindo a câmera, Trigueiro mostra o recipiente para o lixo que é encaminhado para o aterro, a caixa que recebe os resíduos recicláveis, a composteira doméstica e um recipiente para lixo orgânico que é coletado por uma empresa

especializada em compostagem. Todas as imagens estão em um enquadramento mais fechado variando de Meio Primeiro Plano para Primeiríssimo Plano. Durante as imagens aparecem mais três GCs: um com a informação “Acesse: www.cataki.org”, outro com a informação “Acesse: www.cempre.org.br” e o terceiro com o destaque para a expressão “Vermicultor Urbano”. André trigueiro fala sempre olhando para a câmera.

AT: Olá, pessoal, tô aqui na cozinha da minha casa, não é muito espaçosa não, é uma cozinha normal. Geladeira... Pia... Fogão. Mas, eu não tô aqui pra mostrar isso, eu tô aqui pra mostrar o lado de cá. O lado de cá é o cantinho do lixo zero. Em um espaço relativamente pequeno a gente consegue dar uma destinação inteligente pra todos os resíduos dessa casa e eu vou provar agora pra vocês mostrando, desculpa, de forma um tanto improvisada e caseira o que acontece no dia a dia. Aqui é a lixeira comum. Invariavelmente, ela tá vazia porque eu não descarto aqui, o que vai pro aterro sanitário com facilidade, porque antes vem, aqui a caixinha com os recicláveis: papel, papelão, vidro, plásticos... Tudo o que eu posso colocar aqui eu coloco. Na minha rua tem coleta seletiva, é minha obrigação, então, fazer a minha parte. Agora se não tivesse coleta seletiva, hoje, há o aplicativo cataki, tudo junto com a letra “k”, que oferece pra você, em tempo real, a localização de catadores de materiais recicláveis no Brasil inteiro. Você pode fazer contato direto com ele pra ele buscar na sua casa. Você pode ir no site do Cempre, com “c”, e se informar sobre cooperativas de catadores, aparistas e sucateiros que estão próximos de sua casa. Você pode buscar essa informação e fazer a sua parte! O que não é reciclável, o que é lixo orgânico, como se convencionou chamar, a gente conta aqui em casa com o precioso auxílio das minhocas. Sim, eu sou um vermicultor urbano! A gente coloca aqui ó, nessas caixas... Eu vou abrir a tampa rapidinho aqui estão as minhocas debaixo, elas não gostam de luz. Elas estão se alimentando de restos de fruta, legumes e verduras. Se a gente faz tudo certinho o resultado é esse aqui ó, adubo orgânico de excelente qualidade. Isso aqui é húmus, na verdade é húmus e ó ... hum... tem cheirinho de terra molhada... É uma delícia! O que as minhocas não dão conta, vão pra esse balde aqui de uma organização chamada “Ciclo Orgânico”. É uma garotada que vem coletar uma vez por semana, também, restos de frutas, legumes e verduras que ficam neste balde, bem vedadinho, não exala mau cheiro. Uma vez por semana eles vêm aqui, pesam. Aqui em casa tá dando entre cinco e seis quilos por semana. Então, aqui em casa a

gente tem húmus de minhoca e a gente tem adubo resultante da compostagem! A meta é ser lixo zero.

6.2.2.13.2 Análise

O trecho descrito também contribuiu para o reforço da mensagem de que é possível mudar os hábitos. Em um apartamento comum, sem muito espaço, como o próprio apresentador destaca, ele mostra o que chama de “cantinho lixo zero”. Com filmagem caseira, de celular, ele aproxima o público de sua própria residência. Essa prática, conforme Sodré e Ferrari (1986), confere ao trecho do programa aspectos da “Reportagem de Ação”. Eles explicam que: “Na TV, o repórter participa da ação e deixa de ser um mero observador, para tornar-se parte da narrativa.” (SODRÉ E FERRARI, 1986, p. 52) Essa estratégia de mostrar as práticas dentro da casa das pessoas, também contribuiu para a ampliação de percepção do público sobre a gestão do lixo doméstico por meio da identificação com as condições semelhantes. Nesse sentido, o voluntário A relatou sobre sua mudança de percepção referente ao tema:

“Eu acho que foi ter visto que não são projetos, não são ideias, não são grandes empresas, mas sim pessoas físicas que de dentro de sua casa já fazem coisas práticas e atuam de maneira minimalista e mais cuidadosa e isso já gera resultados. Então, como é muito próximo da gente e muito rápido de reverter o resultado que cada ser humano tem com relação ao lixo”. (VOLUNTÁRIO A).

Já a voluntária B, destacou a perspectiva e facilidade da implantação das práticas demonstradas.

“Acho que as pessoas, quando elas moram em apartamentos ou em lugares pequenos, elas acham que não podem fazer esse tipo de coisa [compostagem]. E ali o pessoal mostrou dois locais, casas relativamente pequenas, que aparentavam ser apartamentos, e que eles faziam isso também de uma forma que não exala cheiro, não causa nenhum problema e ajuda o meio ambiente”. (VOLUNTÁRIA B).

O voluntário C, mencionou que as demonstrações de hábitos sustentáveis feitas pelos entrevistados e pelo apresentador, instigam a mudanças também.

“Acho que ele deixa várias prerrogativas pra tu saber que pode olhar diferente pras questões do meio ambiente que são próximas a ti e começar a mexer nelas também. Ele te instiga.” (VOLUNTÁRIO C).

6.2.2.14 Trecho 14 – 21’00” até 21’28”

Por fim, no trecho quatorze, que coincide com o encerramento do programa, o entrevistado, que foi uma das principais fontes do episódio, faz um resumo do assunto abordado na edição e um chamamento para que a sociedade passe a cuidar da gestão dos resíduos:

6.2.2.14.1 Contexto das cenas

Em Meio Primeiro Plano, a cena mostra o entrevistado responsável pela fala do trecho, que está em um local ao ar livre, falando sobre a importância da destinação do lixo. Na cena aparece o GC com as informações: “RODRIGO SABATINI/ pres. Instituto Lixo Zero”. Corte de cena.

Na sequência, aparecem imagens semelhantes às descritas no trecho dois, que mostram os moradores de um condomínio de Florianópolis fazendo a destinação dos resíduos. Em Plano Médio, a câmera filma um homem carregando uma caixa de plástico cheia de resíduos recicláveis (vidro, papel, plástico...). Corte de cena.

O trecho finaliza com cenas do parque ecológico aonde ocorre a compostagem. Em Plano Médio e ângulo *plongée*, a câmera faz um passeio da direita para a esquerda mostrando bombonas cheias de resíduos orgânicos enfileiradas. Em seguida, em Meio Primeiro Plano, a câmera acompanha o movimento de uma pessoa despejando um balde de lixo orgânico em uma das bombonas de armazenamento dos resíduos que serão levados para a compostagem. A câmera se aproxima da bombona e, em ângulo *plongée*, enquadra os resíduos orgânicos que foram despejados dentro do recipiente de armazenamento.

A paisagem sonora do trecho é composta por uma trilha de fundo, pelos sons dos movimentos das pessoas das cenas e pela fala do entrevistado que fica em evidência durante todo o tempo.

Entrevistado: [Entrevistado em cena] Parem de descartar as coisas e comecem a encaminhar as coisas. Encaminhar quer dizer pôr no caminho. **[Em OFF]** Então, você tem que parar de livrar-se das coisas e começar a colocar as coisas no seu caminho certo. Então, isso aí, essas duas atividades, vai fazer você sair de zero para 70% a 80%. O lixo, na verdade, é como se fosse **[Entrevistado em cena]** uma torneira pingando, você nem sabe quando você produz. Você só vai saber **[Em OFF]** quando você botar o balde embaixo. Então, a primeira coisa que você tem que fazer é botar um balde embaixo do lixo.

6.2.2.14.2 Análise

É possível perceber que o programa deixou uma mensagem final impactante, mas após mostrar diversas práticas e alternativas que as pessoas podem adotar para alcançar tal objetivo. Para o voluntário A, os resultados gerados pelo encaminhamento correto dos resíduos, e demonstrados no episódio, foi um dos aspectos do programa que mais chamou a atenção:

“Foi algo que eu não sabia que é a capacidade que está ao alcance de todo mundo de reduzir drasticamente o descarte do lixo, ou seja, encaminhar ao invés de descartar. Eu não pensei que a taxa seria tão grande assim, sabia que todo mundo podia ajudar, mas não dessa forma”. (VOLUNTÁRIO A).

A voluntária D também afirmou que, após o programa, essa foi uma das principais reflexões geradas:

“Então, fiquei pensando sobre a questão de quanto lixo a gente produz. Como ele falou ali no final da matéria, se a gente colocasse um balde embaixo e pesasse o quanto você produziu daria muita coisa”. (VOLUNTÁRIA D).

Nesse sentido, por meio de um texto simples e atrativo, de imagens interessantes e com cenas dinâmicas, de fontes diversas e da demonstração de exemplos de pessoas que já pensam diferente sobre o lixo e o consumo, o programa cumpre com o importante papel de conscientizar. “Este é o compromisso do jornalismo ambiental: mostrar que uma nova postura diante das cidades é possível”. (BELMONTE, 2004, p. 29).

Por fim, é relevante para esta pesquisa também fazer um registro sobre a análise da abordagem que o programa utiliza para falar sobre o meio ambiente. Para esta reflexão, foi dirigida aos voluntários a seguinte pergunta referente ao episódio apresentado: “O que você achou dessa abordagem sobre meio ambiente?” As respostas foram as seguintes:

A: *“Foi interessante porque foi algo, vejo eu, amigável. Apesar de ser impactante é algo fácil de se entender e alguns hábitos fáceis de serem praticados. E pra quem tem alguma inclinação ou algum gosto com os assuntos do meio ambiente, são motivadores, porque os impactos são grandes quando não se tem muita atenção com a questão do lixo. Mas quando, por exemplo, uma residência é preparada para encaminhar melhor o lixo, as melhorias são grandes também. Então, foi criado ali um cenário de comunicação muito amigável e, no meu caso, muito bom de se observar com exemplos, são pessoas da vida real, inclusive do próprio apresentador, mostrando que é muito possível a gente mudar, sair daquele piloto automático de usar uma sacolinha de mercado, por exemplo. Mas, nesse contexto todo, eu vi que são hábitos simples de fazer. Eles apresentam uma nova consciência sobre o tratamento dos resíduos, né. E eu acho que é fácil de se tornar consciente quando se tem essa abertura”.*

B: *“Achei boa, não foi agressiva e faz a gente refletir, também, como a gente pode adotar essas ações”.*

C: *“Eu achei ela bem funcional. Eu achei que a escala das coisas que ele mostrou foi muito correta porque não foi “precisamos salvar o planeta”. Foi “você precisa fazer um negocinho na sua cozinha”. Acho que ele consegue trazer para um lado mais humano, mais prático, mais funcional no sentido de que eu posso desligar o programa e falar*

tá “tem um negócio desses ali que ele falou que eu consigo fazer agora”. Acho que a maneira como ele abordou ajuda nisso, ajuda a ser mais funcional mesmo”.

D: “Ok a gente tem a nossa parte, mas não depende só da gente. Eu sinto que esse episódio, essa reportagem, ao contrário de muitas outras coisas que eu já vi, ainda trouxe bastante coisa sobre política. Tem prefeituras que estão tentando fazer isso, a questão da própria legislação quando fala do restaurante, o próprio chefe aborda isso, sobre como tem algumas coisas que a própria legislação impede... Então, eu acho que foi um episódio que tentou trazer esse assunto, mas ainda está longe de ser o que é a realidade. Eu sinto que, como vários outros assuntos, esse é mais um que joga pra plateia, tipo assim ó: “vocês têm que tomar atitudes, vocês têm que reduzir o consumo, vocês têm que separar o lixo”. E claro, a gente tem que fazer isso, é óbvio. Mas a gente também tem que falar das grandes corporações, o que é que essas pessoas estão fazendo junto com a gente pra mudar isso. Então eu sinto que essas reportagens, esses documentários esquecem um pouco disso, não sei se é proposital ou se realmente acaba passando, porque claro, a quem interessa mexer nos grandões, qual é o impacto disso”.

E: “Eu achei que ela pegou num ponto específico, porém é um ponto que todo mundo fala. Mas esse programa que tu me trouxe, esse episódio, aborda de uma forma diferente, já trazendo soluções e coisas que são possíveis e não numa questão ampla tipo... ah, recicle! Mas eu acho que trouxe para um contexto que todo mundo podia fazer. Claro, é mais complicada talvez a questão das minhocas e tudo o mais, mas a questão do lixo, de reduzir em pequenos detalhes que nem o restaurante faz... o programa trouxe coisas que são muito simples”.

A partir das respostas dos voluntários, é possível identificar que a narrativa utilizada no episódio analisado vem ao encontro do que propõe esta pesquisa: a utilização de uma abordagem mais amorosa sobre o meio ambiente e os problemas que ameaçam a vida. Essa reflexão foi realizada de forma mais aprofundada no capítulo 3 deste trabalho.

Quando os participantes A e B da pesquisa destacam que a abordagem sobre a temática ambiental proposta pelo programa foi “amigável” ou “não foi agressivo”, eles sinalizam que a narrativa conseguiu impactá-los, porém, de forma positiva. Desse

modo, o programa consegue cumprir com o seu papel de informar e conscientizar por meio de uma narrativa afetuosa. Essa prática tem sua importância dimensionada por Girardi (2018, p. 21): “Nesses tempos tão conturbados, em que a ameaça de danos ao meio ambiente é constante, o Jornalismo Ambiental é necessário para imprimir um olhar cuidadoso e comprometido com a defesa da vida em todas suas dimensões”.

Os voluntários C, D e E também citam que a abordagem foi “funcional”, “política” e que apontou “soluções”. Assim, o programa cumpre o objetivo de sinalizar caminhos para o problema em questão – nesse caso a gestão do lixo – vindo ao encontro do Jornalismo de Soluções, conceito que também foi explanado no capítulo 3. Os participantes citaram que o programa trouxe exemplos simples e factíveis para serem seguidos e que, o conteúdo, fez uma tentativa de olhar para o lado mais político da questão, porém, sem avançar muito na dimensão social. Nesse sentido, Belmonte (2004, p. 35) destaca que:

[...] diante da crise ecológica, a imprensa também precisa assumir responsabilidade de educar e transformar. O jornalismo ambiental não pode ser apenas informativo, tem de estar engajado em um modelo de vida sustentável do ponto de vista ecológico e social.

Assim, é possível dizer que o episódio analisado do programa *Cidades e Soluções* abordou assertivamente o tema lixo zero. O apresentador, por meio dos exemplos trazidos pelos entrevistados, conseguiu contemplar a importância de ampliar a consciência sobre a gestão dos resíduos, bem como as consequências resultantes da falta de boas práticas por parte dos cidadãos, das empresas e dos governantes.

6.2.3 Análise Comparativa

Para tornar mais clara a observação da ampliação de consciência que pode resultar de um conteúdo com as características semelhantes ao do material analisado, nesta etapa, será apresentada uma comparação entre as respostas dos próprios voluntários. Para esta análise focou-se em três aspectos contemplados nas perguntas dirigidas aos voluntários: mudança de comportamento com relação ao meio ambiente; análise das propostas dos candidatos às instâncias governamentais sobre o meio ambiente e percepção sobre o meio ambiente. As duas primeiras perguntas foram

aplicadas antes e após os voluntários terem assistido ao episódio do programa *Cidades e Soluções* que trouxe a temática Lixo Zero. A terceira pergunta foi realizada somente após a exibição do conteúdo.

6.2.3.1 Entrevistado A – Masculino – 37 anos

1) Você pretende modificar algum comportamento, para que seus hábitos se tornem mais sustentáveis e mais alinhados com o meio ambiente? Qual ou quais?

Antes do episódio: Eu já pensei. Daqui a pouco ainda mais na separação de lixo e ao cuidado com essa questão.

Após o episódio: Sim. Com relação ao [comprar] a granel. O pessoal mostrou muito ali que vai em um supermercado pra fazer algumas compras e não depende das embalagens convencionais, isso é uma coisa muito fácil de fazer. E também a questão do lixo seco. O próprio apresentador mostrou que tem um cantinho especial pra aquele tipo de lixo. Já se faz isso, mas acho que pode melhorar essa questão.

2) No momento da escolha de algum governante, você costuma avaliar/avaliará as propostas do candidato em relação ao meio ambiente?

Antes do episódio: Não. É um aspecto que eu acabo não observando com tanta ênfase quanto questões econômicas, questões sociais, alguns outros projetos ou propostas.

Após o episódio: Sim. Principalmente depois do questionamento, quando a minha resposta é em parte ou um pouco. Mas ao observar esse tipo de conteúdo e vinculado a esse tipo de pergunta sim, vale a pena e eu acho bem importante uma atenção maior sobre essas questões.

3) Sua percepção sobre o meio ambiente modificou de alguma forma? Por quê?

Após o episódio: Modifica cada vez que eu tenho esse contato. Eu sempre recebo um nível maior de atenção ou crio uma expectativa maior com relação ao alerta sobre isso, uma consciência ainda mais forte relacionada a questões de cuidado com o meio ambiente. Nesse caso, em especial, com o encaminhamento dos resíduos, então eu acho que muda sim.

6.2.3.2 Entrevistado B – Feminino – 24 anos

1) Você pretende modificar algum comportamento, para que seus hábitos se tornem mais sustentáveis e mais alinhados com o meio ambiente? Qual ou quais?

Antes do episódio: Aqui em casa a gente começou a fazer uma horta, então acho que isso vai ao encontro de tu se preocupar com o que tu consome. A gente também procura fazer coisas pra reaproveitar...

Após o episódio: Acho que já tinha lido sobre a questão da composteira ali, mas nunca cheguei a fazer e acho que de todos foi o que eu pensei assim: “meu Deus, é fácil de fazer e quero fazer”. E é superprodutivo, faz um ciclo legal.

2) No momento da escolha de algum governante, você costuma avaliar/avaliará as propostas do candidato em relação ao meio ambiente?

Antes do episódio: Sim, sempre avalio.

Após o episódio: Sim.

3) Sua percepção sobre o meio ambiente modificou de alguma forma? Por quê?

Após o episódio: Eu acredito que sim, porque ali ele fala muito de como a gente pode fazer o ciclo e devolver ao meio ambiente coisas simples, assim. Acho que a gente fala muito, tenta mudar, mas de fato não sei se a gente para pra analisar o quanto cada coisa impacta. Acho que a gente também não pesquisa muito se na tua cidade está sendo feito certo. Isso é uma coisa que a gente poderia buscar mais e até perguntar pra governantes, prefeito.

6.2.3.3 Entrevistado C – Masculino – 32 anos

1) Você pretende modificar algum comportamento, para que seus hábitos se tornem mais sustentáveis e mais alinhados com o meio ambiente? Qual ou quais?

Antes do episódio: Já pensei dos plásticos, da energia solar e da alimentação. São as três coisas principais que eu vi que posso mudar no micro, fazer a minha parte para cuidar do meio ambiente no geral.

Após o episódio: Eu acho que o principal aqui é a divisão do lixo. A gente tem aquela divisão na cozinha, um lixo para o orgânico e outro para o seletivo, mas acho que dá para ser mais bem selecionado. São hábitos que tu tem que ficar reforçando.

2) No momento da escolha de algum governante, você costuma avaliar/avaliará as propostas do candidato em relação ao meio ambiente?

Antes do episódio: Não fiz isso até hoje

Após o episódio: Pretendo, porque é importante, porque a gente tem esse exemplo agora em relação ao maio ambiente, eles estão realmente fazendo o que querem. A gente tem que pensar a nível municipal, a nível estadual e a nível federal também. Olhar isso tudo. Então, com certeza vou olhar o que falam e o que deixam de falar, isso também é importante.

3) Sua percepção sobre o meio ambiente modificou de alguma forma? Por quê?

Após o episódio: Ela reforçou a ideia do número de coisas que eu posso fazer. Ela abriu um leque de opções, às vezes de lembrar ou de apresentar uma possibilidade nova do que eu posso fazer. Acho que ele abriu as opções pra dizer “não é só salvar a Amazônia”, é tu ter as “minhoquinhas em casa”. É isso que eu levo depois do programa, essas pequenas atitudes que dá pra gente fazer.

6.2.3.4 Entrevistado D – Feminino – 23 anos

1) Você pretende modificar algum comportamento, para que seus hábitos se tornem mais sustentáveis e mais alinhados com o meio ambiente? Qual ou quais?

Antes do episódio: Tenho pensado também na questão de, cada vez mais, tentar pegar menos plástico e isso eu vejo muito a questão de feira, mercado, coisas muito básicas. E passou pela cabeça, a um tempo atrás, a voltar consumir agricultura orgânica porque teve uma época da minha vida que foi quando eu estava na França, morando com a minha tia e aí ela estava nessa lógica de consumo orgânico. A própria produção é muito diferente. Respeita a fase dos alimentos, não tem agrotóxico, tem toda uma questão que também faz bem pra nossa saúde.

Após o episódio: Eu fiquei pensando, como comentei, na questão do lixo orgânico. Tentar, de alguma forma, fazer um reaproveitamento melhor disso. E assistir a esse conteúdo me lembrou que, ultimamente, a gente tem desperdiçado muita comida aqui em casa. E isso tem me incomodado, até uma coisa que eu estava comentando com a minha mãe, porque a gente nunca gostou de jogar fora. E a questão do jogar fora tem muito mais uma questão social do que de meio ambiente envolvida. Tem gente passando fome e a gente está jogando comida fora porque não consumiu a tempo. Mas, depois de assistir o episódio e ver essa questão do lixo orgânico e tudo, isso me lembrou de novo essa questão do tanto de coisa que a gente está jogando fora e que não deveria. Então, acho que me fez pensar e rever de novo essa questão, conversar com a minha mãe pra gente cozinhar menos, menor quantidade pra dar o suficiente pra nós duas e não sobrar pra não acabar estragando.

2) No momento da escolha de algum governante, você costuma avaliar/avaliará as propostas do candidato em relação ao meio ambiente?

Antes do episódio: Eu acho que dentro das pautas que são minhas prioridades, o meio ambiente não ocupa as primeiras posições. Tem várias coisas que eu observo muito antes de decidir se eu votar em alguém ou não. Mas, dentro do todo, sim, é uma questão que eu observo.

Após o episódio: Não sei se vai mudar o nível de eu levar muito isso em consideração em contrapartida de outros pontos. Eu acho que tem outros pontos que são mais importantes pra mim, mas, sim, é uma coisa que eu acho relevante observar mais, que eu tenho observado pouco talvez.

3) Sua percepção sobre o meio ambiente modificou de alguma forma? Por quê?

Após o episódio: Depois de assistir, tu lembra alguns fatores, algumas ações. Eu volto ali na questão do consumo orgânico, porque realmente me chamou muito a atenção, porque meu foco estava muito no reciclável. A percepção da importância, de hábitos continua a mesma, mas esse ponto me saltou.

6.2.3.5 Entrevistado E – Feminino – 22 anos

1) Você pretende modificar algum comportamento, para que seus hábitos se tornem mais sustentáveis e mais alinhados com o meio ambiente? Qual ou quais?

Antes do episódio: Sim, eu vi uma ideia muito legal que é pegar o lixo orgânico e não descartar ele em sacolas plásticas. Tu pega o teu lixo e despeja no lixo da tua rua ao invés de gerar uma sacola plástica pra jogar no lixo. A mesma coisa com o seletivo, tu leva o teu lixo até o lixo e descarta lá ao invés de ficar gerando saco plástico.

Após o episódio: Sim. Pretendo começar a usar menos sacolas plásticas no lixo, porque o documentário mostrou que não adianta a gente colocar o lixo nas sacolas plásticas porque eles vão ter que tirar isso, os catadores em fim, quem organiza isso. E acho que em hábitos pequenos também do que a gente vai comprar no supermercado.

2) No momento da escolha de algum governante, você costuma avaliar/avaliará as propostas do candidato em relação ao meio ambiente?

Antes do episódio: Não.

Após o episódio: Sim. Me chamou bastante a atenção isso.

3) Sua percepção sobre o meio ambiente modificou de alguma forma? Por quê?

Após o episódio: Em questão da onde eu me encontro e a questão do nosso País, não. Porém ali que mostrou em outros países a adaptação do lixo zero me chamou a atenção que tem sim como.

Ao observar as comparações das respostas, de modo geral é possível fazer dois apontamentos: que a ampliação de consciência varia de acordo com cada pessoa e que todas reavaliaram os hábitos de vida que podem ser modificados para ações mais factíveis. Por exemplo, o voluntário A acrescentou um comportamento que pode ser adotado para diminuir a produção de lixo. Depois que ele assistiu ao episódio, ele reforçou a percepção de que pode melhorar a prática da separação de lixo. Ele também salientou que a percepção sobre o meio ambiente sempre muda após o contato com conteúdos semelhantes:

“Eu sempre recebo um nível maior de atenção ou crio um expectativa maior com relação ao alerta sobre isso, uma consciência ainda mais forte relacionada a questões de cuidado com o meio ambiente”. (VOLUNTÁRIO A)

A voluntária B, que já adota algumas práticas sustentáveis, afirmou que, após assistir ao programa, percebeu que pode incorporar mais um hábito no seu dia a dia em prol do meio ambiente. Ela despertou para uma ideia que já conhecia, mas que com o programa viu que é fácil de fazer:

“Acho que já tinha lido sobre a questão da composteira ali, mas nunca cheguei a fazer e acho que de todos foi o que eu pensei assim: ‘meu Deus, é fácil de fazer e quero fazer’. E é superprodutivo, faz um ciclo legal”. (VOLUNTÁRIA B).

Ela também salientou que passou a refletir sobre os impactos que as pequenas ações realmente geram no planeta. Para o voluntário C, a ampliação de consciência resultou em rever ações factíveis do dia a dia, como a separação de lixo. Antes de assistir ao episódio, ele se propôs a mudar hábitos um pouco mais distantes ou que levariam mais tempo, como aderir à energia solar ou mudar a alimentação para barrar a ingestão de carne. Após assistir ao programa, ele recordou e afirmou que iria rever a prática da separação dos lixos seletivo e orgânico, para melhorar o procedimento. Ele voltou a citar o despertar para as pequenas atitudes e perceber o meio ambiente dentro de casa na resposta sobre a mudança de percepção referente ao tema:

“Acho que o programa abriu as opções pra dizer ‘não é só salvar a Amazônia’, é tu ter as ‘minhoquinhas em casa’. É isso que eu levo depois do programa, essas pequenas atitudes que dá pra gente fazer”. (VOLUNTÁRIO C).

Para a voluntária D, o programa contribuiu para a percepção de uma prática diária que pode ser modificada para evitar desperdícios, principalmente, de alimentos. Ela relatou:

“[...] depois de assistir o episódio e ver essa questão do lixo orgânico e tudo, isso me lembrou de novo essa questão do tanto de coisa que a gente está jogando fora e que não deveria”. (VOLUNTÁRIA D).

Para a voluntária E, o programa contribuiu no sentido de reforçar a ideia de uma ação que ela já tinha visto para diminuir a produção de sacolas plásticas. Ao assistir o episódio ela afirmou que iria começar a implementar o hábito de descartar o lixo sem sacolas plásticas. A voluntária ainda disse que irá rever os hábitos de consumo, principalmente, relacionado a embalagens. Quanto à percepção em relação ao meio ambiente ela afirmou, após assistir ao episódio, que ver a implementação da política lixo zero em outros países mostrou que a ideia é factível.

Outro ponto interessante é que, com exceção da voluntária B, todos os demais entrevistados afirmaram que nas próximas eleições de governantes, eles irão avaliar as propostas ambientais dos candidatos, em algum nível. A entrevistada D, por exemplo, admitiu que a questão ambiental não será prioridade nos critérios de escolha, mas que passará a averiguar esse aspecto das propostas. Esse é um dado interessante e que demonstra o potencial do jornalismo para contribuir com a ampliação de consciência político-ambiental também.

Assim, essa análise reafirma os conceitos explanados no capítulo 4 desta monografia, que relaciona a ampliação de consciência com a prática jornalística. Nessa interface é preciso levar em consideração o fator cultural. Como consta no capítulo citado, a comunicação se configura como um processo fundamental para que os seres possam estabelecer relações baseadas em procedimentos pautados em valores, crenças, visões ou até mesmo instintos comuns. É nesse campo ecossocial, permeado pelas questões culturais e subjetivas, que se estabelece a consciência de ordem superior, também chamada por Capra (2010) de “consciência reflexiva”. Por fim, é na elaboração dessa consciência que a humanidade poderá mudar os rumos de suas ações e traçar estratégias de sobrevivência a partir da preservação da vida em todas as instâncias.

6.3 ENTREVISTA COM ANDRÉ TRIGUEIRO

Para aprofundar o entendimento sobre quais aspectos do programa *Cidades e Soluções* podem se constituir como dispositivos de ampliação de consciência ambiental, esta pesquisa também traz uma entrevista com o idealizador, apresentador e Editor-chefe do programa, André Trigueiro. Durante o diálogo entre a pesquisadora e o jornalista, também foram abordados aspectos do Jornalismo Ambiental, como o seu papel na sociedade e desafios. A entrevista, realizada em formato de áudio, por

meio da plataforma *Google Meet*, teve duração de 43'17". Alguns trechos do diálogo são apresentados no subcapítulo a seguir.

6.3.1 Decupagem da entrevista com André Trigueiro

1) O Cidades e Soluções foi concebido sob qual alicerce? Quais são os principais objetivos, finalidades e missão do programa?

O programa nasceu, na verdade, de uma série de três episódios que tinham o propósito de mostrar soluções sustentáveis que melhorassem a qualidade de vida das pessoas sem gerar impactos ambientais. Esses três programas foram muito bem-sucedidos e inspiraram, portanto, durante mais de 13 anos até aqui, essa participação na grade da GloboNews. É uma pauta muito aberta. Ela tem várias possibilidades de cobertura dos mais diferentes assuntos, mas o eixo da linha editorial é como a gente pensa a aplicação de políticas públicas, ou planejamento estratégico do setor privado, ou exemplos de iniciativas individuais, ou de um grupo de moradores, ou de uma ONG, ou um pensador que traz uma ideia que tem inspirado parcelas da sociedade a fazer alguma coisa diferente na direção dessa cultura sustentável. O programa procura, de alguma maneira, apontar caminhos, sinalizar rumo e perspectiva, ser vitrine de soluções inteligentes que, a um só tempo, melhorem a qualidade de vida das pessoas e promovam uma relação de equilíbrio e de harmonia com o meio ambiente.

2) Quais são os elementos que vocês buscam agregar ao programa, para além do jornalismo tradicional, para que ele seja um dispositivo de ampliação de consciência?

A pauta é muito diversa e a gente procura ser interessante. Não faria sentido numa TV comercial fazer algo que não tivesse uma roupagem interessante. A gente usa os recursos da televisão, sejam eles estéticos... Então a gente está falando de uma forma de apresentar as soluções na rua ou no estúdio que possam, de alguma maneira, ser atraentes até pra quem não é particularmente interessado nesse assunto. Não pode ser um programa nichado. Ele não pode ficar restrito apenas a quem se declare ambientalista, ou seja, uma pessoa que tenha curiosidade, afinidade, identificação com o tema. A gente procura de fato ser atraente, ser interessante para um amplo contingente de pessoas que não, necessariamente, têm esse perfil. Então, mostrar soluções no Brasil e no mundo, mostrar soluções que as pessoas percebam

a importância, a utilidade a pertinência. Porque, o que significa fazer televisão e ser jornalista nesse momento da história? Nós experimentamos uma crise ambiental sem precedentes na história da humanidade! O jornalismo, se ele tem a pretensão de mostrar o que é notícia, ele não pode ignorar esse senso de urgência! A gente está falando de um planeta que tem se tornado progressivamente hostil à nossa presença por hábitos, comportamentos, estilos de vida e padrões de consumo da nossa espécie. Então se hoje, a gente tem claramente demonstrado pela comunidade científica e acadêmica que temos um clima que está se modificando a partir da elevação da temperatura média do planeta, com todas as implicações disso sobre a nossa saúde, sobre nossa segurança, sobre nossa resiliência, temos culpa no cartório. Todo o repertório de soluções para atenuar impactos causados por nós e que já são visíveis e mensuráveis, entra nesse universo, eu diria quase inesgotável, de possíveis pautas para o *Cidades e Soluções*.

3) O Jornalismo de Soluções propõe uma abordagem que busca apontar caminhos para a sociedade. Esse é um modo de atuação/operação interessante na perspectiva do Jornalismo Ambiental, fazendo contraponto ao jornalismo que apenas denuncia?

É uma missão do jornalismo. As duas asas que norteiam a atividade jornalística e que prestam equilíbrio ao voo são: denunciar o que é um problema, em qualquer ordem de grandeza – corrupção, improbidade, irresponsabilidade, violência, ilegalidades – nesse sentido o trabalho do jornalista por vezes se confunde com o da polícia ou do Ministério Público; e a outra asa é ser vitrine de soluções, ser plataforma de lançamento de ideias fecundantes de um novo mundo, melhor e mais justo, inclusivo, sustentável, ético; que procure equacionar problemas, por vezes, até antigos e até hoje não resolvidos, que dizem respeito à nossa espécie. Especialmente em tempos de crise, eu não consigo imaginar um jornalismo de verdade que se atenha apenas a dizer que está tudo errado, que isso não funciona, que esse governo é corrupto, que esse empresário é inescrupuloso, que tá poluindo isso, que tá fazendo errado aquilo. O jornalismo não se resolve bem na agenda “denuncista”, apenas. Ele precisa ser vitrine, *showroom* de soluções. Ele precisa sinalizar e apontar caminhos, ele precisa inspirar as pessoas e isso faz toda a diferença, especialmente em tempos de crise. E quanto mais aguda for a crise, mais referencial é esse ofício. Eu tenho enorme apreço e orgulho dessa profissão.

4) Vocês já obtiveram retornos de mudanças que ocorreram, tanto em uma organização, cidade ou até mesmo na vida de uma pessoa, com relação aos hábitos sustentáveis, por conta do programa Cidades e Soluções?

O ex-ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, declarou certa vez numa rede social, quando era ministro, que duas políticas públicas implementadas por ele tiveram origem em programas que ele assistiu do *Cidades e Soluções*. Me lembro de um empresário, que também fez chegar a mim a informação, de que projetou um sistema de coleta de água da chuva sobre um telhado gigantesco de uma rodoviária a partir de um programa em que nós mostrávamos diferentes resoluções de projetos com esse escopo. Uma professora do Sul do Brasil, durante muito tempo manteve contato comigo e eu me interessei pelo trabalho dela, porque ela gravava o *Cidades* para exibir em sala de aula e transformou o programa em um projeto pedagógico. E ela mandava pra mim fotos da turma, dos cadernos com os desdobramentos de exercícios e práticas que ela desenvolveu em sala de aula. São alguns exemplos que me parecem bem reveladores de como a mídia tem essa função também. São muitas as histórias de como uma simples reportagem, de como um depoimento de uma pessoa no meio de um programa de 23 minutos, dá um clique na cabeça de alguém e, dependendo da disposição, da vontade e do desejo desse alguém, você opera mudanças estruturais. Você muda muita coisa.

5) O Jornalismo Ambiental no Brasil ainda está muito aquém de propagar as informações necessárias para contribuir com mudanças efetivas de práticas relacionadas ao meio ambiente?

Existe o Jornalismo Ambiental *stricto sensu*. Que é um Jornalismo que se auto declara Jornalismo Ambiental. Ele é um trabalho de militância e de luta pra tentar denunciar mazelas, horrores que afrontam a qualidade de vida, saúde, meio ambiente... É um jornalismo quase de guerrilha, ele é nichado, ele é contundente e ele tenta cumprir essa função. Esse jornalismo está à míngua no Brasil, sempre foi difícil fazer isso, mas os colegas que estão envolvidos nesse trabalho se ressentem muito da falta de apoio e, por vezes, se deparam com a situação chata de você perder a autonomia editorial por ter um apoiador que, eventualmente, pode estabelecer algum tipo de limitação no raio de abrangência do teu jornalismo. Essa é uma faceta do Jornalismo Ambiental. A outra, que eu não consideraria propriamente um Jornalismo Ambiental, e me situo nessa segunda categoria, é de um jornalismo que

está antenado com o mundo de hoje! Se estamos num mundo com a configuração que descrevi há pouco, que experimenta uma crise sem precedentes na área ambiental, na história da humanidade, esse jornalismo tem que ser coerente com o registro dos fatos relevantes, de interesse público de hoje. Esse jornalismo sim, desde o período que eu comecei a atuar com mais consistência, lá se vão 30 anos, eu vi vários espaços se abrirem, inclusive, por exemplo, num noticiário eminentemente econômico você vai ver revistas ou jornais, aqui no Brasil o *Valor Econômico*, lá fora o *The Economist*, você vai ver um gênero nichado, mais voltado pro mercado, que não pode deixar de falar no meio ambiente. Então, me parece um grande desafio a gente não atrelar a pauta ambiental à desastre, porque aí você não precisa mendigar espaço. Quando tem queimada na Amazônia, Pantanal destruído, uma baleia linda que apareceu na orla, enfim, o que é desastre ou é excêntrico, isso você não precisa perder tempo pra abrir espaço no noticiário pra mostrar. O grande desafio, ao meu ver, está em abrir espaço no noticiário pra mostrar o que importa pra falar, mostrar, exibir que tenha relevância na construção de uma nova cultura, porque, isso não é fácil, e com a roupagem de notícia. São desafios do jornalismo antenado com o meio ambiente, seja ele nichado, o Jornalismo Ambiental, ou um jornalismo que aborda os temas ambientais, porque é um bom jornalismo. Um jornalismo que não deixa de considerar a relevância e a urgência desse tema.

6) Em um geral, as universidades estão preparando bons profissionais, jornalistas capacitados para abordarem temas ambientais ou precisam rever seus métodos de ensino?

Eu já acompanhei com mais atenção a dinâmica das universidades espalhadas pelo Brasil sobre esse assunto. Não creio que tenho informação *up to date*²⁵ para te dar sobre esse tema. Agora, até aonde me é possível acompanhar, eu acho que a gente está muito aquém. Existem experiências interessantes e bem-sucedidas: a PUC do Rio, aonde eu leciono; a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a professora Ilza Girardi; a Universidade de Brasília tem experiências interessantes nesse sentido... Eu, sinceramente, acho que o desafio na área da Comunicação é imenso, porque quem ingressa na faculdade de Comunicação se depara com plataformas novas de comunicação que desafiam até o curso. Comunicação é uma

²⁵ Expressão em inglês que em português significa “atualizado”, “recente”. Informação extraída do Dicionário On-line de Cambridge. (DICTIONARY.CAMBRIDGE, 2021).

área que, são várias revoluções num intervalo muito pequeno de tempo e a questão ambiental talvez, é uma hipótese, que também tem sofrido sucessivos processos de prestígio e importância, mas sem a correspondência acadêmica na faculdade de Jornalismo. Não vejo, e isso por exemplo na maioria dos cursos, me parece, ainda não é uma disciplina obrigatória, quando muito aparece como disciplina eletiva. Isso é um indicador de que o assunto não aterrissou como deveria nessa área do conhecimento.

7) Quais são os principais aspectos que um jornalista que quer trabalhar com a área ambiental precisa observar durante a sua formação e, após, no dia a dia da profissão?

Inevitavelmente essa é uma área que cresce em importância e prestígio dentro da Comunicação, e isso, a reboque de uma crise que vem se agravando. O Brasil experimenta uma brutal escassez de água nos reservatórios e isso já determinou a elevação da tarifa de energia. Uma estiagem recorde jamais vista no estado do Paraná. O reservatório do Cantareira, em São Paulo, que abastece 6 milhões de paulistanos em nível preocupante, que isso gere a possibilidade de se repetir a crise hídrica de 2014, na maior cidade do Brasil. Porque dinheiro não compra água, não adianta, se você não fizer o dever de casa não adianta. O Jornalismo Ambiental, ele, por todos esses motivos... Quando a gente vê a campanha do Biden, que se elegeu presidente nos Estados Unidos, com uma ênfase sem precedente na questão climática. E agora que ele se elegeu, uma fortuna, bilhões de dólares pra reduzir emissões de gases de efeito estufa nos Estados Unidos, pra eletrificar a frota de veículos, e por aí vai. Isso é noticiário, isso é todo o dia. Agora, um jornalista, que nesse momento não esteja minimamente informado sobre esses assuntos – clima, água, lixo, floresta – replicará na profissão o analfabetismo ambiental e isso é péssimo. Você não conseguirá fazer um bom trabalho não tendo uma mínima base para discorrer sobre esses temas, fazer prospecção de pauta, descobrir quais são as histórias relevantes sobre esse assunto, os bastidores de certas questões, quem merece credibilidade, como eu corro atrás da informação. Tudo isso, cada vez mais, eu não tenho dúvida alguma, torna-se mais relevante, demandante de mais espaço, demandante de mais capacitação. Então, o que eu acho é que a gente precisa sempre estar antenado com a ciência. Falar de meio ambiente exige, em primeiro lugar, abertura pra compreender o que vem da ciência, porque é a ciência que vai medir,

aferir, embasar, fundamentar diagnósticos que emprestam sentido à palavra crise. Não é no “olhômetro” que a gente vai perceber uma crise ambiental sem precedentes na história. São dados, são fatos mensuráveis e aferíveis, então a gente precisa ter atenção com a ciência, ter fonte na comunidade científica, entender o que eles estão dizendo, porque cientista nem sempre se comunica bem, e transmitir essa informação para o grande público. Então a gente precisa ter informação. Nessa, como em outras áreas do conhecimento, nunca deixamos de aprender. Desde que eu comecei nessa história, eu nunca deixei a condição de aprendiz. A ciência climática há 30 anos era uma, hoje é outra. É lindo isso, porque, ninguém é especialista em meio ambiente. O meio ambiente é absolutamente vasto, complexo e multidisciplinar. Todos somos aprendizes, todos! E a geração de vocês, me parece, tem uma situação de vantagem em relação aos mais velhos, pela maneira com que vocês têm mais destreza para realizar pesquisas, fazer contatos, descortinar conhecimentos em diferentes fontes, em diferentes lugares, mas tem que arregaçar a manga e correr atrás. Jornalista não tem nada na mão, o jornalista não sabe nada! Ele precisa ter fontes. Nisso se resume o ofício do jornalista: nós somos contadores de histórias que precisamos de fontes, precisamos ter o cuidado de checar sempre e de deixar claro, pelo menos na cobertura de assuntos ambientais, que o meio ambiente é um assunto que perpassa, indistintamente, todas as áreas do saber e do conhecimento; todas as bandeiras ideológicas e políticas, não importa se é direita, centro ou esquerda: o papo aqui é sobrevivência! Então, se você quer ter saúde, longevidade, qualidade de vida nesse planeta, independentemente da posição política e ideológica, é importante a gente entender a urgência da mudança e o jornalismo pode contribuir pra isso.

6.3.2 Análise da entrevista com André Trigueiro

Em resposta ao primeiro questionamento, André Trigueiro aponta qual foi o núcleo fundante do programa *Cidades e Soluções*. Uma série de reportagens especiais com foco no tema sustentabilidade deu origem a um programa periódico, integrante da grade de programação de uma das maiores emissoras do País, na TV por assinatura – a GloboNews. Conseguir espaço em um grupo de comunicação essencialmente comercial pode ser compreendido como um grande feito e um ganho para a cobertura da temática ambiental no Brasil. Na entrevista, Trigueiro também salienta as características do Jornalismo de Soluções presentes no conteúdo: “O

programa procura, de alguma maneira, apontar caminhos, sinalizar rumo e perspectiva, ser vitrine de soluções inteligentes que, a um só tempo, melhorem a qualidade de vida das pessoas e promovam uma relação de equilíbrio e de harmonia com o meio ambiente". Essa visão corrobora com a função do jornalismo no contexto urbano descrita por Belmonte (2004), no capítulo 3 desta pesquisa: "Os veículos de comunicação devem fazer campanhas públicas, informar sobre novos estilos de vida, abrir espaço para idéias alternativas, cobrar soluções criativas do poder público. Também é função da imprensa melhorar a qualidade de vida nas cidades". (BELMONTE, 2004, p. 35-36)

Na segunda resposta, Trigueiro aponta que os conteúdos jornalísticos, principalmente os que tratam da temática ambiental, precisam ser atraentes para cumprir com sua função. Ele ainda salienta o desafio de fazer com que os assuntos abordados sejam relevantes "*[...] até pra quem não é particularmente interessado nesse assunto*". Essa reflexão converge com o desafio da televisão, explanado no capítulo 3 deste trabalho, que é o de captar a atenção do telespectador. Assim, Fischer (2001) salienta que são selecionados personagens, imagens, enfoques, linguagem e sons para obter a atenção e interação do público. Trigueiro também faz o questionamento de qual é o papel do jornalista diante de uma crise ambiental sem precedentes e salienta que estes profissionais não podem se eximir diante dos acontecimentos. "*Então, se hoje a gente tem claramente demonstrado pela comunidade científica e acadêmica que temos um clima que está se modificando a partir da elevação da temperatura média do planeta, com todas as implicações disso sobre a nossa saúde, sobre nossa segurança, sobre nossa resiliência, temos culpa no cartório*". Dessa forma, diante da urgência do tema, o entrevistado corrobora com o pensamento de Detjen (2002 apud GERAQUE, 2018, p. 44), demonstrado no capítulo 4 desta pesquisa, de que: "Aumentar a cobertura de soluções promissoras que possam resolver a complexidade dos problemas ambientais é um dos caminhos".

Questionado sobre a presença do Jornalismo de Soluções no contexto ambiental, Trigueiro defende que esta é uma missão que os profissionais têm no contexto atual de um mundo complexo e mergulhado em crises. Ele ainda salienta que o importante é buscar o equilíbrio entre a denúncia das irregularidades e os apontamentos das soluções para os problemas em questão. "*O jornalismo não se resolve bem na agenda 'denuncista', apenas. Ele precisa ser vitrine, showroom de soluções. Ele precisa sinalizar e apontar caminhos, ele precisa inspirar as pessoas e*

isso faz toda a diferença, especialmente em tempos de crise”. É nesse aspecto que Loose e Moraes (2018, p. 122) destacam que:

Soma-se a isso a preocupação em humanizar o Jornalismo, trazendo o assunto sob uma perspectiva socioambiental, que reflita as implicações da relação humanidade-natureza. A perspectiva local, a indicação de soluções ao alcance das pessoas e a gravidade do problema precisam sempre estar presentes. Mais importante do que reportar riscos é mostrar formas de enfrentá-los.

Na resposta ao quarto questionamento, Trigueiro elenca alguns exemplos de como o programa *Cidades e Soluções* influenciou a implementação de políticas públicas e foi inspiração para projetos sustentáveis e pedagógicos. Ele também destacou um aspecto importante do jornalismo, que é a capacidade de realmente ampliar a consciência das pessoas para mudanças efetivas: *“São muitas as histórias de como uma simples reportagem, de como um depoimento de uma pessoa no meio de um programa de 23 minutos, dá um clique na cabeça de alguém e, dependendo da disposição, da vontade e do desejo desse alguém, você opera mudanças estruturais. Você muda muita coisa”*. Nesse sentido, complementando a ideia de Trigueiro, Girardi (2018, p. 21) ressalta que: *“O Jornalismo exerce um papel social fundamental na informação e formação do cidadão, disponibilizando a este ferramentas para atuar na defesa de seus interesses e também dos interesses da sociedade”*.

Trigueiro faz, na resposta da pergunta seguinte, uma distinção do Jornalismo Ambiental a partir de duas linhas de atuação: o jornalismo nichado e o jornalismo mais abrangente, que correlaciona diferentes áreas. Independentemente da vertente de atuação, ele afirma: *“O grande desafio, ao meu ver, está em abrir espaço no noticiário pra mostrar o que importa pra falar, mostrar, exibir o que tenha relevância na construção de uma nova cultura, porque, isso não é fácil, e com a roupagem de notícia”*. O desafio que o Jornalismo Ambiental enfrenta para ser incluído nos veículos de comunicação também consta no capítulo 3 desta pesquisa, no trecho em que Belmonte (2004) argumenta que a cobertura ambiental carece desse espaço, seja para falar dos problemas encontrados na zona urbana, seja para mostrar as soluções sustentáveis que já existem.

André Trigueiro, além de jornalista, também tem uma trajetória profissional como professor universitário. Questionado sobre a formação de novos jornalistas com

ênfase e preparo para atuar com o Jornalismo Ambiental, ele afirmou ter a impressão de que esse aspecto ainda carece de atenção, no Brasil: “[...] *a questão ambiental talvez, é uma hipótese, que também tem sofrido sucessivos processos de prestígio e importância, mas sem a correspondência acadêmica na faculdade de Jornalismo*”. Sobre esse aspecto, Girardi (2018) também destaca a importância da formação de jornalistas para exercer o ofício:

Assim, retomamos a importância da formação nos Cursos de Jornalismo, que deveriam preparar os futuros profissionais para lidar com os grandes problemas da sociedade. A questão ambiental, cada vez mais premente devido aos conflitos atuais, não deve ser ignorada. (GIRARDI, 2018, p. 21)

Na última questão, Trigueiro falou sobre as perspectivas e desafios para os profissionais que pretendem atuar com foco no Jornalismo Ambiental. Ele destacou que, no atual contexto, são inúmeros os desafios, mas que qualquer profissional jornalista precisa estar minimamente inteirado com as questões ambientais, dado o curso da crise climática que coloca em risco a vida na Terra. Trigueiro salientou que:

“[...] um jornalista, que nesse momento não esteja minimamente informado sobre esses assuntos – clima, água, lixo, floresta – replicará na profissão o analfabetismo ambiental e isso é péssimo. Você não conseguirá fazer um bom trabalho não tendo uma mínima base para discorrer sobre esses temas [...]”.

Nessa perspectiva, como citado no capítulo 3 deste trabalho, Capra (2012) destaca que os jornalistas precisam desenvolver uma ética baseada na consciência social e ecológica, a partir de um pensamento holístico e não fragmentado.

Trigueiro ainda destaca que, referente aos assuntos ambientais, os jornalistas precisam estar sempre atentos aos dados e indicativos apontados pela ciência, bem como preparados para traduzir as informações vindas deste segmento para o grande público. Ele, ainda, reforça o papel do jornalismo que é contar histórias a partir de fatos e com a checagem de informações. Trigueiro também coloca como um papel do jornalismo a missão de ajudar a sociedade a compreender que a questão ambiental perpassa todos os setores sociais e dimensões da vida. Ele finaliza reforçando que para *“... ter saúde, longevidade, qualidade de vida nesse planeta, independentemente da posição política e ideológica, é importante a gente entender a urgência da mudança*

e o jornalismo pode contribuir pra isso". Por fim, essa visão corrobora com o pensamento de Girardi (2018) de que o jornalismo deve defender a vida em sua plenitude posicionando-se a partir do seu papel educativo, cidadão e transformador.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Há algo infinitamente curativo nos refrões repetidos da natureza: a garantia de que o amanhecer vem depois da noite e a primavera depois do inverno”.

Rachel Carson

A constatação primeira ao chegar ao final desta pesquisa se refere à urgência das mudanças necessárias no modo de vida - baseado no consumo e descarte – adotado por grande parte da população mundial que mora nas cidades. Quando a humanidade se depara com uma crise, o primeiro ímpeto é procurar soluções para aquele problema. A crise ambiental, porém, fica à margem de discussões econômicas, sociais, culturais e dos interesses das lideranças mundiais. Por mais que haja congressos, fóruns, cúpulas, assinaturas de acordos ou adoção de agendas globais com perspectivas sustentáveis – como apresentada nesta pesquisa, a *Agenda 2030* – as ações ainda ficam aquém do necessário e do debate público.

Nesse sentido, o Jornalismo pode contribuir para que a pauta ambiental se aproxime da sociedade, demonstrando que não há separação entre o ser humano e natureza e que o meio ambiente se trata do local no qual estamos inseridos. É o jornalista que tem a missão de fazer emergir assuntos que não são debatidos por governos e pela sociedade em geral - seja por interesses ou por negligência - para que eles possam ganhar visibilidade ou, até mesmo, serem inseridos na agenda pública. Para alcance de tal objetivo é preciso que as narrativas jornalísticas possam ser conduzidas de forma que produzam sentido. Isso significa que, para determinado tema reverberar na sociedade em forma de diálogo ou ações concretas, ele precisa adquirir relevância para a vida das pessoas, tocar os afetos.

Para exemplificar esse tipo de narrativa, a pesquisa selecionou como objeto de estudo o programa *Cidades e Soluções*, que trata de pautas baseadas em iniciativas sustentáveis criadas pela sociedade civil, organizações ou governos no meio urbano. Assim, o objetivo principal do estudo foi identificar quais são os elementos da narrativa jornalística do programa *Cidades e Soluções* que se configuram como dispositivos de ampliação de consciência em relação ao meio ambiente. Com esse ponto de partida, a trilha investigativa se ramificou em diversas reflexões aprofundadas por meio da

revisão bibliográfica. Nessa etapa, buscou-se a contribuição de autores para os temas: Jornalismo Ambiental; a função ecossocial do jornalismo; Jornalismo de Soluções; as narrativas jornalísticas na TV; Ecologia Profunda; visão sistêmica no jornalismo; a vida nas cidades e o histórico do programa *Cidades e Soluções*.

Este percurso investigativo guiou-se pela Cartografia de Saberes (BAPTISTA, 2014), que situa o pesquisador como sujeito do processo, abrindo possibilidades de acesso a conhecimentos entremeados no “chão de fábrica”, que é a própria vida. Nessa perspectiva, o estudo também contempla subjetividades da pesquisadora e dos sujeitos que participaram do estudo, bem como sinalizadores de vivências para além das diretrizes traçadas na metodologia. Quanto à análise dos dados de campo, foi utilizado o procedimento proposto por Bardin (2016) de Análise de Conteúdo. Nesse aspecto, também foram realizadas algumas adaptações pela pesquisadora para que o método atendesse aos preceitos da Pesquisa Qualitativa – viés sob o qual se desenvolveu este estudo.

A partir dessa configuração, foi realizada a decupagem de um dos episódios do programa *Cidades e Soluções*, intitulado “Lixo Zero – a reciclagem que reduz o lixo em até 90%”. Para auxiliar na identificação dos elementos presentes na narrativa do programa que podem contribuir com a ampliação de consciência sobre o meio ambiente, também foi realizada uma entrevista com cinco voluntários. Os participantes responderam a questões sobre a relação deles com o meio ambiente, sobre o entendimento referente ao tema e sobre as impressões acerca do episódio do programa *Cidades e Soluções* que eles assistiram. Após esse procedimento foi realizada análise propriamente dita do programa e cruzamento de informações obtidas nas entrevistas com os voluntários e na revisão bibliográfica.

Assim foi possível constatar que o programa *Cidades e Soluções*, exemplificado nesta pesquisa por meio do episódio “Lixo Zero – a reciclagem que reduz o lixo em até 90%”, é permeado por dispositivos que tendem a contribuir para a ampliação de consciência ambiental dos telespectadores. Por meio do relato dos voluntários foi possível identificar quatro elementos principais que atuam nessa mudança de percepção: a linguagem simples e coloquial; a abordagem “amigável” sobre o tema ambiental; imagens chamativas e interessantes e a apresentação, por meio de exemplos de pessoas “comuns”, de soluções fáceis de serem implementadas pelo público em geral. Aqui, cabe destacar que esses elementos fazem parte da estrutura do programa *Cidades e Soluções*, portanto, também estão presentes em

outros episódios. A pesquisa fez a seleção de uma pequena parte da amostra, que consiste em mais de 400 edições do programa que está no ar desde outubro de 2006 até o momento da realização desse estudo.

Após assistir ao episódio selecionado do programa, todos os participantes manifestaram inclinação para modificar alguns hábitos ou aprimorar práticas já adotadas em prol do meio ambiente. A maioria também relatou que ficará mais atenta às questões políticas relacionadas ao meio ambiente. Dessa forma, o programa cumpre com a premissa do Jornalismo Ambiental defendida por Girardi (2018), Belmonte (2004) e Trigueiro (2012), que, além de denunciar os problemas, precisa apontar para soluções e atuar na educação da sociedade para um modo de vida mais sustentável. Esta pesquisa também salientou que a dimensão educativa é atribuída aos meios de comunicação pela Lei Nº 9.795/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental. No artigo 3º, inciso IV a lei institui que cabe “aos meios de comunicação de massa, colaborar de maneira ativa e permanente na disseminação de informações e práticas educativas sobre meio ambiente e incorporar a dimensão ambiental em sua programação;” (BRASIL, 1999). Assim, Capra (2012, p. 398) também enfatiza que “[...] para que a nova consciência ecológica passe a fazer parte de nossa consciência coletiva, ela terá que ser transmitida, em última instância, através dos meios de comunicação de massa”.

A pesquisa também atendeu aos objetivos específicos de conceituar Jornalismo Ambiental e discutir a sua importância para a sociedade contemporânea. Esses aspectos estiveram presentes, tanto na revisão bibliográfica, quanto na entrevista realizada com André Trigueiro, jornalista, idealizador, Editor-chefe e apresentador do programa *Cidades e Soluções*. A partir desse diálogo foi possível constatar que existe o desafio de abrir espaço na mídia para pautas ambientais que transcendam a cobertura de catástrofes naturais, crimes ambientais ou a dimensão bela e exótica da fauna e da flora. Nesse aspecto, conseguir relacionar a dimensão ambiental com outras áreas como Economia, Cultura, Saúde e demonstrar que tudo está interligado, como defende Capra (2004, 2010, 2012) ao falar sobre a teia da vida e ecologia profunda, é um dever e um objetivo que merece a atenção dos profissionais da Comunicação.

Assim, esta pesquisa também procurou salientar a relevância que o Jornalismo tem no contexto social contemporâneo, diante de desafios globais como a questão

ambiental. Sobre esse aspecto, André Trigueiro defendeu na entrevista concedida para a realização desta pesquisa:

“O jornalismo não se resolve bem na agenda “denuncista” apenas. Ele precisa ser vitrine, showroom de soluções. Ele precisa sinalizar e apontar caminhos, ele precisa inspirar as pessoas e isso faz toda a diferença, especialmente em tempos de crise. E quanto mais aguda for a crise, mais referencial é esse ofício”.

A presente, pesquisa, portanto, se torna relevante ao demonstrar que o jornalismo é capaz de contribuir para a ampliação de consciência da sociedade sobre o cuidado com a vida. Também quando aborda que, no segmento do Jornalismo Ambiental, a narrativa propositiva e amorosa se torna ainda mais importante para engajar os espectadores/leitores/ouvintes na luta pela preservação do planeta. Para contribuir com a ampliação dessa prática, sugere-se que a reflexão sobre o Jornalismo Ambiental ganhe espaço no ambiente acadêmico, a fim de contribuir com a formação de profissionais sensibilizados e familiarizados com a compreensão sistêmica da vida.

Por fim, é preciso destacar que este percurso investigativo produziu significações transformadoras para esta pesquisadora, na compreensão da essência do Jornalismo e da dimensão transformadora que este pode ter. Quando temos um planeta ameaçado pelo descuido, ganância e pela falta de compreensão da dimensão ecossistêmica das relações, perceber que o jornalista tem nas mãos a possibilidade de contribuir com a mudança de rumo é reconfortante, ao mesmo tempo em que gera diversas reflexões sobre as responsabilidades do ofício.

O contato com os estudos dos autores, com as pessoas que participaram da pesquisa, bem como as trocas realizadas durante as orientações deste percurso investigativo, também produziram sentidos para a pesquisadora que perpassaram os aspectos teóricos e práticos do estudo, gerando consciência mais profunda sobre a beleza e fragilidades contidas em tudo o que comporta a palavra “vida”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo**: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342-355, 2014.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Emoção e subjetividade na paixão-pesquisa em comunicação: desafios e perspectivas metodológicas. **Revista Ciberlegenda**, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36772/21347> > Acesso em: 24 de mar. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sergio Vilas (Org.). **Formação & informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. Cap. 1. p. 15-48. Coleção Formação & informação.

BELMONTE, Roberto Villar. História do jornalismo ambiental brasileiro. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. Alcar 2015. Porto Alegre: Ufrgs, 2015. p. 1-15. Disponível em: file:///C:/Users/isahm/Desktop/GTJORN_BELMONTE-%20Roberto.pdf. Acesso em: 03 mar. 2021.

BEZERRA, Eutalita; STEIGLEDER, Débora Gallas. Cidades (e suas conexões). In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Org.). **Jornalismo ambiental**: teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 135-144. Coleção Metamorfose Acadêmica Digital. Disponível em: <https://www.editorametamorfose.com.br/ebooks/EbookJornalismoAmbiental.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

BISTANE, Luciana; BACELLAR, Luciane. **Jornalismo de TV**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008. Coleção comunicação.

BOAS, Sergio Vilas (Org.). **Formação & informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. Coleção Formação & informação.

BRASIL. **Lei nº 9795**, de 27 de abril de 1999. Dispõe Sobre A Educação Ambiental, Institui A Política Nacional de Educação Ambiental e Dá Outras Providências. Brasília, DF, 27 abr. 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm>. Acesso em: 30 mai. 2021.

CAPRA, Fritjof. **A Teia da Vida**: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. Tradução: Newton Roberval Eicheberg. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2012.

CIDADES e Soluções. Direção: Miguel Athayde, J. Mariani Boni de Mathis, Silvia Faria e Ali Kamel. Produção: Ana Beatriz Azevedo, Alexia Aureliano, Elaine Simiano, Isabella Formiga e Willian Teixeira. Roteiro: Andréa Escobar, Bruno Pacheco, Maria Beatriz Mussnich. Rio de Janeiro: Globo News, 2018. (22 min.), digital, son., color. Legendado. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8788726/programa/?s=0s>. Acesso em: 19 abr. 2021.

DALMONTE, Edson. **Narrativa jornalística e narrativas sociais**: Questões acerca da representação da realidade e regimes de visibilidade. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1802>. Acesso em: 21 nov. 2020

DICTIONARY.CAMBRIDGE **Significado up to date**. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/up-to-date>>. Acesso em: 16 jun. 2021.

FERNANDES, Alessandra Lemos. **Jornalismo**: especialização e segmentação. Curitiba: Intersaberes, 2017. (Excelência em Jornalismo). Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/124242/epub/0?code=NQ7vUMC735noGLfwrUNSW8/ViLsQLz6x+uRb4+VO5QOKkfG4QyEQybfG4YkBtxxghHc6/dhkgMox3shgz/79EfA==>. Acesso em: 22 abr. 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a tv. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. Coleção Temas e Educação. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/53948>. Acesso em: 30 nov. 2020.

FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. Vaticano, 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 16 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Tradução: Rosiska Darcy de Oliveira. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

G1.GLOBO. **Sinopse Programa Cidade e Soluções**. disponível em <http://g1.globo.com/globo-news/cidades-e-solucoes/platb/>. Acesso em: 19 abr. 2021.

GERAQUE, Eduardo. Olhar sistêmico na construção de histórias. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Org.). **Jornalismo ambiental**: teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. Cap. 4. p. 39-50. Coleção Metamorfose Acadêmica Digital. Disponível em: <https://www.editorametamorfose.com.br/ebooks/EbookJornalismoAmbiental.pdf>. Acesso em: 03 mai. 2021.

GERAQUE, Eduardo. Perceber a biodiversidade: jornalismo e ecossistemas parecem (mas não são) elos perdidos. In: BOAS, Sergio Vilas (Org.). **Formação & informação ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. Cap. 3. p. 79-110. Coleção Formação & informação.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Org.). **Jornalismo ambiental**: teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. Coleção Metamorfose Acadêmica Digital. Disponível em: <https://www.editorametamorfose.com.br/ebooks/EbookJornalismoAmbiental.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2021.

GLOBOPLAY. **Cidades e Soluções**. Lixo Zero – a reciclagem que reduz o lixo em até 90%. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/8788726/programa/?s=0s>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GOV.BR. **Digitaliza Brasil**. Disponível em: <<https://www.gov.br/mcom/pt-br/acesso-a-informacao/acoes-e-programas/digitaliza-brasil-1>> Acesso em: 30 mai. 2021.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de Jornalismo**: norte e sul. Tradução: Rafael Varela. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997. (Manual de Comunicação).

KUNSCH, Margarida M. Krohling. A comunicação para o desenvolvimento sustentável na sociedade globalizada. In: DENCKER, Ada de Freitas Maneti; KUNSCH, Margarida M. Krohling (Org.). **Comunicação e Meio Ambiente**. São Paulo: Intercom, 1996. p. 113-122. (Coleção Intercom N° 5).

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. Barueri/SP: Manole, 2004.

LOOSE, Eloisa Beling. Jornalismo de Soluções e Mudanças Climáticas: estudo sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro g1. In: FERNÁNDEZ-REYES, Rogelio; RODRIGO-CANO, Daniel (Org.). **La comunicación de la mitigación ante la emergencia climática**. Sevilla: Egregius, 2019. Cap. 4. p. 89-108. Colección Comunicación y Pensamiento. Disponível em: [file:///C:/Users/isahm/Desktop/MONO%20I/COMUNICAC%C3%93N%20Y%20CAMBIO%20CLIM%C3%81TICO%20\(JORNALISMO%20DE%20SOLU%C3%87%C3%95ES\).pdf](file:///C:/Users/isahm/Desktop/MONO%20I/COMUNICAC%C3%93N%20Y%20CAMBIO%20CLIM%C3%81TICO%20(JORNALISMO%20DE%20SOLU%C3%87%C3%95ES).pdf). Acesso em: 19 mar. 2021.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. O Jornalismo Ambiental e seu Caráter Educativo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba/PR. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba/PR: Intercom, 2009. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2024-1.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

MEMÓRIA GLOBO. **André Trigueiro.** Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/perfil/andre-trigueiro/perfil-completo/>. Acesso em: 29 mai. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MUNDO SUSTENTAVEL. Disponível em: <<https://mundosustentavel.com.br/>>. Acesso em: 28 mai. 2021.

ONU. Organização das Nações Unidas. **Transformando Nosso Mundo:** a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015. Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/images/ed_desenvsust/Agenda2030-completo-site.pdf. Acesso em: 21 abr. 2021.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV:** manual de telejornalismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. (Colaboração de Eduardo Marotta).

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade.** 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um Discurso Sobre as Ciências.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SCHARF, Regina. Verde como dinheiro: economia sustentável é utopia, contradição ou lucro certo? In: BOAS, Sergio Vilas (Org.). **Formação & informação ambiental:** jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. Cap. 2. p. 49-77. Coleção Formação & informação.

SCHWAAB, Reges. Jornalismo, ambiente e reportagem ampliada. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar (Org.). **Jornalismo ambiental:** teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 69-85. Coleção Metamorfose Acadêmica Digital. Disponível em: <https://www.editorametamorfose.com.br/ebooks/EbookJornalismoAmbiental.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, André Lemes da. **Da Ecologia à Educação Ambiental:** as contribuições do pensamento libertário de murray bookchin. 2007. 177 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande - RS, 2007. Disponível em: https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/tde_arquivos/5/TDE-2008-07-10T101359Z-94/Publico/Lemes.pdf. Acesso em: 22 abr. 2021.

SISTEMAS DE BIBLIOTECAS. **Guia para elaboração de trabalhos acadêmicos.** Caxias do Sul: Biblioteca UCS, 2019.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986. 14 v. (Novas buscas em comunicação).

SOLUTIONS JOURNALISM <https://www.solutionsjournalism.org/>. Acesso em: 04 nov. 2020.

SOUZA, Mariana Göelzer de. **Jornalismo de Soluções**: um caminho possível. 2017. 81 f. TCC (Graduação) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/isahm/Desktop/MONO%20Jornalismo%20de%20Solu%C3%A7%C3%B5es%20-%20Artigo.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2021.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo/RS: Unisinos, 2001. (Comunicação).

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: porque as notícias são como são. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIGUEIRO, André. (Org.). **Meio ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

TRIGUEIRO, André. **Cidades e Soluções**: como construir uma sociedade sustentável. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

TRIGUEIRO, André. **Espiritismo e Ecologia**. São Paulo: Editora Federação Espírita Brasileira, 2009.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável 2**: novos rumos para um planeta em crise. São Paulo: Globo, 2012.

TRIGUEIRO, André. **Mundo sustentável**: abrindo espaço na mídia para um planeta em transformação. 2. ed. São Paulo: Globo, 2005.

TRIGUEIRO, André. **Perfil**. Disponível em: <https://mundosustentavel.com.br/perfil/>. Acesso em: 11 mai. 2021.

TRIGUEIRO, André. **Viver é a Melhor Opção** – A prevenção do suicídio no Brasil e no Mundo. Rio de Janeiro: Editora Correio Fraternal, 2015.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA COM OS VOLUNTÁRIOS

ROTEIRO DE PERGUNTAS DA ENTREVISTA COM OS VOLUNTÁRIOS

Episódio Lixo Zero: a reciclagem que reduz o lixo em até 90%

A) QUESTIONÁRIO DE IDENTIFICAÇÃO SOCIAL

- 1) Idade
- 2) Gênero
- 3) Profissão

B) ROTEIRO DE QUESTÕES - ANTERIOR À EXIBIÇÃO DO EPISÓDIO

- 1) Você mora em zona urbana ou rural?
- 2) Qual a sua relação com o meio ambiente?
- 3) Você cresceu com estímulos e contato com a natureza?
- 4) Você já avaliou seus hábitos de vida em relação ao meio ambiente?
- 5) Você se preocupa com o meio ambiente?
- 6) Já pensou em modificar algum comportamento, para que seus hábitos se tornem mais sustentáveis e mais alinhados com o meio ambiente? Qual ou quais?
- 7) No momento da escolha de algum governante (prefeito/governador/presidente), você avaliou as propostas do candidato em relação ao meio ambiente?
- 8) Você costuma consumir conteúdos (notícias/filmes/documentários) relacionados ao meio ambiente?
- 9) Você acha que a vida na Terra está ameaçada pelas ações humanas?
- 10) O que você entende por desenvolvimento e progresso?

C) ROTEIRO DE QUESTÕES - APÓS A EXIBIÇÃO DO EPISÓDIO

- 1) O que mais te chamou a atenção nesse episódio?
- 2) Tem alguma cena que te marcou?

- 3) Tem alguma fala que te marcou?
- 4) O conteúdo te impactou de alguma forma?
- 5) O que você achou dessa abordagem sobre meio ambiente?
- 6) Você vê conteúdos semelhantes com frequência na mídia?
- 7) Você assistiria mais episódios de conteúdo com a temática ambiental nessa linha de abordagem?
- 8) Após assistir ao episódio, você se proporia a avaliar seus hábitos de vida relacionados ao meio ambiente?
- 9) Você pretende modificar algum comportamento, para que seus hábitos se tornem mais sustentáveis e mais alinhados com o meio ambiente? Qual ou quais?
- 10) No momento da escolha dos próximos governantes, você pretende refletir e analisar as propostas do candidato em relação ao meio ambiente?
- 11) Sua percepção sobre o meio ambiente modificou de alguma forma? Por quê?
- 12) Sua percepção de ameaça à vida na Terra, causada pelas ações humanas, modificou?
- 13) Se houve alguma mudança, qual ou quais aspectos do conteúdo fizeram você mudar de ideia?
- 14) O seu entendimento de desenvolvimento e progresso permanece igual à resposta anterior ou houve alguma modificação?

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu,, portador do RG....., estou sendo convidado a participar de um estudo denominado **JORNALISMO COMO DISPOSITIVO DE AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA AMBIENTAL: ANÁLISE DO PROGRAMA CIDADES E SOLUÇÕES**, cujos objetivos são: analisar de que forma a narrativa do programa Cidades e Soluções pode contribuir com a ampliação da consciência ambiental dos espectadores.

A minha participação no referido estudo será no sentido de conceder uma entrevista respondendo às perguntas a mim dirigidas. Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome ou qualquer outro dado ou elemento que possa, de qualquer forma, me identificar, será mantido em sigilo.

Também fui informado de que posso me recusar a participar do estudo ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar e, se desejar sair da pesquisa, não sofrerei qualquer prejuízo.

A pesquisadora envolvida com o referido projeto é a Isadora Helena Martins, da Universidade de Caxias do Sul. A pesquisa ocorre sob orientação da Profa. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista.

Durante toda a pesquisa, me é garantido o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências, enfim, tudo o que eu queira saber antes, durante e depois da minha participação.

Tendo sido orientado quanto ao teor de todo o aqui mencionado e compreendido a natureza e o objetivo do já referido estudo, manifesto meu livre consentimento em participar, estando totalmente ciente de que não há nenhum valor econômico, a receber ou a pagar, por minha participação.

Caxias do Sul, de de 2021.

.....
Assinatura do sujeito da pesquisa

.....
Assinatura do (a) pesquisador(a) responsável

ANEXO A – PROJETO DE PESQUISA

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE JORNALISMO**

ISADORA HELENA MARTINS

**JORNALISMO COMO DISPOSITIVO DE AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA
AMBIENTAL: ANÁLISE DO PROGRAMA CIDADES E SOLUÇÕES**

**CAXIAS DO SUL
2020**

ISADORA HELENA MARTINS

**JORNALISMO COMO DISPOSITIVO DE AMPLIAÇÃO DE CONSCIÊNCIA
AMBIENTAL: ANÁLISE DO PROGRAMA CIDADES E SOLUÇÕES**

Projeto de Monografia apresentado como
requisito para aprovação na disciplina de
Monografia I.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maria Luiza
Cardinale Baptista

**CAXIAS DO SUL
2020**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	04
1.1 UM OLHAR VOLTADO PARA O CHÃO.....	06
2 TEMA	09
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	09
3 JUSTIFICATIVA.....	10
4 QUESTÃO PROBLEMA	13
4.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA	13
5. OBJETIVOS	15
5.1 OBJETIVO GERAL	15
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	15
6. METODOLOGIA	16
7. REFERENCIAL TEÓRICO	20
7.1 EDUCOMUNICAÇÃO.....	20
7.1.2 EDUCOMUNICAÇÃO E JORNALISMO	25
7.2 NARRATIVAS JORNALÍSTICAS	26
7.3 JORNALISMO AMBIENTAL.....	30
7.4 CIDADES E SOLUÇÕES	33
8. ROTEIRO DOS CAPÍTULOS	36
9. CRONOGRAMA	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

1 INTRODUÇÃO

[...] uma ecologia integral requer abertura para categorias que transcendem a linguagem das ciências exatas ou da biologia e nos põem em contato com a essência do ser humano.
Papa Francisco

Pensar na vida como um sistema único e integrado, com seres atravessados por tramas objetivas e subjetivas que se conectam, talvez seja o caminho para se construir uma sociedade de acordo com o sentido estrito da palavra: seres que convivem e prezam pelo bem comum. Como traz Papa Francisco na Carta Encíclica “Laudato Si”²⁶, entender a ecologia integral, ou seja, a interdependência entre seres humanos e natureza, é um ponto crucial para promover a ampliação de consciência a respeito do meio ambiente e utilização dos seus recursos. O papa cita, ainda, que é preciso desenvolver uma compreensão para além do que a ciência conhece sobre a vida e buscar a essência que permeia todos os seres que habitam a casa comum.

Porém, as discussões mundiais a respeito de questões ambientais não começaram em 2015 com a encíclica, que voltou a chamar atenção para as consequências da ação humana para o planeta. Os debates sobre ecologia e sustentabilidade atravessam gerações. Nesse sentido, o jornalismo assume um papel fundamental quando passa a veicular informações e dados sobre o meio ambiente, reportar as mudanças climáticas, divulgar estudos científicos sobre o tema e cobrir grandes conferências do clima marcadas por encontros de líderes mundiais. Ou seja, por meio do jornalismo a pauta, as discussões e decisões sobre o meio ambiente puderam chegar aos cidadãos que também são agentes dessas mudanças.

Eis que no escopo do jornalismo ambiental também existem reflexões importantes a se fazer, pois as narrativas adotadas podem fazer com que a comunicação ocorra ou não. É preciso refletir qual é o papel do jornalismo e a função que este deve desempenhar na sociedade contemporânea, que é caracterizada por um caos informacional, a fim de contribuir para uma ampliação de consciência coletiva

²⁶ Significa “Louvado Seja”. A encíclica foi publicada em 2015. Foi a primeira do papado de Francisco e a primeira Encíclica da história da Igreja Católica voltada para questões ambientais.

a respeito das emergências ambientais. Um dos caminhos - talvez o único possível - é a educação. Promover nas mídias aspectos educacionais é uma trilha desafiadora, que exige profissionais qualificados, bem como uma reflexão ética e responsável dos veículos de comunicação frente à sociedade econômica e socialmente globalizada. Mas, o fazer jornalístico possibilita diversos caminhos e ângulos de abordagem como esta pesquisa procura exemplificar por meio da análise do programa de televisão Cidades e Soluções.

Criar um conteúdo jornalístico para televisão tendo como mote o meio ambiente, por si só já é um projeto bastante ousado por não se encaixar na curva de produtos comunicacionais que estão no circuito comercial. Ou seja, do ponto de vista do mercado da comunicação um programa com essas características pode não ser tão rentável para a emissora. Mas aí entra a responsabilidade social e a ética da profissão: garantir o direito à informação²⁷. É por meio dessa relação entre o fazer jornalístico e o contato com o grande público que se espera gerar uma ampliação de consciência que reflita em mudanças reais no modo de vida e inter-relação entre todos os seres.

Para dar conta das questões referentes às narrativas jornalísticas e ao modo como a abordagem influencia na forma como as pessoas assimilam a notícia, serão trazidos conceitos publicados por Edvaldo Pereira Lima. Já, os aspectos envolvendo o jornalismo ambiental, bem como suas vertentes éticas e técnicas terão como suporte os estudos de Wilson da Costa Bueno e do Grupo de Pesquisa em Jornalismo Ambiental, liderado pela professora Doutora Ilza Maria Tourinho Girardi. Outra vertente bibliográfica essencial para esta pesquisa está relacionada com a Educomunicação. Para explicar o conceito serão utilizados textos de autores como, Ismar de Oliveira Soares (2000), Paulo Freire (2013) e Anderson Luiz Moreira (2020).

O detalhamento da metodologia da presente pesquisa, que consistirá em um estudo bibliográfico e análise de conteúdo, será baseado na obra de Antônio Joaquim Severino intitulado Metodologia do Trabalho Científico (2007) bem como na Cartografia de Saberes de Maria Luiza Cardinale Baptista (2014).

Sobre o jornalismo ambiental na televisão e os dados específicos do objeto de estudo que é o programa Cidades e Soluções, serão oriundos do livro homônimo de

²⁷ Direito à informação está previsto no artigo 5º, incisos, XIV e XXXIII da Constituição Federal e sua garantia está determinada no artigo 1º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros.

autoria de André Trigueiro, também editor do programa. Ainda é preciso destacar que será abordada uma breve história dos movimentos ambientais no Brasil e no mundo que moldam de forma significativa a cobertura jornalística sobre o tema. Assim, Joan Martínez Alier também traz uma contribuição significativa para este trabalho, bem como o documento “Transformando o Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” (2015).

Por meio de uma abordagem transdisciplinar e integrativa entre as áreas da Comunicação, Meio Ambiente e Educação, esta pesquisa procura responder a seguinte questão: Quais são os aspectos educacionais da narrativa jornalística e como se configuram no programa Cidades e Soluções enquanto dispositivos de contribuição para ampliação da consciência sobre meio ambiente?

Pensar o jornalismo ambiental diante do atual contexto socioeconômico da humanidade é uma necessidade e um caminho imprescindível para todos os profissionais da comunicação. A vida é constituída por uma teia-trama que interliga todos os fatos e seres, logo, a fragmentação e a dissociação das informações pode gerar um equívoco comunicacional que afronta os preceitos éticos da profissão. Mas, quando realizada com zelo e integridade, a prática jornalística pode contribuir para a ampliação da consciência da sociedade referente às problemáticas que precisam ser combatidas por todos, uma delas e foco desta pesquisa, a questão ambiental.

1.1 Um olhar voltado para o chão

A definição de um objeto de pesquisa, para além do cumprimento do processo burocrático de um trabalho científico, dialoga com as subjetividades do autor. Não poderia ser diferente, pois sem o fator paixão, não há o sentido de existir. Sendo assim, o presente trabalho vem de encontro com o conceito “Paixão-Pesquisa”, cunhado pela Prof^a. Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista, também orientadora deste projeto de pesquisadora que vos dirige a palavra.

Quando fui instigada pelo próprio transcorrer do percurso acadêmico a refletir sobre a temática e objeto de pesquisa da Monografia, pensei em diversos assuntos ligados ao jornalismo, que é um universo imenso com tantas possibilidades que enchem um jovem pesquisador de deslumbramento. Mas, a realidade me puxou para o chão e percebi que era ali que morava o meu objeto de pesquisa. No chão que precisa ser olhado e cuidado; na terra que sofre com o descaso e insensibilidade da

sociedade; no planeta que agoniza com a inação dos governos; nos povos e seres que estão desaparecendo sob uma economia desleal e injusta com a vida.

Sim, é duro este pensamento e esta sensação de que o nosso tempo está se esgotando, mas as ações capazes de mudar o rumo - que atualmente leva a humanidade para um futuro temeroso - precisam ser tomadas com urgência por todos e em prol da vida de todos. Diante dessas inquietações, percebi que o jornalismo é um caminho que pode contribuir com a ampliação de consciência coletiva pela qual o mundo clama. Quando parei para analisar o que já está sendo feito nesse sentido, notei que as pautas ambientais têm ganhado mais espaço nos noticiários e veículos de comunicação, tanto tradicionais quanto alternativos, nos últimos anos. Também notei a presença efetiva do jornalismo de dados para enriquecer a informação e dar clareza para os fatos, principalmente os ligados a desmatamentos, queimadas, poluição, mudanças climáticas entre outros. Porém, ao vasculhar as abordagens ambientais realizadas pela imprensa, foi difícil encontrar esperança. Não a esperança no sentido de esperar, mas a esperança que nos move para participar da mudança e acreditar em dias melhores.

Os assuntos delicados e a vida como ela é precisam ser relatados. Mas, como lidar com uma narrativa que atinja os afetos das pessoas, sem lhes roubar a alegria e a esperança, e instigá-las para a construção de um mundo melhor? A partir deste questionamento surgiram ideias, trilhas possíveis para iniciar a jornada da pesquisa.

Uma das trilhas apontou para a educação ambiental. Saber como utilizar os recursos oriundos da natureza com responsabilidade e saber como descartar corretamente os rejeitos produzidos pelas nossas atividades são aspectos fundamentais para a manutenção de um meio ambiente saudável. Mas, onde obtemos essas informações? Na escola? Na universidade? Em campanhas educativas? E quem não tem acesso a esses meios? Aí entra o papel do jornalismo: dar conta dessas informações de forma didática e criativa para que as “instruções” possam ajudar a promover uma ampliação de consciência para, só então, se traduzir em ações.

Outra trilha que se materializou foi a do próprio jornalismo ambiental. Pesquisar qual é a história deste segmento da profissão, o que já se construiu até o momento, o que será necessário dos novos profissionais que irão enveredar por esta área, me pareceu pertinente. É preciso promover esta discussão no âmbito acadêmico, instigar a formação de jornalistas que queiram atuar com o foco no meio ambiente, pois, será

cada vez mais necessário abordar pautas referentes ao tema que está interconectado com as demais áreas do conhecimento e vida cotidiana.

Por fim, quando passei a refletir mais sobre o tema, principalmente sobre os aspectos educacionais que podem estar imbuídos nas produções jornalísticas, me ocorreu o exemplo do programa veiculado na Globo News, Cidades & Soluções²⁸. Assim, o elegi como objeto de análise para exemplificar como abordagens jornalísticas referentes ao meio ambiente podem ser contributivas, no sentido de contar histórias e mostrar ações que dão certo, para que possam servir de modelo para a sociedade. O conteúdo também foi escolhido por utilizar uma linguagem didática e uma narrativa de fácil compreensão mesmo quando trata de termos técnicos.

Assim, nasceu o objeto de pesquisa, juntamente com o sonho de uma graduanda em jornalismo: contribuir com a sociedade, seja exercendo o caminho de pesquisadora ou/e exercendo a profissão em prol de um mundo mais humano e solidário com todas as formas de vida que o habitam.

²⁸ O programa Cidades & Soluções foi criado em 2006 pelo jornalista André Trigueiro, juntamente com a equipe da Globo News.

2 TEMA

Jornalismo como instrumento de educação ambiental.

2.1 Delimitação objeto de estudo

Aspectos educacionais da narrativa jornalística como dispositivos de contribuição para ampliação da consciência sobre meio ambiente. Análise do programa Cidades e Soluções.

3 JUSTIFICATIVA

A relevância de uma pesquisa pode ser justificada de diversas formas. Pensar sobre um fato ou fenômeno, buscar subsídios bibliográficos de outros estudiosos e problematizar aspectos da ação humana são de suma importância para analisar a vida de um ponto de vista crítico. É somente por meio da reflexão que é possível identificar padrões de comportamento e distinguir quais são saudáveis ou nocivos para a sociedade.

Quando se trata de uma pesquisa dentro do campo da comunicação, o conhecimento resultante pode gerar efeitos no próprio âmbito acadêmico, no mercado de trabalho, na comunidade onde a instituição está inserida ou, ainda, adquirir proporções maiores a depender da propagação. Devido à natureza do jornalismo que é ser um meio de curadoria, produção e veiculação de informações, pensar de forma crítica a parte “operacional” da profissão é salutar e necessário para fins de aprimoramento.

O produto jornalístico é sempre uma história, uma narrativa veiculada em um suporte (TV, rádio, impresso, digital), capaz de gerar reações e ações em quem o consome. Multiplicando esse efeito de forma exponencial, devido ao alcance das mídias, temos uma ferramenta potente de propagação e formação de ideias/visões de mundo. Por isso, a pesquisa científica sobre o que está sendo produzido e como se configura o campo da comunicação com todos os seus entrelaçamentos e conexões entremeadas pelo caos informacional é relevante. Este estudo também pode contribuir com a formação de novos comunicadores, bem como provocar a reflexão por parte de profissionais que já estão no mercado de trabalho.

Sobre o recorte referente ao meio ambiente, este justifica a importância em estar presente em uma pesquisa acadêmica pela urgência do debate. A cada dia, são divulgados dados e relatórios apontando os efeitos climáticos gerados pela ação humana. Um deles é do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), órgão das Nações Unidas, que afirma que há 90% de certeza que o aumento de temperatura na Terra está sendo causado pela ação do homem. Outro dado alarmante e que urge as discussões ambientais é que o desmatamento, as queimadas, a destruição de habitats estão ocasionando a diminuição de diversas populações de seres vivos. O relatório Planeta Vivo 2020, produzido pela rede WWF (World Wide Fund for Nature), mostra que ocorreu um declínio médio de 68% nas populações

monitoradas desde 1970. Ainda há a preocupação com os resíduos que estão envenenando as águas. Também conforme a WWF, cerca de 8 milhões de toneladas de plásticos entram no oceano anualmente. Ou seja, é preciso que se crie uma consciência coletiva referente a todas essas questões para que seja possível manter as condições de vida na Terra, na forma como é conhecida, o máximo de tempo possível.

O jornalismo ambiental não se faz apenas necessário na sociedade contemporânea, ele se faz urgente. Noticiar os diversos aspectos que envolvem a vida no Planeta é crucial, pois a humanidade já atingiu o limítrofe no que diz respeito à utilização dos recursos naturais para satisfazer os hábitos de consumo impregnados em um modelo econômico predatório. Nesse aspecto, o jornalismo cumpre um papel importante já que é capaz de gerar impactos significativos em povos do mundo inteiro como uma fonte de informação e conhecimento.

Para que o jornalismo crie pontes entre fatos e a sociedade é preciso que as narrativas e abordagens dos temas, principalmente os mais delicados, sejam feitos de forma amorosa para que se cumpra a premissa da comunicação: partilhar, tornar comum. Este é o ponto que justifica a relevância da presente pesquisa, pensar como os elementos da Educomunicação, empregados no jornalismo ambiental, podem ser catalisadores de mudanças no modo de vida das pessoas a fim de promover a preservação da casa comum.

Pensar como as narrativas jornalísticas podem ser mais efetivas e alcançar outros níveis de impactos sociais como o da educação, é algo que compete ao âmbito da academia, uma vez que esta é a incubadora dos novos profissionais que irão atuar no mercado de trabalho. Esta é uma provocação que a pesquisa pretende levantar, relacionando o jornalismo ambiental com a Educomunicação. O presente trabalho também traz como argumento a profundidade que a especialização gera nos debates, bem como na construção de pautas, salientando a importância do investimento nesse aspecto da formação de profissionais da comunicação.

A narrativa adotada pela grande mídia no tratamento de pautas ambientais, não raro, é focada no desastre, em uma visão apocalíptica quanto aos rumos que a humanidade está escolhendo para o planeta. Com mais dificuldade, bons exemplos, soluções, ações coletivas ou individuais que promovam a vida ganham destaque nos portais de notícias na internet, televisão, rádio ou nas páginas dos impressos. Para demonstrar a importância do fazer jornalístico amoroso e comprometido com a forma

como as pessoas vão receber as notícias, esta pesquisa também faz uma análise do programa Cidades e Soluções. O intuito é trazer para a reflexão como ângulos narrativos diferentes e que buscam ser um canal de educação da sociedade podem ser muito mais efetivos do que a mera transcrição de mazelas ambientais revestidas por um sensacionalismo irrelevante.

Em suma, essa pesquisa se justifica na tentativa de contribuir com a reflexão sobre os caminhos que profissionais da comunicação ou estudantes podem escolher dentro do contexto do jornalismo ambiental. Este que é um ramo da profissão que será cada vez mais visado, tendo em vista que no mundo em transformação, as pautas ambientais precisam ocupar outros patamares, tanto nos meios de comunicação como nos debates sociais.

4 QUESTÃO PROBLEMA

Quais são os aspectos educacionais da narrativa jornalística e como se configuram no programa Cidades e Soluções enquanto dispositivos de contribuição para ampliação da consciência sobre meio ambiente?

4.1. Formulação do problema

A força motriz da presente pesquisa se baseia em como os elementos da educação nas narrativas do jornalismo ambiental podem contribuir com a conscientização da sociedade sobre a necessidade de preservação do planeta. As pautas relacionadas à ecologia, aos efeitos da ação humana na natureza e em como essas consequências impactam na qualidade de vida estarão cada vez mais presentes nas redações. Mas, é necessário ir além do que apenas reportar os desastres ambientais. Cientistas alertam que a humanidade precisa agir com rapidez e prevenir o desgaste ambiental da Terra antes que as consequências sejam irreversíveis.

Diante dessa realidade, o jornalismo também precisa atuar de forma mais propositiva, divulgando informações e abordando pautas que possam contribuir para o entendimento de que é preciso preservar e prevenir a destruição das matas nativas, dos oceanos, da fauna e dos ares. A conscientização passa pela educação. Por sua vez, a educação pressupõe o diálogo, o debate o confronto de ideias. Segundo um dos maiores pensadores da educação no Brasil, o pedagogo Paulo Freire, o ser humano é por essência dialético e precisa do diálogo para construir relações tanto com os semelhantes quanto com o mundo ao seu redor. Em sua obra *Extensão ou comunicação?* (1976, p. 43 apud SOARES, 2000, p. 20) Freire afirma: “O diálogo é o encontro amoroso dos homens que, mediatizados pelo mundo, o pronunciam, isto é, o transformam e, transformando-o, o humanizam”. Nesse sentido, é possível salientar que o jornalismo tem um papel fundamental na problematização de fatos do cotidiano, para que estes ganhem o campo do diálogo e possam ser traduzidos em mudanças.

É o jornalista que tem a missão de fazer emergir assuntos que não são debatidos por governos e pela sociedade em geral - seja por interesses ou por negligência - para que eles possam ganhar visibilidade ou, até mesmo, entrar para discussão na agenda pública. Para alcance de tal objetivo é preciso que as narrativas

jornalísticas possam ser conduzidas de forma que produzam sentido. Isso significa que, para determinado tema reverberar na sociedade em forma de diálogo ou ações concretas, ele precisa adquirir relevância para a vida das pessoas, tocar os afetos.

Para exemplificar esse tipo de narrativa, a pesquisa traz como estudo de caso o programa Cidades e Soluções, que trata de pautas baseadas em iniciativas sustentáveis criadas pela sociedade civil, organizações ou governos no meio urbano. Esta também é a fonte da questão problema, uma vez que é preciso primeiramente identificar, mapear e analisar como o programa insere os elementos da educomunicação em sua narrativa. Outro ponto a ser observado é como a construção da essência do produto jornalístico se articula a fim de alcançar seus objetivos de inspirar a sociedade a realizar mudanças no modo de vida a partir da divulgação de bons exemplos.

O jornalismo é capaz de gerar diversos impactos na sociedade, tanto positivos quanto negativos. Tudo depende da forma de abordagem das pautas. Quando se trata de jornalismo ambiental, a narrativa se torna ainda mais importante para engajar os espectadores/leitores/ouvintes na luta pela preservação do planeta. Para alcançar tal objetivo, o jornalista pode utilizar elementos da educomunicação a fim de promover a educação ambiental da sociedade e ser capaz de contribuir com a ampliação de consciência coletiva a respeito do bem comum. Um exemplo dessa abordagem pode ser verificado no programa Cidades e Soluções que já conseguiu influenciar mudanças reais, inclusive em políticas públicas relacionadas ao meio ambiente, através do jornalismo. Por isso este exemplo é trazido para análise na presente pesquisa, que pretende gerar uma reflexão sobre o tema e contribuir para que haja abordagens jornalísticas ambientais mais propositivas e amorosas.

5 OBJETIVOS

5.1 Objetivo geral

Analisar elementos de educomunicação das narrativas jornalísticas do programa Cidades e Soluções, como dispositivos de ampliação de consciência em relação ao meio ambiente.

5.2 Objetivos específicos

- Conceituar jornalismo ambiental;
- Discutir conceitos da educomunicação;
- Analisar a narrativa do programa Cidades e Soluções;
- Identificar como as abordagens do jornalismo ambiental no programa Cidades e Soluções podem contribuir para ampliação da consciência sobre o meio ambiente;
- Discutir a importância do jornalismo ambiental para a sociedade contemporânea;

6 METODOLOGIA

Analisar a narrativa de um conteúdo jornalístico, no caso o programa Cidades e Soluções, e identificar aspectos educacionais que o constituem requer uma metodologia diversa e interdisciplinar capaz de permitir tal estudo. Além disso, a presente pesquisa explora o surgimento, estruturação e aplicação do jornalismo ambiental, logo, o campo metodológico também se expande.

Conforme Severino (2007) a ciência surgiu com o intuito de ser um saber único constituído por uma única trilha metodológica, como ocorreu basicamente com as Ciências Naturais. Porém, quando estudiosos passaram a se ocupar das Ciências Humanas, permeadas de tramas que se interconectam entre as peculiaridades de cada ser, rompeu-se o monotonismo metodológico em função da necessidade de buscar referências em diversas trilhas epistemológicas para dar conta da sua complexidade. O autor também destaca a variedade dos procedimentos que podem ser adotados em um trabalho científico na sua própria definição de metodologia: “Trata-se de um conjunto de procedimentos lógicos e de técnicas operacionais que permitem o acesso às relações causais constantes entre os fenômenos” (SEVERINO, 2007, p. 102).

A estratégia metodológica deste trabalho científico está embasada na Cartografia dos Saberes, desenvolvida por Baptista (2014). A proposta traz uma orientação de procedimentos para produção de pesquisa de acordo com os pressupostos da Ciência Contemporânea. O método considera que o processo de investigação na produção científica se dá no próprio campo, onde ocorrem as descobertas (BAPTISTA, 2014). Para conduzir o pesquisador por esse campo de pesquisa composto de diversas trilhas-trama distintas, a cartografia de saberes atua como um guia. Nesse sentido, conforme Suely Rolnik (1989, apud BAPTISTA, 2014, p. 344): “[...] o cartógrafo não tem ‘um método’, mas critérios que o orientam. A palavra cartografia, então, está sendo utilizada como uma espécie de mapa complexo e mutante, que se faz acompanhando a ‘mudança da paisagem’”.

Diante dessa diversidade de caminhos investigativos, a autora aponta quatro grandes trilhas de pesquisa no sentido de orientar a trajetória do pesquisador: Saberes Pessoais, Saberes Teóricos, Usina de Produção e a Dimensão Intuitiva. Segundo Baptista (2014), ter as definições de procedimentos teóricos, técnicos e investigativos é fundamental para desenvolver o trabalho científico em um cenário informacional caosmótico.

O cenário da ciência transdisciplinar caosmótica exige outro tipo de pesquisa, em termos de operacionalização. Nesse sentido, proponho que o trabalho da pesquisa deve ser iniciado em várias frentes, em várias trilhas investigativas, como venho chamando. O processo de investigação é o de investimento desejante, na busca de conhecimento. Trata-se de uma viagem investigativa em que o pesquisador se reinventa, se re-nova, se re-faz. (BAPTISTA, 2014, p. 350)

Como passo inicial, a autora propõe o mapeamento dos Saberes Pessoais. Ou seja, um olhar do pesquisador para si mesmo, suas motivações, desejos e experiências que irão compor o trabalho científico, mesmo que de forma subjetiva. Assim, é proposto a elaboração de textos pessoais sobre o assunto que se pretende pesquisar, mesmo sem ter ainda trilhas claras de teorias e bibliografias referentes ao tema. Conforme Baptista (2014, p. 350), o pesquisador “[...] se buscar com atenção dentro de si mesmo, vai conseguir encontrar os seus próprios saberes, seus pensamentos e seu sentimento a respeito das temáticas envolvidas na proposição do problema de pesquisa”. Dessa forma, também humaniza-se o trabalho de pesquisa, uma vez que o pesquisador torna-se sujeito ativo do processo, imprimindo seus conhecimentos prévios na produção.

Para estruturar a etapa inicial de descobertas do próprio pesquisador, a cartografia aponta os Saberes Teóricos. Imprescindíveis para a trilha investigativa, o conhecimento já sintetizado e documentado por outros estudiosos precisa ser explorado em uma pesquisa. Dessa forma, agrega-se pensamentos, conceitos e definições capazes de chancelar uma nova pesquisa e dar vida a um novo núcleo de saberes. Nesse sentido, Baptista (2014, p.321) afirma que o pesquisador:

Vai buscar os saberes dos outros, em textos que tragam informações a serem trabalhadas para acrescentar aos seus saberes pessoais. Então, uma vez definidas as temáticas inerentes ao objeto (quer dizer, uma vez reconhecidos os ‘conceitões’, núcleos conceituais que eu chamo de trilhas investigativas), proponho que o pesquisador monte um quadro com os assuntos e as referências teóricas encontradas sobre cada um deles.

A importância da pesquisa bibliográfica como procedimento elementar de uma pesquisa é também abordada por Severino (2007). Segundo ele, por meio deste método busca-se abstrair conhecimento através de leitura e análise de saberes já produzidos:

A pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos. (SEVERINO, 2007, p. 122)

A partir da esquematização de assuntos e bibliografias que que podem contribuir com o desenvolvimento do trabalho científico, Baptista (2014) apresenta a outra trilha metodológica, que pode ser aplicada de forma anterior às demais: o laboratório de pesquisa. Nessa etapa, o pesquisador vivencia a pesquisa, sendo por experiências planejadas para tal a partir de um procedimento metodológico definido, seja por experiências vividas e documentadas anteriormente. Só é possível saber se um objeto de estudo é válido ou não, por meio da aproximação com o mesmo, da vivência compartilhada. (BAPTISTA, 2014). A depender do assunto, pode-se “[...] pensar algumas situações concretas que permitam entrar em contato direto com o que está estudando, com o que pretende abordar” (BAPTISTA, 2014, p.351). Segundo a autora essa aproximação pode se dar por meio de análise de materiais/documentos, conversas informais, observação sistemática entre outros procedimentos, desde que sejam devidamente documentados.

Neste caso, será utilizado como método de pesquisa empírica a análise do programa Cidades e Soluções, da Globo News. O conteúdo consiste em uma série de reportagens referentes a ações e exemplos de desenvolvimento sustentável nos centros urbanos, utilização correta dos recursos naturais e gestão eficaz de resíduos. Para verificar se o conteúdo é permeado por elementos da educação que contribuam para a ampliação de consciência referente ao meio ambiente será utilizado o método da análise de conteúdo. De acordo com Severino (2007, p. 121-122) esse procedimento busca observar atentamente todas as formas discursivas para além das palavras:

É uma metodologia de tratamento e análise de informações constantes de um documento, sob forma de discursos pronunciados em diferentes linguagens: escritos, orais, imagens, gestos. Um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Trata-se de se compreender criticamente o sentido manifesto ou oculto das comunicações. Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e a seus componentes psicossociais.

Por fim, também é elencado na Cartografia de Saberes como procedimento metodológico a Dimensão Intuitiva, ou como é chamado por Baptista (2014), “pensamentos picados”. Conforme a autora, ideias, soluções e trilhas pertinentes para o processo de pesquisa podem surgir de forma espontânea, a partir de eventos corriqueiros.

Atento aos processos caosmóticos também internos, o pesquisador deve estar sempre pronto a registrar essas brotações autônomas, para, com elas, em grande parte das vezes, puxar fios que ajudam a desenvolver as trilhas de saberes necessários para amarrar a proposição da monografia, dissertação ou tese. (BAPTISTA, 2014, p. 352)

A autora ainda destaca que, ao estar envolvido com o objeto paixão-pesquisa, o pesquisador tende a acionar outras instâncias como sensibilidade, observação e fetos. Assim, essas fontes de ideias também podem vir de fontes de produção de conhecimento mais abstratas como poetas, pensadores, artistas que estimulam a percepção para além das linhas mais rígidas da Ciência Clássica. “Na medida em que o sujeito cientista tem que captar o real também a partir de dimensões sutis, sensíveis, abstratas, dos fluxos que o compõem, que compõem os universos da significação, a demanda extrapola o reducionismo objetivista”. (BAPTISTA, 2014, p. 350).

Levando em consideração o escopo da presente pesquisa - jornalismo ambiental e seus aspectos educacionais - é preciso permear por aspectos metodológicos mais flexíveis e que se abram para o subjetivo. Tratar de temas ligados à vida, que interconectam as diversas áreas e saberes em uma teia-trama global é uma tarefa que exige muito além de métodos rígidos de observação, quantificação e registro. É preciso pensar na dimensão humana e, até mesmo, transcendente da questão. Assim, os fundamentos metodológicos apresentados são responsáveis pela condução da presente pesquisa que permeia pelo campo objetivo e subjetivo simultaneamente.

7 REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico da presente pesquisa percorre uma trilha transdisciplinar, trazendo aspectos da comunicação, jornalismo, meio ambiente e educação. As áreas são imprescindíveis para a construção do caminho rumo à reflexão referente à educomunicação nas narrativas jornalísticas como ferramenta potencial de ampliação de consciência sobre o meio ambiente.

O jornalismo tem um papel muito importante a cumprir. Conforme Eloisa Beling Loose e Ilza Maria Tourinho Girardi (2009, p. 01) o jornalismo “é um exercício profissional que propõe levar as informações de caráter relevante e de interesse público às pessoas que buscam conhecer mais a realidade do mundo onde vivem”. Logo, recai sobre todos os profissionais da área a responsabilidade de se comprometer com a verdade, com a análise crítica e com uma abordagem clara e humana dos acontecimentos.

A partir dessa reflexão inicial e apoiando-se em estudos de autores que contribuem com o tema, nos próximos capítulos será explorado o debate sobre a responsabilidade social e educativa do jornalismo, principalmente no que diz respeito ao meio ambiente e ao cuidado com a casa comum.

7.1. Educomunicação

As interfaces entre a Comunicação e a Educação são o foco de estudo deste capítulo. O tema é explorado por diversos autores que buscam identificar os pontos de convergência entre as áreas na produção de significações para a vida humana. No Brasil, as pesquisas sobre a Educomunicação avançaram no final da década de 1990, impulsionadas pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (USP), logo, os estudos coordenados por Ismar de Oliveira Soares (2000-2011) serão utilizados como referência na presente etapa do trabalho. Os escritos de Paulo Freire (1976) também são fonte de pesquisa deste capítulo, uma vez que o educador problematizou a importância da combinação entre Comunicação e Educação na construção do aprendizado por meio da dialética.

A Educação e a Comunicação comumente são vistas como áreas distintas, cada qual com suas finalidades, sistematização e aplicação. A ideia foi sustentada principalmente entre as décadas de 1960 e 1990 por alguns estudiosos que atribuem

a Educação à esfera oficial, pragmática como elemento de construção da cidadania, enquanto a Comunicação é inerente ao sistema liberal, ao mercado e à iniciativa privada. Conforme Soares (2000, p. 18), algumas correntes de pensamento acreditam que:

Educação e comunicação se distanciam também, pelo tecido de seus discursos. O discurso educacional é mais fechado enquadrador, oficial, mais autorizado. Validado por autoridades, não é questionado. Neste sentido, é autoritário, posto que é selecionado e imposto em forma de currículo a alunos e professores. O discurso comunicacional, ao contrário, é *desautorizado*, *desrespeitoso* e aberto, no sentido de que está sempre à procura do novo, do diferente, do inusitado. Enquanto a educação está presa ao Estado - fragilizado, sem poder e pobre -, naquilo que o Estado tem de pior, que é a burocracia; a comunicação vincula-se ao mercado, aprimora-se constantemente, tem *liberdade* na construção do seu "currículo" e de sua forma de agir.

O ponto de vista apresentado pelo autor não é unanimidade. Para Motter (2000, p.82), por exemplo: "A comunicação e a educação, frequentemente constrangidas quando se associam, reintegram-se quando inseridas no amplo espaço que lhe é próprio: o da linguagem ou da produção de sentidos". Ou seja, ambas convergem para o mesmo processo que é transmitir uma mensagem - em forma de conhecimento ou informação - capaz de gerar efeitos cognitivos no interlocutor.

A partir de 1990, quando se intensificaram as pesquisas sobre as nuances comuns entre a ciência da Educação e a da Comunicação, ampliou-se a visão para uma nova área de conhecimento: a Educomunicação. O termo ganhou visibilidade, sobretudo, a partir de pesquisas desenvolvidas na América Latina com destaque para pensadores como Paulo Freire, que atuaram na promoção de uma educação livre de preceitos criados pelo sistema capitalista e patriarcal, bem como de uma comunicação propositiva. Assim,

Com o passar dos anos, novas experiências e estudos se consolidaram, o que possibilitou a afirmação de um campo de inter-relação entre essas áreas. Neste contexto, o termo educomunicação ganhou força e lugar ocupando um terreno transdisciplinar em que os mecanismos de transmissão e propagação da informação e do conhecimento circulam em uma cultura convergente produzindo ecossistemas comunicativos (SOARES, 2011 apud SOUZA, 2017, p. 908)

Inicialmente, a integração entre Educação e Comunicação era vista e entendida como o compartilhamento de recursos tecnológicos e formatos de transmissão do conhecimento, no que ficou conhecido como educação midiática. Ou seja, a prática

era definida pela utilização de recursos midiáticos, como televisão, reportagens de jornais e revistas além de outros meios como recursos pedagógicos nas escolas. (SOUZA, 2017). O termo educomunicação também adquiriu a conotação da inter-relação entre campos distintos do conhecimento: a educação e a comunicação. Mas, do ponto de vista da pedagogia crítica, a educomunicação tem uma significação mais profunda que pressupõe a educação libertadora e a comunicação capaz de intervir socialmente. “Pode-se afirmar, portanto, que o termo comunicação e educação é mais utilizado para estudo de campo, num processo de sistematização teórico, enquanto o termo educomunicação aborda a formação do senso crítico, libertário” (SOUZA, 2017, p.912).

As diferenças de significação do termo educomunicação também são apontadas por Aparici (2014, p.16 apud SOUZA, 2017, p.912):

“Para alguns, é, simplesmente, sinônimo de educação diante dos meios, enquanto, para outros, designa a prática mais moderna na educação midiática. A partir de 1999, contudo, contamos com um terceiro sentido: o conceito designa um campo de intervenção social na interface entre comunicação e educação”.

Para compreender a inter-relação entre educação e comunicação, é preciso, à priori, explorar o conceito isolado de cada uma. O sentido etimológico da palavra educação deriva do latim *educere* que significa trazer para fora, extrair, desenvolver. Segundo Brandão (1981, apud MOREIRA, 2020) a educação ocorre em diversos momentos e ambientes como escola, em casa, no trabalho na igreja, onde as pessoas são perpassadas por informações e conhecimentos, bem como compartilham os seus próprios saberes. O autor também afirma que a vida é inevitavelmente permeada pela educação “para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (BRANDÃO, 1981 apud MOREIRA, 2020, p.09). Essa é a chamada Educação Informal, em que o conhecimento é construído no âmbito familiar e no convívio entre a comunidade com transmissão de saberes tradicionais intrínsecos à cultura e ao tempo. Já a Educação Formal, é a transmitida no círculo escolar e tem como base a escrita. Ainda existe uma terceira definição: a Educação Não-Formal. Por meio desta aprendemos com situações da vida, nos espaços comuns e em ações coletivas. (GOHN 2006 apud MOREIRA, 2012).

Para a presente pesquisa, os conceitos de Educação Informal e Não-Formal, se aproximam da reflexão pretendida. Esse enquadramento se dá tanto pelo fato de que a educação, neste caso, está atrelada à comunicação, mas também pelo fato de que Educação Formal, muitas vezes, não cumpre seus objetivos por conta do formato estrito em que se encontra. Essa visão crítica referente à educação nos moldes tradicionais é trazida por Paulo Freire, um dos principais teóricos sobre a educação humanizada e libertadora. Segundo o autor, a educação antidialógica, ou seja, meramente transmissora de conteúdos, em que o educador apenas transfere saberes aos educandos, aprisiona os sujeitos.

A educação que, para ser verdadeiramente humanista, tem que ser libertadora, não pode, portanto, caminhar neste sentido. Uma de suas preocupações básicas, pelo contrário, deve ser o aprofundamento da tomada de consciência que se opera nos homens enquanto agem, enquanto trabalham. Este aprofundamento da tomada de consciência, que se faz através da conscientização, não é, e jamais poderia ser, um esforço de caráter intelectualista, nem tampouco individualista. Não se chega à conscientização por uma via psicologista, idealista ou subjetivista, como tampouco se chega a ela pelo objetivismo, por todas as razões a que já fizemos referência. Assim como a tomada de consciência não se dá nos homens isolados, mas enquanto travam entre si e o mundo relações de transformação, assim também somente aí pode a conscientização instaurar-se. (FREIRE, 2013, p.67)

Ao analisar o trecho citado é possível conceber que Freire propõe que todos os sujeitos do processo explorem seus saberes e os compartilhem, pois quando ocorre o contato com o terreno dos conhecimentos diversos, amplia-se a consciência sobre o mundo possível de novas descobertas. Assim, a educação libertadora se desvencilha dos moldes pedagógicos criados e solidificados a partir da Revolução Industrial.

A comunicação, no seu sentido mais amplo, é uma característica intrínseca a todos os seres vivos. Para os seres humanos, as formas de estabelecer a comunicação se transformaram e foram adquirindo complexidade com a evolução da linguagem e dos meios. Porém, a essência do processo comunicativo, que é tornar uma mensagem comum, inteligível para todos os interlocutores, permanece desde as primeiras civilizações. Assim, conforme explica Ruesh (1972, p. 82-83 apud SANTAELLA, 2001, p. 14):

Uma ação torna-se uma mensagem quando é percebida tanto pelo próprio ser quanto por outras pessoas. Em outras palavras: os sinais de trânsito se tornam mensagens quando há um receptor que, no lugar de destino, pode avaliar o significado destes sinais. Tal definição inclui a comunicação entre seres humanos e animais, assim como entre os próprios animais. De fato, todos os organismos biológicos, incluindo as plantas, recebem, avaliam e enviam mensagens. Resumindo: a comunicação é um princípio de organização da natureza.

A palavra comunicação vem do latim *comunicare* que significa tornar comum, compartilhar uma mensagem. Esse compartilhamento de sentidos e significados foi – e ainda é – fundamental para a sobrevivência e evolução da espécie, uma vez que diversas transformações só foram possíveis por meio do trabalho conjunto e cooperado. Nessa linha de pensamento, Braga e Calazans (2001 apud MOREIRA, 2020, p.12) trazem o conceito de que a comunicação é "conatural" ao ser humano, mas que foi efetivamente sistematizada como é conhecida atualmente no século passado.

Para agir em comum os seres humanos interagem. Desde que se pode identificar a existência de grupos humanos, na pré-história mais remota, existe "comunicação social". Em contraste com este truísmo, entretanto, é interessante perceber que esta questão de como os homens se comunicam - só se coloca na sua forma atual a partir do início do século XX.

O educador Paulo Freire (2013) também se ocupou em estudar a comunicação na interface com a educação e a definiu como esse ponto comum entre os interlocutores:

[...] a comunicação eficiente exige que os sujeitos interlocutores incidam sua "ad-miração" sobre o mesmo objeto; que o expressem através de signos linguísticos pertencentes ao universo comum a ambos, para que assim compreendam de maneira semelhante o objeto da comunicação. (FREIRE, 2013, p.61)

Diante do exposto, é possível entender que esse ponto de intersecção entre os sujeitos do processo comunicativo se dá por meio da dialógica. É neste sentido que Paulo Freire (2013) também coloca que a educação é comunicação, uma vez que pressupõe uma relação dialógica entre educador e educandos. Ele afirma que para concretizar um saber não basta um dos interlocutores dominar o assunto e transmitir sua visão para o outro, pois, para a comunicação acontecer, o objeto de pensamento precisa gerar significação do significado para ambas as partes, ou seja, fazer sentido

para os sujeitos envolvidos no processo, para que o conhecimento seja apreendido por meio da verdadeira comunicação – tornar comum.

A partir das contribuições teóricas, principalmente de Freire e Soares, é possível perceber que a educação e a comunicação em sua confluência – educomunicação – não podem ser compreendidas no seu sentido instrumental estrito de transmissão de conhecimento e informação. Para que os processos, tanto educativos quanto comunicativos, sejam efetivos no que tange à contribuição para formação de cidadãos críticos é preciso levar em conta a essência do compartilhamento e dialeticidade. É neste sentido que a educomunicação é defendida nesta pesquisa como forma de contribuir para a ampliação de consciência da sociedade sobre as mais diversas questões pertinentes à vida, neste caso, com foco na proteção do meio ambiente.

7.1.2. Educomunicação e Jornalismo

A proximidade entre a linguagem jornalística e a linguagem pedagógica se configura em diversos momentos no exercício da profissão. Devido ao fato de que os veículos de comunicação - sejam de massa ou especializados – se dirigem a um público diverso, a capacidade de explicar os acontecimentos se torna de suma importância. Principalmente quando são abordadas nas pautas áreas de conhecimento específicas como economia, saúde, meio ambiente e ciência em geral. Para Antônio Fausto Neto (1991 apud LOOSE; GIRARDI, 2009, p.02), a linguagem pedagógica permeia o discurso jornalístico “na medida em que os sistemas de comunicação de massa se convertem ou são convertidos em novas janelas de ‘explicação’ escolar e ética dos processos sociais”. Ele ainda traz que o jornalista lida com os diversos saberes negociando formas de apropriação antes de traduzi-los por meio da narrativa.

Outro ponto que justifica o aspecto educacional da mídia é a característica de chancela de opiniões. Muitas pessoas formulam seu pensamento, constroem uma visão de mundo, suas verdades e conceitos a partir do que é veiculado nos meios de comunicação. As matérias, reportagens e documentários produzidos por jornalistas são tidos como fonte de conhecimento. Mas, é preciso refletir que:

Por mais que o jornalismo possua grande penetrabilidade na sociedade contemporânea, nem sempre aquilo que constrói para seus públicos recebe o entendimento adequado. Faz parte do papel de jornalista estar atento para noticiar de modo que haja compreensão por parte do receptor da informação. O cuidado com os modos de dizer, com a linguagem acessível e a oferta de quadros, infográficos e ilustrações que melhorem o entendimento do conteúdo a ser publicado são preocupações, sem dúvida, relacionadas ao campo pedagógico. (LOOSE; GIRARDI, 2009, p.02)

Assim como a educação, o jornalismo, por meio da comunicação, se torna um meio de propagação de saberes e ensinamentos capazes de ajudar na formação de cidadãos críticos. Aliás, o “jornalismo exerce um compromisso social, afinal somente por meio da informação e, conseqüentemente da construção de dados conhecimentos a partir dela, é que a cidadania pode ser exercida” (LOOSE; GIRARDI, 2009, p.06). A partir desta premissa é possível visualizar o ponto comum e a interface das áreas do conhecimento que se conjugam na educomunicação. Logo, tanto como aparato pedagógico, quanto como recurso da narrativa jornalística, a educomunicação contribui com a formação de uma sociedade integralmente responsável.

7.2 Narrativas Jornalísticas

O jornalismo é a atividade que tem como principal função ser uma ponte entre os fatos e os espectadores/ouvintes/leitores. Está no senso comum que o ofício do jornalista consiste em narrar histórias reais tendo como principal compromisso a verdade. Porém, assim como na ficção, a narração de fatos pode se dar de diversas formas uma vez que a linguagem é ampla, complexa e permissiva enquanto estilos textuais. Cada forma de estruturar e contar uma história vai gerar efeitos distintos, uma vez que a narrativa é capaz de sensibilizar, emocionar, inquietar, conscientizar e despertar diversas reações psicológicas e cognitivas nos interlocutores.

Para aprofundar o tema, este capítulo utilizará como base teórica o livro “Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura”, de autoria de Edvaldo Pereira Lima (2004), bem como os estudos de Edson Fernando Dalmonete (2011) sobre narrativa jornalística e narrativas sociais.

Antes de adentrar aos aspectos e diferentes formas de emprego da narrativa, é preciso caracterizá-la. A narração, segundo Lima, contém elementos básicos como

a situação, no jornalismo, contada por meio do lead²⁹; a intensidade, que exprime o acontecimento na ordem emocional; e ambiente, onde entra a descrição do meio físico ou mental referente ao fato. O autor também cita a definição de narração concebida por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari:

[...] a ordenação de fatos, de natureza diversa, externos ao relator (mesmo quando o narrador é parte dos fatos, isto é, participa da ação que está sendo narrada). No texto comunicativo, os acontecimentos (desde a mais simples notícia até a grande-reportagem), situados no nível de uma seqüência temporal, constituem uma narrativa. (SODRÉ; FERRARI, 1977 apud LIMA, 2004, p.147)

A narrativa compreende o ato de contar uma história envolvendo recursos como linguagem verbal e/ou visual, cronologia, angulação, ponto de vista e edição³⁰. Importante lembrar que a estrutura da narração adquire diferentes formatos de acordo com o meio em que será veiculada – impresso, televisão, rádio, internet.

Sobre a narrativa jornalística, especificamente, Lima (2004, p.161) traz uma definição baseada no pressuposto de que o jornalista presencia os fatos para contá-los:

A narrativa jornalística é como um aparato ótico que penetra na contemporaneidade para desnudá-la, mostrá-la ao leitor, como se fosse uma extensão dos próprios olhos dele, leitor, naquela realidade que está sendo desvendada. Para cumprir tal tarefa, a narrativa tem de selecionar a perspectiva sob a qual será mostrado o que se pretende. Em outras palavras, deve optar na escolha dos olhos - e de quem - que servirão como extensores da visão do leitor.

O autor propõe que o jornalista é o sujeito responsável pela concepção da narrativa a partir de suas percepções, subjetividades e técnicas. Nesse contexto, Dalmonte (2011) afirma que a narrativa jornalística tem funções mais profundas do que apenas cumprir a burocracia de responder as perguntas do lead e descrever o acontecimento em questão. Principalmente na sociedade contemporânea, que lida com a comunicação integrada através das tecnologias, “o desafio é exatamente ir além e questionar os novos elementos que compõem a narrativa jornalística”

²⁹ As seis questões que norteiam a produção jornalística: O quê? Quem? Quando? Como? Onde? Por quê?

³⁰ Sobre esse assunto, é importante recuperar a contribuição do Doutor em Ciências da Comunicação e Pós-doutor em Educação, Edvaldo Pereira Lima (2004). Na obra *Páginas Ampliadas*, o autor aborda os diversos aspectos da construção da narrativa de forma mais aprofundada, delineando todo o processo de contação de uma história com foco no jornalismo literário avançado.

(DALMONTE, 2011, p. 216). É neste fluxo de um processo comunicacional complexo, atravessado por diversas narrativas cotidianas que:

O jornalismo se constitui como lugar de articulação de discursos sociais, com base no diálogo de interesse público e, conseqüentemente, agente mediador entre o mundo dos fatos e a instância de leitura/recepção. Toda a comunicação que interessa à opinião pública é mediada pela instância jornalística, que confere uma aura de importância ao que é narrado, pressupondo um processo de seleção dos fatos, apuração e articulação de vozes conflituosas etc. (DALMONTE, 2011, p. 216)

O autor também salienta que um dos principais objetivos da narrativa jornalística é produzir o efeito do real, por meio de recursos textuais e visuais como fotos ou imagens, no caso do telejornalismo. “A apresentação do real é a condição necessária que justifica a existência do jornalismo” (DALMONTE, 2011, p.219). Porém, Dalmonte (2011) destaca que a própria narrativa de um fato é uma versão do acontecimento, não a apresentação fidedigna do real já que este pressupõe experiência empírica. Assim, destaca-se o conceito de irrealização trazido por Metz (2007 apud DALMONTE, 2011, p. 220):

[...] a partir do momento em que a narrativa é percebida como real, ou seja, uma sequência temporal, com início e fim, tem-se, como consequência, o fato de “irrealizar a coisa-narrada”. Por irrealização, o autor define os limites entre o vivido e o narrado. Todo ato de narrar pressupõe um afastamento, no que concerne o mundo real, ou seja, um ato de irrealização, pois o real apenas acontece como ação única, pressupondo a presença.

É preciso também levar em consideração a linha de abordagem que o jornalista adota nas produções de notícias, pois a forma como a história é contada tem a possibilidade de impactar a opinião pública. Portanto, todo o processo precisa ser pensado de acordo com o objetivo final e responsabilidade ética da profissão, passando por “[...] escolher uma abordagem, uma palavra, uma imagem, cores; angular é saber onde e como colocar determinado componente no texto, de maneira que a idéia apresentada seja a mais próxima daquilo que se pretendeu”. (TORQUATO, 1984 apud LIMA, 2004, p.158).

Para atender às necessidades desta pesquisa, é preciso levar em consideração as características da narrativa jornalística na televisão. Por ser um veículo onde a imagem predomina, por vezes, mais que o texto oral, a forma de estruturar e contar uma história na TV tem suas peculiaridades. Como referência serão utilizados estudos

de Rosa Maria Bueno Fischer (2001) que fazem a relação entre a linguagem da TV e Educação. A autora aborda no seu livro *Televisão e Educação: fruir e pensar a TV* como as narrativas televisivas podem se constituir como meio de educação da sociedade, trazendo o conceito de “dispositivo pedagógico da mídia”. Fundamentada em pensamentos do filósofo Michel Foucault, ela aborda como a mídia participa da construção de sujeitos e subjetividades, a partir da geração de significações por meio de imagens e saberes que se dirigem à educação das pessoas, ensinando-lhes modos de ser e estar na cultura em que vivem. (FISCHER, 2001).

Nesse sentido, defendo à a tese de que a TV, na condição de meio de comunicação social, ou de uma linguagem audiovisual específica ou ainda na condição de simples eletrodoméstico que manuseamos e cujas imagens cotidianamente consumimos, tem uma participação decisiva na formação das pessoas - mais enfaticamente, na própria constituição do sujeito contemporâneo. Pode-se dizer que a TV, ou seja, todo esse complexo aparato cultural e econômico - de produção, veiculação e consumo de imagens e sons, informação, publicidade e divertimento, com uma linguagem própria - é parte integrante e fundamental de processos de produção e circulação de significações e sentidos, os quais por sua vez estão relacionados a modos de ser, a modos de pensar, a modos de conhecer o mundo, de se relacionar com a vida. (FISCHER, 2001, p.18-19)

Diante do exposto, destaca-se a importância de pensar a narrativa de cada produto audiovisual, já que a linguagem bem como as emoções e sentimentos geradas sobre o espectador se diferem. Ou seja, uma telenovela tem uma narrativa e finalidade diferentes de um telejornal, de uma grande reportagem ou de um programa de TV. Uma das primeiras condicionantes da linguagem televisiva é a captação da atenção do telespectador. Tendo em vista que muitas pessoas assistem aos conteúdos de uma forma dispersiva, fazendo outras tarefas ou, mais recentemente, lidando com diversas telas ao mesmo tempo, a narrativa na TV precisa ser clara e simples, sem ser rasa. Assim, seleciona-se personagens, imagens, enfoques, linguagem e sons para obter a atenção e interação do público (FISCHER, 2001).

As imagens são outro ponto fundamental dado o fato de que a televisão é um aparato audiovisual. Sendo assim, os “recortes”, seleção de cenas e enquadramentos comunicam tanto quanto a palavra falada ou elementos gráficos utilizados na composição do conteúdo. Portanto, estudiosos e pesquisadores de televisão sempre salientam a importância da harmonia entre o texto oral e as imagens para que a informação seja compreendida pelo telespectador. É essa combinação que também vai despertar sentimentos e emoções no público a partir da narrativa.

É possível conceber que a televisão, enquanto instrumento de comunicação social, tem um papel fundamental no que diz respeito à disseminação de informações e conteúdos que interagem direta e indiretamente com a vida das pessoas. Junto à esta premissa, é preciso pensar sobre a responsabilidade ética e moral de todos os profissionais produtores de conteúdos específicos para esse veículo e, retomando o enfoque desta pesquisa, no jornalismo televisivo. Como mencionado, as narrativas são capazes de sensibilizar, mobilizar, auxiliar na ampliação de consciência das pessoas, sendo um instrumento importante que a sociedade tem nas mãos para a promoção da educação socioambiental.

7.3 Jornalismo Ambiental

O jornalismo ambiental é um ramo especializado do jornalismo atrelado, inicialmente, ao jornalismo científico. O segmento tomou proporção na década de 1960, principalmente na Europa e Estados Unidos, devido à emergência das discussões ambientais. No Brasil, com a atuação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e com a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC) em 19 de setembro de 1977, o jornalismo ambiental ganhou um impulso mesmo sendo considerado uma subárea do jornalismo científico, status que manteve até o final dos anos 1980. (BELMONTE, 2015)

A área temática do jornalismo se consolidou de forma independente, sobretudo, a partir de 1989 com a realização do Seminário para Jornalistas sobre População e Meio Ambiente promovido pela Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) (BELMONTE, 2015). Outro evento que se caracterizou como um marco para a cobertura jornalística ambiental no País foi quando o Brasil sediou a “Conferência Rio 92” - conhecida como Cúpula da Terra - que reuniu representantes de 172 países e 108 chefes de estado para discutir questões referentes ao desenvolvimento sustentável. A partir deste episódio, redações e veículos especializados ou não na área ambiental passaram a dar mais atenção para as questões referentes ao clima, ecologia, sustentabilidade, acompanhando o crescimento dos movimentos ambientalistas.

A instauração da *Agenda 2030*, em 2015, também contribuiu para que as pautas sócio ambientais ganhassem mais espaço na mídia. Tendo em vista que os 193 Estados-membros da Organização das Nações Unidas (ONU) se

comprometeram em erradicar a pobreza e promover a manutenção de todas as formas de vida do planeta por meio dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), o jornalismo tornou-se um meio de fiscalização dos governos cobrando as ações. Além disso, por meio das mídias é possível tornar de conhecimento da sociedade os ODS, para que todos possam participar dessa mudança; uma vez que é necessário o engajamento de todos para que os objetivos estabelecidos pela *Agenda 2030* sejam alcançados.

Acontecimentos mais recentes na história do Brasil como as discussões referentes à construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte (1989-2016), no Pará, as tragédias ambientais nas barragens de mineração da Vale, em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), ambas em Minas Gerais, aumentos sucessivos no desmatamento da Amazônia e as queimadas históricas no Pantanal (2020), também despertaram um interesse maior por parte da imprensa e do público sobre os assuntos referentes ao meio ambiente.

É justamente este viés de interesse do jornalismo ambiental – as tragédias – que se torna alvo de críticas de ambientalistas e estudiosos da área. Uma das principais condutas questionadas é a falta de produções dos veículos de comunicação que contribuam para o entendimento de que tudo está interligado e de que os seres humanos, as cidades, o meio urbano e industrializado também fazem parte do meio ambiente. Segundo Belmonte (2004), para muitas pessoas o meio ambiente é sinônimo de fauna, flora, rios. Ainda, boa parte da população ignora que os seres humanos, as cidades, favelas e meio rural fazem parte da natureza.

Por isso queimada na Amazônia ou vazamento da Petrobras é manchete. Nada mais "coerente". O problema é que a notícia, na maioria dos casos, não explica que amanhã a molécula da água do rio contaminado vai fazer parte do corpo humano. E raramente relaciona a destruição da floresta tropical com a mudança do clima no Centro-Sul. Parece sempre que o problema é do vizinho, do prefeito, do ecologista, do técnico, do empresário. [...] Dificilmente percebemos, após assistir, ouvir ou ler um noticiário, que também temos responsabilidade social e ambiental pelo que está acontecendo. (BELMONTE, 2004, p.27)

É pensando nesta deficiência de um jornalismo ambiental mais propositivo que esta pesquisa busca questionar a atual prática e trazer exemplos de um fazer profissional que possa ser um dispositivo de ampliação de consciência sobre os cuidados para com o planeta e transversalidades da vida. Muitos jornalistas e veículos de comunicação já se dedicam a produzir conteúdos aprofundados sobre o meio

ambiente, dada a urgência do tema. São materiais, inclusive, com o viés educativo e que buscam propor soluções, mudanças de hábitos e comportamentos que podem ser adotados pelos governos, empresas e cidadãos. Desta forma, se propõe uma prática jornalística com funções para além das tidas como clássicas, de apurar, curar, estruturar e veicular informações. Conforme Ilza Maria Tourinho Girardi (2018, p.19), uma reportagem de Jornalismo Ambiental deve:

[...] mostrar uma visão sistêmica dos fatos; dar conta da complexidade dos eventos ambientais; contemplar a diversidade dos saberes e não ser refém de fontes oficiais; defender a biodiversidade e a vida em sua plenitude, o que significa deixar de ser imparcial; assumir seu papel educativo, cidadão e transformador.

Este é um tema muito recorrente abordado pelos principais pensadores e estudiosos do jornalismo ambiental: o caráter educativo. Porém, as redações e veículos de imprensa ainda encontram dificuldades para abrir espaço para editoria de meio ambiente, bem como os profissionais se deparam com a falta de preparo para fazer reportagens que abordam as pautas de forma profunda, contemplando a complexidade do assunto. Não raro, as matérias – sejam impressas, online, em áudio, ou audiovisual – se tornam burocráticas e rasas, apenas com uma exposição de dados, sem fazer a relação e a conexão de causas, efeitos e o que a sociedade pode fazer para modificar essa realidade. As tragédias ambientais também protagonizam a abordagem dos veículos que, muitas vezes, se detêm ao acontecimento e repercussão imediata, sem aprofundar a discussão sobre os motivos que desencadearam o episódio e como a humanidade está interferindo no equilíbrio do planeta.

A cobertura ambiental qualificada ainda carece de espaço e tempo nos veículos de comunicação das principais cidades do Brasil. Seja para falar dos problemas que diminuem a qualidade de vida nas zonas urbanas, seja para mostrar as alternativas ecológicas que já existem e têm capacidade de mudar o modo como as pessoas compreendem e se relacionam com o ambiente em que vivem. (BELMONTE, 2004, p. 26)

Como sinaliza o autor, entende-se o jornalismo como um meio de propagação de informações, conhecimentos e fatos capazes de chegar aos mais variados públicos. Por meio desta ponte midiática, também devem circular os bons exemplos e dicas de condutas que contribuam com o bem comum e com a ampliação de consciência sobre a generosa Terra que a todos abriga.

7.4 Cidades e Soluções

O *Cidades e Soluções* é um programa jornalístico de televisão veiculado na Globo News desde outubro de 2006. Idealizado e apresentado pelo jornalista André Trigueiro, o objetivo do programa é abrir espaço na televisão para as experiências que dão certo, que transformam para melhor a vida das pessoas através do uso inteligente e sustentável dos recursos. Em boa parte dos casos, são experiências simples, de baixo custo e fáceis de serem replicadas³¹.

Em treze anos de existência e mais de quatrocentas edições, o *Cidades e Soluções* abordou diversas pautas ligadas ao meio ambiente, sustentabilidade, sociedade e tecnologia. Conforme explana Trigueiro (2017, p.07), no livro homônimo, os assuntos do programa “inspiraram projetos de lei, políticas públicas, novos conteúdos pedagógicos em universidades e escolas, e foram incorporados nos mais diversos espaços e instâncias - do planejamento estratégico de empresas a reuniões de condomínio”. Ou seja, concretizou-se a premissa de que o jornalismo pode mudar a vida das pessoas e ser um mecanismo de ampliação de consciência coletiva sobre as questões socioambientais.

Conforme o próprio nome sugere, o *Cidades e Soluções* se enquadra na definição de jornalismo de soluções. O conceito perpassa pela concepção, abordagem e enfoque das produções jornalísticas nas alternativas para mitigar ou resolver os problemas apresentados. A ideia de um jornalismo mais propositivo que contribua com a sociedade no sentido de tentar oferecer algumas respostas surge, também, como forma de fazer frente ao jornalismo imbuído em uma narrativa negativa. Segundo Wenzel, Gerson e Moreno (2016 apud LOOSE, 2019) submeter o público a mensagens negativas pode resultar em um ressentimento, apatia ou afastamento gerando uma resposta igualmente negativa. Os estudiosos citam o efeito bumerangue, ou seja, o que é entregue é também devolvido. A respeito dos assuntos climáticos, tratar do tema apenas sob viés catastrófico pode gerar um sentimento de impotência e desesperança nas pessoas, afastando-as da possibilidade de ação e enfrentamento dos problemas.

³¹ Sinopse do programa disponível em <http://g1.globo.com/globo-news/cidades-e-solucoes/platb/>.

Além dos efeitos do enquadramento negativo, que tende a gerar medo, vinculado à paralisia ou apatia diante de um problema de proporção global e efeitos irreversíveis, é preciso lembrar que as pessoas possuem mecanismos psicológicos para manejar o risco ou a ameaça, já que precisam lidar no seu dia a dia com uma quantidade grande de problemas de diferentes ordens e impactos. Os estudos de percepção de risco revelam que nós temos um conjunto finito de preocupações e que há fatores culturais, afetivos, cognitivos, econômicos, dentre outros, que selecionarão aqueles riscos com que realmente iremos nos preocupar a fim de garantir nossa sobrevivência psicológica. Pesquisas apontam que as pessoas tendem a considerar mais as ameaças de curto prazo do que as de longo prazo, por exemplo, e que o excesso de exposição pode acarretar entorpecimento emocional (SHOME e MARX, 2016 apud LOOSE, 2019, p. 92-93).

Neste contexto, em que o jornalismo convencional deixa de aprofundar as pautas, causando o afastamento ou inércia do público, o jornalismo de soluções vem com uma nova proposta: apontar alternativas para a sociedade. Esse movimento que se encontra em franca expansão, tornou-se ainda mais visível a partir de 2012 com a criação do *Solutions Journalism Network*³². A rede fundada pelos jornalistas David Bornstein, Tina Rosenberg e Courtney Martin busca promover o jornalismo de soluções como uma categoria jornalística capaz de auxiliar a sociedade a lidar com os desafios do século XXI (SOUZA, 2017).

A organização sem fins lucrativos atua em frentes como educação de novos jornalistas em prol de uma comunicação mais positiva e propositiva com o apontamento de soluções; mudança de cultura jornalística dentro das redações para promoção do jornalismo de soluções; divulgação massiva da proposta de abordagens jornalísticas com foco na resolução dos problemas enfrentados pela sociedade. Por meio dessas práticas, o *Solutions Journalism Network* busca alcançar os seguintes objetivos:

a) mudar a prática jornalística: a fim de que repórteres e editores abracem o jornalismo de soluções e o transformem em uma prática sustentável dentro das redações; b) mudar o relacionamento entre as organizações de notícias e as audiências: por meio de notícias com componentes de soluções que engajam os cidadãos de maneira que são demonstrativamente mais poderosas e mutualmente benéficas do que as histórias que só pensam nos problemas; c) mudar a relação entre a audiência e os problemas: jornalismo de soluções gera conversas públicas mais instruídas que podem melhorar a cidadania, levando para um maior engajamento social e solução do problema. (SOUZA, 2017, p. 62-63)

³² Organização sem fins lucrativos da sociedade civil. Mais informações em <https://www.solutionsjournalism.org/>

As metas citadas por Souza (2017), bem como as características do jornalismo de soluções, já estão presentes em algumas redações e direcionam o trabalho de jornalistas mundo afora. Um dos exemplos é o programa *Cidades e Soluções*, que trabalha dentro dos moldes jornalísticos citados mesmo antes da criação do *Solutions Journalism Network*. Dado este fato, o programa torna-se objeto de estudo desta pesquisa já que - além do foco em apresentar alternativas para os problemas ambientais e demonstrar exemplos de como utilizar os recursos naturais de forma eficiente, sustentável e responsável - o *Cidades e Soluções* também exerce um papel educativo. É neste aspecto que se apresentam os elementos educacionais: na tradução da linguagem científica, na demonstração de como fenômenos ocorrem, na explicação das causas e efeitos de ações humanas, sobretudo, na vida nas cidades.

O jornalismo, no contexto urbano, é uma ferramenta de educação ambiental. Os veículos de comunicação devem fazer campanhas públicas, informar sobre novos estilos de vida, abrir espaço para idéias alternativas, cobrar soluções criativas do poder público. Também é função da imprensa melhorar a qualidade de vida nas cidades. Não se trata de substituir livros didáticos por reportagens de jornais, nem transformar as páginas dos diários em apostilas escolares. Eles são complementares. (BELMONTE, 2004, p. 35-36)

A função social do jornalismo é a essência da profissão, defendida por estudiosos da área e ensinada nos bancos acadêmicos. Ao analisar o contexto contemporâneo, de um mundo que clama por mudanças para continuar existindo, os jornalistas se tornam ainda mais imprescindíveis enquanto agentes produtores de conteúdos e portadores de mecanismos capazes de impulsionar o processo de ampliação de consciência coletiva, se exercido com tal propósito. Cabe às redações, aos profissionais e à sociedade fazer a escolha de qual jornalismo e qual planeta serão cultivados a partir do presente momento. Para que as decisões sejam tomadas, as pessoas precisam ter acesso aos fatos, às histórias, aos exemplos e as alternativas. Assim, o jornalismo de soluções pode cumprir com esta função e auxiliar a humanidade a efetuar a mudança de rumo em prol da manutenção das mais diversas formas de vida.

8 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1. Introdução
2. Aspectos metodológicos
3. Educomunicação
4. Narrativas jornalísticas
5. Jornalismo e meio ambiente
6. Campo (programa Cidades e Soluções)
7. Considerações finais
8. Referências Bibliográficas

9 CRONOGRAMA

Atividade	Período
Entrega do projeto final - Monografia I	DEZEMBRO/2020
Continuação da revisão bibliográfica	JANEIRO-FEVEREIRO/2021
Retomada das reuniões com a orientadora e continuação da revisão	MARÇO/2021
Análise de conteúdo e revisão da metodologia	ABRIL-MAIO/2021
Revisão final de texto e montagem da apresentação	JUNHO/2021
Apresentação do trabalho final à banca	JULHO/2021

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Cartografia de Saberes na Pesquisa em Turismo**: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. Rosa dos Ventos, v. 6, p. 342-355, 2014.

BELMONTE, Roberto Villar. Cidades em Mutação: menos catástrofes e mais ecojornalismo. In: BOAS, Sergio Vilas. **Formação e Informação Ambiental**: jornalismo para iniciados e leigos. São Paulo: Summus, 2004. p. 15-48.

COMUNICAÇÃO & EDUCAÇÃO. São Paulo: Segmento, n. 19, set./dez. 2000. Trimestral.

DALMONTE, Edson. **Narrativa jornalística e narrativas sociais**: Questões acerca da representação da realidade e regimes de visibilidade. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/1802>. Acesso em: 21 nov. 2020

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a tv. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 145 p. Coleção Temas e Educação. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br/Acervo/Publicacao/53948>. Acesso em: 30 nov. 2020.

GIRARDI, Ilza Maria Tourinho (org.). Um Semestre Muito Especial: o surgimento da primeira disciplina de jornalismo ambiental. In: GIRARDI, Ilza Maria Tourinho; MORAES, Cláudia Herte de; LOOSE, Eloisa Beling; BELMONTE, Roberto Villar. **Jornalismo Ambiental**: teoria e prática. Porto Alegre: Metamorfose, 2018. p. 1-175. Disponível em: <file:///C:/Users/Isadora/Downloads/JornalismoAmbiental-teoriaeprtica.pdf>. Acesso em: 24 out. 2020.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013. Tradução de Rosiska Darcy de Oliveira. Disponível em: https://www.academia.edu/38319324/Paulo_Freire_Extens%C3%A3o_ou_comunica%C3%A7%C3%A3o_pdf. Acesso em: 02 nov. 2020.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 3. ed. Barueri, Sp: Manole, 2004. 371 p.

LOOSE, Eloisa Beling; GIRARDI, Ilza Maria Tourinho. **O Jornalismo Ambiental e seu Caráter Educativo**. In: XXXII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba, Pr. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, Pr: Intercom, 2009. p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-2024-1.pdf>. Acesso em: 04 out. 2020.

LOOSE, Eloisa Beling. Jornalismo de soluções e mudanças climáticas: estudo sobre a cobertura da mitigação no site brasileiro g1. In: FERNÁNDEZ-REYES, Rogelio; RODRIGO-CANO, Daniel (org.). **La Comunicación de la Mitigación Ante la Emergencia Climática**. Sevilla: Ediciones Egregius, 2019. Cap. 4. p. 1-278. Colección Comunicación y Pensamiento. Disponível em:

file:///C:/Users/Isadora/Downloads/Lacomunicacindelamitigacinantelaemergenciatic.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.

MOREIRA, Anderson Luiz. **O perfil e a atuação dos/as comunicadores/as em projetos de educomunicação dos movimentos populares**. 2012. 146 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Comunicação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Pr, 2012. Disponível em: file:///C:/Users/Isadora/Desktop/MONO%20I/R%20-%20D%20-%20MOREIRA,%20ANDERSON%20LUIZ.%20EDUCOMUNICA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em: 01 nov. 2020.

MOTTER, Maria Lourdes. Produção de Sentido: elo entre comunicação e educação. **Comunicação e Educação**, São Paulo, n. 19, p. 82-90, set/dez. 2000. Trimestral.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e Pesquisa: Projetos para Mestrado e Doutorado**. São Paulo: Hacker Editores, 2001. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/16778938/comunicacao-e-pesquisa-santaella-lucia-livro-completo>>. Acesso em: 06 nov. 2020.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

SOUZA, Mariana Göelzer de. **Jornalismo de Soluções: um caminho possível**. 2017. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Biblioteconomia e Comunicação Com Habilitação em Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/177692/001063353.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 04 nov. 2020.

SOUZA, Suyanne Tolentino de. Educação e Comunicação: as relações entre essas ciências e suas contribuições para o diálogo nas diferentes formas de abordagem do tema. In: SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (org.). **Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural**. São Paulo: Abpeducom, 2017. Cap. 8. p. 1-949. Disponível em: file:///C:/Users/Isadora/Desktop/MONO%20I/Livro%20Educom.pdf. Acesso em: 04 nov. 2020.

TRIGUEIRO, André. **Cidades e Soluções: como construir uma sociedade sustentável**. Rio de Janeiro: Leya, 2017. 331 p.